

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE
GERIATRIA E GERONTOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA BIOMÉDICA

SÔNIA BEATRIZ DA SILVA GOMES

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FINITUDE DA VIDA ATRAVÉS DOS
SIGNIFICADOS DO MUNDO VIVIDO E NÃO VIVIDO**

Porto Alegre
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA BIOMÉDICA

SÔNIA BEATRIZ DA SILVA GOMES

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FINITUDE DA VIDA ATRAVÉS DOS
SIGNIFICADOS DO MUNDO VIVIDO E NÃO VIVIDO**

Porto Alegre
2017

Ficha Catalográfica

G633c Gomes, Sônia Beatriz da Silva

A Construção social de finitude através dos significados do
vivido e não vivido / Sônia Beatriz da Silva Gomes . – 2017.
125 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia
Biomédica, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Jociane de Carvalho Myskiw.

Co-orientador: Prof. Dr. Francisco Arseli Kern.

1. Finitude. 2. Fé. 3. Longevos. 4. Qualidade de vida. 5. Maristas.
I. Myskiw, Jociane de Carvalho. II. Kern, Francisco Arseli. III.
Título.

SÔNIA BEATRIZ DA SILVA GOMES

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FINITUDE DA VIDA ATRAVÉS DOS
SIGNIFICADOS DO MUNDO VIVIDO E NÃO VIVIDO**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Doutor em Gerontologia Biomédica.

Orientadora: Jociane de Carvalho Myskiw
Co-orientador: Francisco Arseli Kern

Porto Alegre
2017

SÔNIA BEATRIZ DA SILVA GOMES

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FINITUDE DA VIDA ATRAVÉS DOS
SIGNIFICADOS DO MUNDO VIVIDO E NÃO VIVIDO**

Tese apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Doutor pelo Programa
de Pós-Graduação em Gerontologia
Biomédica da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cleidilene Ramos Magalhães – UFCSPA

Profa. Dra. Márcia Salete Arruda Faustini – PUCRS

Prof. Dr. Alfredo Cataldo Neto – PUCRS

Prof. Dr. Ângelo José Gonçalves Bós – PUCRS

Porto Alegre
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida, o que me permite viver e compreender o significado da Fé Cristã.

Agradeço a meus pais Alteno José Gomes e Dorothi da Silva Gomes, que vivem hoje através da vida que deram a seus filhos e netos, mas especialmente por compartilharem comigo o significado de amor incondicional vivido no nosso cotidiano.

Agradeço a meus Irmãos Paulo, Sandra, Marcos (in memoriam) e Jorge, por me assegurarem uma infância de alegria, cuidado e segurança e aos filhos(as) que tiveram e que em diferentes momentos da minha vida nutriram a minha criança interior.

Agradeço ao Jean Carlos pela mútua escolha, apoio e presença inestimáveis neste momento importante da minha vida.

Agradeço as amigas da Confraria Aline, Alessandra, Michelle e Fernanda por simplesmente estarem presentes em meu coração independente da distância.

Agradeço aos colegas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pelo apoio e parceria sempre que necessário, somos uma equipe.

Agradeço aos meus Mestres e alunos(as) de todas as idades, por me desafiarem a ser uma pessoa melhor.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dr. Jociane de Carvalho Myskiwe ao meu co-orientador Prof. Dr. Francisco Arseli Kern pelo apoio, estímulo e respeito aos meus tempos e escolhas e especialmente a Prof^a Dr. Carla Schwanke.

Agradeço a São Marcelino Champagnat, inspirado na Boa Mãe, por ter fundado o Instituto Marista, há exatos 200 anos, e com isto permitir que existam os protagonistas deste trabalho, os Irmãos Maristas longevos com quem muito aprendi ao longo destes anos.

RESUMO

O século XXI reserva uma mudança no perfil populacional mundial, teremos cada vez mais pessoas com idade superior aos 60 anos de idade, as proporções da população “mais idosa”, ou seja, de mais de 80 anos da população brasileira, também está aumentando. Este contingente “mais idoso” necessita, diariamente, de cuidados e auxílio para realizarem as atividades de vida diária – AVDs. Fazem parte desta população longeva, religiosos consagrados que dedicaram sua vida a Deus a partir de uma congregação religiosa e, assim, dependem da estrutura da congregação para viver este período do Ciclo Vital, descrito como finitude. O objetivo geral desta investigação foi compreender a construção social de finitude de vida através dos significados do mundo vivido e não vivido pelos Irmãos Maristas na perspectiva do entendimento da fase de finitude do ciclo vital, a partir da construção, a posteriori, de categorias emergentes do processo articuladas com os grandes temas da formação da Vida Consagrada: Comunhão com a Natureza, Comunhão com os outros, Comunhão consigo mesmo e Comunhão com Deus. A abordagem desta investigação é qualitativa, e segue a técnica etnográfica, baseada nos registros sistematizados a partir dos diários de campo, entrevista etnográfica, fotos e filmagens realizados no período de setembro de 2012 a dezembro de 2013, do Projeto desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão – PROEX/PUCRS, para os moradores da Casa São José de Viamão. A pesquisa tomou como referência o método de análise a Fenomenologia Transcendental de Husserl, que pode estar voltada para a compreensão do processo de construção social do mundo vivido e não vivido pelos Irmãos Maristas, caracterizando-o como um projeto interdisciplinar. Participaram do estudo 13 Irmãos Maristas, com idade entre 76 e 94 anos, e 50 e 74 anos de Vida consagrada. A análise dos registros etnográficos indicou que os aspectos biológicos, psicológicos e sociais deste período de vida descrito como finitude dos participantes, retrata os significados da vida construída a partir dos valores Maristas, e são superados, em especial, pela constituição e preservação da Fé vivida, permeado pelas vicissitudes do processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Finitude. Construção social. Maristas.

ABSTRACT

The 21st century reserves a change in the world population profile, we will have more people over 60 years of age, the proportion of the population "older", that is, more than 80 years of the Brazilian population, is also increasing. This "older" contingent needs, daily, care and assistance to carry out the activities of daily living - ADLs. Part of this long-lived population are consecrated religious who dedicated their lives to God from a religious congregation and thus depend on the structure of the congregation to live this period of the Life Cycle described as finitude. The general objective of this research was to understand the social construction of finitude of life through the meanings of the world lived and not lived by the Marist Brothers in the perspective of understanding the finite phase of the life cycle, starting from the construction, a posteriori, of emerging categories of the Process articulated with the great themes of the formation of consecrated life: Communion with Nature, Communion with others, Communion with oneself and Communion with God. The approach of this research is qualitative, and it follows the ethnographic technique, based on the records systematized from the field journals, ethnographic interview, photos and filming performed from September 2012 to December 2013, of the Project developed by the Pro-Rectorate of Extension - PROEX / PUCRS, for the residents of Casa São José de Viamão. The research took as reference the method of analysis of Husserl's Transcendental Phenomenology, which may be aimed at understanding the process of social construction of the world lived and not lived by the Marist Brothers, characterizing it as an interdisciplinary project. The study included 13 Marist Brothers, aged between 76 and 94, and 50 and 74 years of Consecrated Life. The analysis of ethnographic records indicated that the biological, psychological and social aspects of this period of life described as finitude of the participants portray the meanings of life constructed from Marist values, and are overcome in particular by the constitution and preservation of Faith lived, permeated by the vicissitudes of the aging process.

Keywords: Finitude. Social construction. Marist Brothers.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Síntese dos resultados	100
---	-----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1	VIDA CONSAGRADA MARISTA.....	14
2.1.1	O fundador – Marcelino José Bento Champagnat	14
2.1.2	Virtudes de Maria e Conselhos Evangélicos.....	25
2.1.3	Formação para Vida Consagrada na Congregação Marista	27
2.1.3.1	<i>Etapas</i>	27
2.1.3.2	<i>Temas norteadores.....</i>	30
2.2	QUALIDADE DE VIDA – CONCEITOS E PERCEPÇÕES	45
2.3	ENVELHECER E MORRER, O PROCESSO DE FINITUDE E SUAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS	48
3	OBJETIVOS.....	54
3.1	GERAL	54
3.2	ESPECÍFICOS	54
4	HIPÓTESE	55
5	MÉTODO	56
5.1	MEMÓRIA DO PROJETO DA CASA SÃO JOSÉ.....	56
5.1.1	Etapa I – Processo de encaminhamento e construção do Projeto.	56
5.1.2	Etapa II – Execução das Atividades Aquáticas fase 1.	57
5.1.3	Etapa III – Execução das Atividades Aquáticas fase 2.....	58
5.2	DELINEAMENTO	58
5.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	59
5.4	ASPECTOS ÉTICOS.....	59
5.5	INSTRUMENTOS DE PESQUISA	59
5.6	ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES.....	60
6	PRIMEIRO ARTIGO	62

7	SEGUNDO ARTIGO.....	81
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
8.1	TRIANGULAÇÃO DOS RESULTADOS.....	107
9	CONCLUSÕES.....	111
	REFERÊNCIAS.....	112
	APÊNDICE A.....	117
	APÊNDICE B.....	118
	APÊNDICE C.....	119
	APÊNDICE D.....	120
	ANEXO A.....	121
	ANEXO B.....	122
	ANEXO C.....	124
	ANEXO D.....	125

1 INTRODUÇÃO

O século XXI reserva uma mudança no perfil populacional mundial, teremos cada vez mais pessoas com idade superior aos 60 anos de idade, haverá um aumento da população longeva. No ano 2000 o Brasil tinha 1,8 milhão de pessoas com 80 anos ou mais, em 2050 esse contingente poderá ser de 13,7 milhões segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2004), estes idosos necessitam diariamente de cuidados e auxílio para realizarem as atividades de vida diária (AVDs).

A impossibilidade de realizar as AVDs está, em alguma medida, relacionada ao estilo de vida sedentário, algo que se torna muito comum para os idosos acima de 75 anos, por mais que ao longo de suas vidas tenham sido pessoas fisicamente ativas.

O oferecimento de atividades de todas as ordens, especialmente as que incluam movimentos corporais ou atividade física/exercícios sistematizados, é fundamental para manter o máximo de independência e autonomia possíveis nesta fase da vida. Pode-se observar que, em média, quanto mais ativa a pessoa, melhor sua qualidade de vida. Dentre as diferenças observadas na qualidade de vida das pessoas que praticam atividade física comparadas com as que não praticam, não estão apenas os aspectos de saúde física, mas também aspectos psicológicos e cognitivos (ARAÚJO, 2013).

Para atender essa nova realidade surgem locais com estrutura adequada para que estas pessoas se sintam seguras e cuidadas, são as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs).

Os Irmãos Maristas da Província Sul Amazônia, contam com duas ILPIs, a Casa São José e a Residência Marista do Cerrito, localizadas, respectivamente, em Viamão e Santa Maria, destinadas ao cuidado dos Irmãos Maristas acima de 75 anos. Nestes espaços eles vivem em comunidade mais numerosa a fase do ciclo vital denominada finitude, fase do desenvolvimento humano onde se pode chegar ao fim da vida. A indicação de fazer parte destas comunidades se dá a medida que o Irmão Marista atinge um grau de dependência física e/ou cognitiva que pode comprometer sua saúde e integridade.

Para Oliveira (2013), as ILPIs têm a incumbência de cuidar quando o longo deixa de ter ligação com sua coletividade, prestando assistência e suporte a suas necessidades com o propósito de lhe proporcionar qualidade de vida em todos os momentos, incluindo os residentes em cuidados paliativos.

De acordo com Araújo (2013), a velhice pode aproximar a perspectiva da morte, mesmo com o aumento da expectativa de vida da população humana, viver é um processo

finito e a finitude passa a ser mais decisiva com a chegada da idade avançada.

Como forma de qualificar a vida dos Irmãos residentes na Casa São José, e abrir espaço para discutir o tema da finitude, foi desenvolvido um Projeto que permitiu aos residentes que desejaram, realizar atividade aquática orientada, uma vez por semana, e contar com o acompanhamento e convivência de uma profissional de Educação Física, especialmente nas reuniões semanais onde são tratados temas do cotidiano da casa. A atividade aquática foi realizada no Parque Esportivo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e as reuniões e convivência na Casa São José, em Viamão.

A abordagem desta investigação foi qualitativa (TURATO, 2005), e seguiu a técnica etnográfica (ANGROSINO, 2009a), com base nos registros sistematizados, no período de setembro de 2012 a dezembro de 2013, do Projeto da Casa São José de Viamão. A pesquisa tomou como referência o método de análise a Fenomenologia Transcendental de Husserl, o que de acordo com Galeffi (2000) pode estar voltado para a compreensão do processo de construção social do mundo vivido e não vivido pelos Irmãos Maristas, caracterizando-o como um projeto interdisciplinar, promovendo a comunicação entre si de diversas áreas de conhecimento.

Nesse sentido, considera-se que o aumento da expectativa de vida da população mundial torna cada vez mais urgente identificar e compreender os aspectos mais relevantes vividos por aqueles que a alcançam. O olhar aprofundado e sistematizado sobre este processo seguramente irá gerar indicadores que podem contribuir com a qualidade de vida daqueles que estão por vivenciá-la.

Cabe compreender, a partir daqueles que escolhem a Vida Consagrada Marista, que optam pela entrega ao “servir” o coletivo, algumas vezes em detrimento de realizações individuais, identificarem os diferentes aspectos presentes nesta fase da vida, a finitude. Esta compreensão pode ser um elemento facilitador na harmonização da convivência em comunidade e gerador de questionamentos e reflexões sobre aspectos da formação para a Vida Consagrada. Especialmente, no que tange a observar fatores e elementos que se fazem presentes no vivido e não vivido pelos religiosos ao longo de sua trajetória e que serão pertinentes no período de finitude do Ciclo vital.

O aprofundamento dos estudos sobre os elementos presentes na finitude da vida, experimentada em comunidade, contribui para melhor estruturar as ILPIs e, conseqüentemente, a melhora da qualidade de vida daqueles que residem nestes espaços.

Esses benefícios não se restringem à elaboração da estrutura das ILPIs, e a melhora da qualidade de vida, mas também constrói subsídios teóricos para instrumentalizar as equipes

de atendimento, desde os técnicos da área da saúde aos administrativos. Uma equipe consciente da complexidade que representa esta fase da vida que precede a morte permite a construção de um atendimento personalizado que respeita as diferenças.

A prática da reflexão constante sobre o “ser” no mundo faz parte da Vida Consagrada Marista. A formação dos Irmãos Maristas acredita que o ser humano está sempre se descobrindo, educando-se e desenvolvendo capacidades para participar melhor da vida. É um processo progressivo, gradual e contínuo, e leva diversos anos para conquistar as qualidades necessárias para vir a ser um Irmão Marista (SIVERIS, 2012).

Entende-se que a relevância desta Tese também se dá pela unicidade que representa este grupo de Irmãos, e se sustenta na perspectiva de aprofundar e construir novos conhecimentos que possam servir de referência para vivenciar o “ser” religioso neste período do ciclo vital.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A fundamentação teórica deste estudo está organizada em três tópicos, que articulados se propõem a subsidiar a discussão das informações coletadas. O primeiro tópico trata da Vida Consagrada Marista a partir da vida e obra do seu fundador, José Marcelino Bento Champagnat, as Virtudes e Conselhos Evangélicos, e das etapas e temas norteadores da Formação para a Vida Consagrada da Congregação Marista. O segundo tópico, das expectativas e pressupostos sociais da Qualidade de Vida contemporânea, e o terceiro tópico a especificidade do envelhecer e morrer, a finitude e suas representações simbólicas.

2.1 VIDA CONSAGRADA MARISTA

2.1.1 O fundador – Marcelino José Bento Champagnat

A biografia do Pe. Champagnat escrita pelo Irmão João Batista, um dos primeiros discípulos da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria, destaca no prefácio do livro, que todo bom religioso faz aquilo que as regras prescritas por seu fundador determinam e que todo bom fundador pratica as regras que prescreve (BATISTA, 1989, p. IX - XIII). Essas palavras do Ir. Batista são a síntese perfeita da bondade de Pe. Champagnat, ele foi bom religioso e bom fundador.

O autor descreve os seguintes aspectos do contexto histórico-religioso-social no qual estavam inseridos durante o processo de surgimento da congregação Marista:

1. O ensino do catecismo poderia ser realizado por qualquer pessoa. “[...] olhava-se menos a posição social das pessoas do que seus talentos, virtudes e dons particulares” (BATISTA, 1989, p. XVI).
2. O ensino do catecismo deixou de ser ministrado por pais e padrinhos, em decorrência da fundação de escolas pelos bispos e a atribuição da supervisão das mesmas pelos religiosos.
3. Os concílios da idade média, recomendaram a fundação das escolas e o ensino do catecismo pelos párocos ao povo que se encontrava em extrema ignorância, que teve como consequências:
 - a. Reanimação do zelo do clero pela instrução cristã das crianças, estabelecendo em toda parte o ensino do catecismo.
 - b. Revalorização do ensino do catecismo.

- c. Fundação de muitas sociedades cujo objetivo era a instrução da juventude.
4. Graças ao zelo dos membros de todas essas congregações, a instrução cristã dos filhos das famílias abastadas não deixou nada a desejar; “não acontecia o mesmo, entretanto, com instrução do povo simples. Este vivia em profunda ignorância e licenciosidade, pois, quase por toda parte faltavam mestres de religião” (BATISTA, 1989, p. XXVI).

João Batista conta que Pe. Champagnat foi o sexto filho da família, teve um pai sensato, instruído e conciliador, uma mãe piedosa, católica, dedicada a Maria e Jesus, discreta e focada na educação dos filhos e da família, e uma tia religiosa expulsa do convento por ocasião da Revolução Francesa. Por influência da mãe e da tia, Marcelino se manteve um filho piedoso, dócil e conservou a inocência dos costumes.

Mãe e tia zelosas sem condições de ensinar o menino nas primeiras letras o enviaram a um Professor que no primeiro dia de aula chamou Marcelino para leitura, e outro aluno se colocou a sua frente, sabendo que o colega era muito tímido, o professor deu um tapa no rosto do outro menino e Marcelino decidiu não mais voltar à escola, mesmo com a insistência dos pais. Ao longo de sua vida usa este fato em vários momentos para ilustrar e fazer compreender aos Irmãos o quanto a brutalidade e as correções intempestivas podem afastar as crianças da escola. Durante o período de realização da catequese houve o uso de apelido por parte do catequista, zombaria/bulling, o que posteriormente ele veio a recriar incluindo uma regra sobre esta questão.

Aí, está uma educação falha. E a criança, exposta a se tornar, por seu mau caráter, o tormento de seu lar, e, quem sabe flagelo de seus vizinhos! Tudo isso por causa de uma palavra dita levianamente num momento de nervosismo e de impaciência que não teria sido difícil dominar. (BATISTA, 1989, p. 6).

Marcelino desejava seguir a profissão do pai e aprendeu marcenaria, carpintaria, alvenaria e demais trabalhos necessários para administrar uma propriedade. Aos 14 anos ganhava algum dinheiro e o empreendia, mas não sem antes colocar parte no cofre, o que desenvolveu seu espírito de ordem e poupança. Aos 16 anos já havia economizado 600 francos (o que era muito para a época).

Pe. Courbon – Vigário Geral de Lião - solicitou a um professor do seminário maior, que passasse naquela região a procura do Pe. Alliort, vigário de Marslhes para que este indicasse alguns jovens inclinados ao sacerdócio, este indicou que fizesse uma visita à casa dos Champagnat. O sacerdote vai à casa dos Champagnat quando chega a Rozet, conversa

com o pai de Marcelino e ao ver o menino que chega naquele instante diz: “Meu rapaz, você precisa estudar latim e ser padre; Deus o quer”.

Depois de um ano na casa de um tio, que se dedicou a ensinar a ler escrever para começar o estudo do latim, o mesmo achou que o sobrinho não devia entrar no seminário: “Seu filho teima em continuar os estudos, disse ele aos pais, mas não vale a pena deixá-lo prosseguir; é muito pouco dotado para obter resultados satisfatórios”.

Marcelino não desistiu e ingressou no Seminário Menor de Verrières em outubro de 1805, tendo ele mesmo pago por todo seu enxoval para entrar no seminário. Seu jeito montanhês provocou zombarias dos colegas, porém sua franqueza de caráter, o bom comportamento e a afabilidade dissiparam a má impressão que tinham dele, era o maior e o mais atrasado da turma.

Tomara a resolução firme de nunca recusar incumbências, quando foi designado para ser o vigilante do dormitório, mesmo surpreso, aceitou, e após cumprir com a rotina de cuidá-los estudava as lições do próximo dia até altas horas da noite. Teve sua saúde debilitada por ter vivido esta rotina durante tantos anos, mas seus estudos avançaram. Tinha predileção pelos exercícios de piedade, o que chamava a atenção de alunos e superiores.

Redigiu o seguinte manuscrito para orientar e regradar sua vida, e sempre se manteve fiel a estas promessas:

Meu Senhor e meu Deus! Prometo não mais vos ofender, fazer atos de fé, esperança e caridade e outros semelhantes, sempre que pensar nisso: evitar as más companhias. Em suma nada fazer contra o vosso serviço; mas pelo contrário, quero dar o bom exemplo, levar aos outros à prática da virtude, conforme minhas possibilidades; ensinar aos ignorantes vossas leis divinas; dar o catecismo tanto aos pobres quanto aos ricos. Fazei, Divino Salvador, que eu cumpra fielmente as resoluções que acabo de tomar. (BATISTA, 1989, p. 15).

Foi admitido ao Seminário Maior de Lião em outubro de 1812, e ao rever sua relação com o orgulho para adquirir a humildade escreveu a seguinte oração:

Senhor, confesso que não me conheço e estou cheio de vícios e imperfeições; dai-me conhecer meus defeitos e, sobretudo, a graça de combatê-los, jamais desistir de atacá-los e corrigi-los. Rogo-vos este favor no mais profundo aniquilamento de meu coração. Divino Coração de Jesus que, por vossa profunda humildade; destruí em mim a obra de orgulho humano, a vós, principalmente dirijo minhas preces; dai-me, vo-lo suplico, a humildade; destruí em mim a obra do orgulho, não porque é insuportável aos homens, mas porque desagrada ao vosso divino Coração e ofende vossa santidade. Santíssima Virgem, minha boa Mãe, rogai por mim, vosso indigno servo; pedi ao Coração adorável de Jesus a graça de eu me conhecer, me combater, me vencer e destruir em o mim o amor próprio e o orgulho. A vossos pés tomo a resolução de fazer-lhe guerra sem tréguas. (BATISTA, 1989, p. 17).

Para cumprir os dois compromissos estabeleceu a si mesmo um conjunto de resoluções que incluíam: evitar cometer faltas pelo uso de palavras inadequadas; não perder a oportunidade de servir de modo afável, em especial, os seus colegas; acolher a todos de modo inclusivo; não discriminar a nenhuma pessoa; guardar silêncio e manter-se atento durante as aulas, conferências e exercícios; depois das atividades visitar o Santíssimo Sacramento e, diante do nosso Senhor, examinar se cumpriu com suas resoluções e pedir humildemente perdão quando não conseguiu. Também criava regras e punições para si, orava pedindo auxílio à Virgem Maria e a seus santos de devoção, usava as horas de Lazer para fazer boas ações. Essas regras foram criadas na ocasião em que esteve pela primeira vez em período de férias com a família.

- 1- Passar as Férias com a família;
- 2- Fazer poucas viagens;
- 3- Adaptar-me ao modo de vida familiar – não os ofender ou magoá-los.
- 4- Despertar entre 05:00 e 05:30, nunca depois.
- 5- Reservar o tempo mínimo de 15 minutos para Meditação.
- 6- Assistir à Missa todos os dias, após estudo de Teologia.
- 7 No horário das 11:45 exames como no Seminário e as 12:00 – Almoço precedido de benção.
- 8 Sempre levantarei da mesa ainda com apetite para evitar vícios.
- 9- Fazer oratório dedicado a Nossa Senhora e a São Luiz Gonzaga.
- 10- Fazer jejum todas as sextas-feiras.
- 11- Ensinar os mistérios da salvação a todos sem distinção.
- 12- Visitar aos doentes.
- 13- Após as confissões e comunhões seguir a orientação do meu diretor espiritual.
- 14- Nunca ficar sozinho com pessoas de outro sexo.
- 15- Estudar a noite mais uma hora a Teologia.
- 16- Fazer oração da noite com a família. (BATISTA, 1989, p. 20 - 21).

Em anos seguintes acrescentou as seguintes regras:

- Transformar suas horas de Lazer em atendimento aos necessitados.
- Reduzir as visitas de cortesia ao mínimo.
- Evitar os jogos de azar e substituir por trabalhos manuais.

Com esta conduta rigorosa e coerência na sua realização impunha respeito às crianças e jovens. No final do terceiro ano de Teologia ficou doente e precisou retornar à família durante alguns meses para se recuperar, retomou os trabalhos do campo e ficou bem, a ponto de conseguir terminar os estudos de Teologia em tempo. Seguiu-se um período perturbado de agressão constante aos religiosos, quando Napoleão voltou da Ilha de Elba. Neste período também o grupo de jovens padres passou a se reunir para fundar a Associação de Maria apoiada pelo venerando diretor da época Pe. Cholleton. Nesta ocasião o grupo fez uma Peregrinação a Fourvières a fim de colocar aos pés de Maria o plano da nova associação.

Um dia quando alguns dos seminaristas falavam sobre os locais para onde seriam designados, um deles expressou o desejo de ir para um local próximo de sua família, ao que Pe. Champagnat respondeu: “Não somos sacerdotes para sermos úteis as nossas famílias, mas para servir à Igreja e salvar as almas.” (BATISTA, 1989, p. 29).

No dia 6 de janeiro de 1814, na solenidade de Epifania do Senhor, recebeu do Cardeal Fesch, arcebispo de Lião, a tonsura clerical, as quatro ordens menores e o subdiaconato. Na ocasião tinha 24 anos e sete meses e dezessete dias, um ano depois foi diácono. Em 22 de julho de 1816 recebeu o presbiterado das mãos de D. Louis-Guillaume-Duborg, bispo de Nova Orleães, já com 27 anos e dois meses. Antes de sair de Lião ele retornou diante da Virgem de Fourvièrese e a consagrou novamente.

Pouco depois de ordenado foi nomeado coadjutor de La Valla. O aspecto geográfico da região era muito difícil, o que mantinha as famílias distantes e na ignorância. Com o tempo conquistou os fiéis com sua conduta edificante, sua virtude, piedade, regularidade e fidelidade a todos os deveres. Difundiu o catecismo entre crianças e adultos, inibia as festas com danças e bebedeiras chegando de surpresa. Trabalhou arduamente para eliminar a embriaguez. Montou com muito sacrifício uma biblioteca, mas a obra que mais lhe exigiu esforços foi a de atendimento aos doentes.

No inverno de 1820, uma mulher seriamente doente precisava de extrema unção, o clima estava péssimo e caía muita neve, mas Marcelino foi em seu socorro e conseguiu atendê-la antes de morrer. “Nunca vi o Pe. Champagnat tão contente e alegre como neste dia”, dizia: “Se Deus não tivesse dado um jeitinho, se não tivesse vindo em nosso auxílio, dessa não nos teríamos safado.” (BATISTA, 1989, p. 51).

João Maria Granjon e João Batista Audras foram os dois primeiros irmãos do Instituto dos Irmãozinhos de Maria fundado pelo Pe. Champagnat em 2 de janeiro de 1817, nesta ocasião o sustento do Instituto e dos Irmãos era fruto da fabricação de pregos.

Antonio Coutuier e Irmão Lourenço foram, respectivamente, o terceiro e quarto irmãos a compor a ordem, interessante lembrar que eram irmãos de sangue, e que o Irmão Lourenço tinha a missão de convencer Antônio a retornar para casa dos pais, porém acabou sendo convencido pelo Pe. Champagnat a também tornar-se Irmão.

O quinto Irmão a compor o grupo, que mais tarde viria a ser o primeiro a substituir o fundador na condução do Instituto, foi Gabriel Rivat, que adotou o nome de Irmão Francisco. A mãe dele viu com alegria o filho seguir a vocação. “Meu filho pertence a Nossa Senhora a quem o dei e consagrei muitas vezes. Eu lhe entrego. Faça dele o que lhe aprouver.” (BATISTA, 1989, p. 62).

Em certa ocasião o Vigário de Tarentaise, aconselhou o Irmão Francisco a estudar latim para abraçar a carreira eclesiástica, mas ele não tinha interesse e deu a seguinte resposta: “Porque não faço a minha vontade, mas a de Deus, que se manifesta através do meu superior.” No dia seguinte o Vigário de Tarentaise compartilhou com Irmão Luís: “Seu Irmãozinho Francisco não me deixou dormir à noite passada; ele tem sentimentos sublimes; se os conservar - e disto não duvido -, Deus o abençoará e vai servir-se dele para sua maior glória”. E acrescentou que na idade em que surgem as paixões os demais Irmãos poderiam seguir seu exemplo: “Devem, então, lembrar-se de que uma criança, embora ainda não tenha capacidade de reflexão quando Deus lhe concede a graça de renunciar ao mundo nesta idade, não está falando à sua inteligência nem à sua razão, mas ao seu coração.” (BATISTA, 1989, p. 63).

O Irmão João Batista foi eleito diretor entre os Irmãos, nesta época foi instituída a primeira vestimenta usada pelos Irmãos de Maria, uma sobrecasaca azul que descia até meia altura das pernas, calças pretas, um pequeno manto e um chapéu redondo. A cor azul foi escolhida para lembrar que eram filhos de Maria, vestindo seu hábito e sua cor, deveriam sempre lembrar-se de viver a vida do jeito de Maria, imitando assim suas virtudes.

Em relação à prática das orações, no princípio a iniciativa vinha sempre do fundador, mas com o tempo passaram a revezar a coordenação das orações, que é um hábito que se mantém ainda hoje entre os Irmãos. Havia um trato entre os Irmãos, uns escolhiam aos outros para que os avisassem de suas falhas, como se fossem anjos uns dos outros.

Em 1816 os Irmãozinhos de Maria assumiram a Escola de La Valla, Pe. Champagnat contratou um professor que conhecia o método de La Salle, o qual queria adotar na sua congregação. Os Irmãos instruídos neste método pelo professor contratado iriam dar aula nas aldeias próximas. Pe. Champagnat precisou demitir o Professor devido a seus maus hábitos e o Irmão João Maria assumiu a Escola de La Valla. Foram recebidas doze crianças carentes para viverem e estudarem na escola.

Assim, nesse período Pe. Champagnat decidiu morar com os Irmãos para melhor orientá-los. No seu entender, o melhor meio de afeiçoá-los à vocação, levá-los ao amor da pobreza, à vida regular e todas as virtudes de seu estado, seria pôr-se à frente deles, unir sua sorte à deles, identificar-se com eles, dar-lhes o exemplo e ser o primeiro a praticar antes de ensinar. Viveu sempre entre os Irmãos como iguais e não evocava sua condição sacerdotal. Somente em 1822 o Ir. Estanislau passou a arrumar sua cama e dispensar cuidados para com ele.

Pe. Champagnat insistia em que os Irmãos não decidissem quais os pecados são mortais ou veniais: “Contente-se com lhe inspirar o ódio ao pecado, deixando a Deus e ao

confessor o julgamento da gravidade das faltas”. Procurava observar os Irmãos em segredo para auxiliá-los nos ajustes necessários em se tornarem excelentes catequistas.

Em decorrência do excelente trabalho que vinha sendo realizado em La Valla o Vigário de Marlhès enviou um pedido para o Pe. Champagnat para enviar Irmãos para conduzir e ministrar aulas. O Irmão Luís é designado para atender o pedido do Vigário Alliot, mesmo tendo sido desacreditado por ele permaneceu e fez excelente trabalho com as crianças, dizia a seu co-irmão: “Meu Irmão temos uma centena de crianças em nossa escola; elas representam cem pessoas cuja a inocência nos foi confiada e cuja salvação depende muito de nós. Elas serão pela vida afora o que hoje fizemos delas, pela educação.” (BATISTA, 1989, p. 79).

A excelência educacional oferecida pelos Irmão foi se espalhando e chegando novos pedidos o Sr. Colomb de Gaste, prefeito de Saint-Saveur-em-Rue, juntamente com o de laRochette cotizaram-se e pediram dois professores para Pe. Champagnat, que os atendeu enviando o Ir. João Francisco e outro mais jovem. A Escola teve tanto êxito quanto as duas anteriores, mas haviam muitas dúvidas sobre a continuidade das escolas, julgavam que seus resultados estavam associados às presenças individuais e não à congregação. Essas dúvidas surgiam em especial quando havia indicação de uma substituição como aconteceu com Irmão Luís. Essa era a visão do Vigário Alliot, que evitava recomendar aos que desejassem seguir Pe. Champagnat encaminhando-os para outras Escolas Cristãs em Lião.

Entretanto, Pe. Champagnat tomou conhecimento que a casa onde os Irmãos moravam e ministravam aulas estava em condições tão ruins que os retirou de lá. Ao comunicar o Pe. Alliot o mesmo perguntou se lhe enviaria outros para substituir, ao que ele respondeu: “Não, porque não tenho nenhum para sacrificar. A situação é tão precária, que em sã consciência, não devo deixar ali nem os Irmãos nem os meninos.” (BATISTA, 1989, p. 84).

Ele ainda tentou persuadir o Irmão Luís a permanecer na Escola, porém o Irmão Luís deixou claro que: “É necessário que eu cumpra minha obrigação; meu superior ordena, devo obedecer.” (BATISTA, 1989, p. 84).

Com o aumento dos pedidos de professores/Irmãos feitas a Pe. Champagnat, e o pequeno número de postulantes, ele pediu à Virgem Maria e ela o atendeu enviando novos postulantes. A devoção a ela pregada por Pe. Champagnat foi o que os convenceu de permanecerem na congregação, ao final de um semestre já totalizavam vinte.

Pe. Champagnat juntamente com os Irmãos, constrói a ampliação da Casa em La Valla. “O tempo dos recreios passava-se cantando ou em conversas sempre edificantes:

lamúrias, aborrecimento e desânimo eram desconhecidos.” Diante de um fundador tão dedicado, presente e cuidadoso com seus pares em 1824 os Irmãos pedem para chamá-lo de Père— pai, e ele acede ao pedido.

Os êxitos de Pe. Champagnat provocaram ciúmes e maledicências, mesmo vinda especialmente de outros religiosos, mas ele e os Irmãos perseveraram na fé por Maria e a troca do arcebispo D. Gaston de Pins, e a simpatia de Pe. Gardette, fizeram com que houvesse uma nova perspectiva para sua congregação. D. Gaston de Pins com intuito de apoiar a congregação lhe comunicou: “Permito-lhe dar um hábito aos seus Irmãos e até admiti-los aos votos, pois é o único jeito de segurá-los na vocação”.

A construção de L’Hermitage foi considerada uma loucura, mas como sempre a providência fez com que houvesse quem o apoiasse e desse as condições de realizar, desta vez foram contratados pedreiros e os Irmãos buscavam auxiliá-los carregando pedras e preparando a massa. Muitos incidentes foram também evitados pela providência divina, pois durante todos os trabalhos braçais coordenados por Pe. Champagnat nunca houve um acidente sério. Pe. Champagnat os lembrava:

Os irmãos jamais deverão esquecer que, ingressando na comunidade e unindo-se para formar uma só família, assumiram a obrigação de se amarem como irmãos, de se edificarem, de se advertirem dos defeitos e de se ajudarem mutuamente para chegarem a salvação. [...] Finalmente os Irmãos devem ser para os alunos, modelos de piedade e virtude, de maneira a levá-los a Deus muito mais pelos exemplos do que pelas palavras. (BATISTA, 1989, p. 124-126).

No ano de 1824 foram fundadas mais duas escolas Charlieu e Chavanay. Associou-se ao Pe. Courvielle e Pe. Terrailon, e foi eleito por duas vezes Superior Geral pelos Irmãos. Mesmo estando à frente do Instituto Pe. Champagnat exigia muito fisicamente de si mesmo. O que o deixou enfermo durante três semanas, neste período se desencadeia uma anarquia na congregação, que sob o comando de Pe. Courvielle só piora a situação. Ir. Estanislau foi o único a manter-se de cabeça fria e dar providências à situação. A crise se manteve entre as paredes de L’Hermitage. O retorno de Pe. Champagnat durante o Capítulo geral¹ desencadeou um delírio de júbilo indescritível entre os Irmãos.

Ainda sem estar totalmente recuperado Pe. Champagnat precisou lidar com mais algumas provações, as traições de Pe. Courvielle e Irmão João Maria, o primeiro a chegar na congregação. Os dois, por motivos diferentes, ambição, orgulho e falta de submissão abandonaram o Instituto. Pe. Champagnat depois de algumas tentativas de que

¹ **Capítulo geral** designa uma assembleia **geral** de uma ordem ou congregação, geralmente congregando representantes de todos os mosteiros membros. De maneira similar, um **capítulo** provincial reúne representantes de uma província eclesiástica.

permanecessem, viu-se obrigado a despedi-los e encerrou esse episódio dizendo: “Assim serão tratados todos aqueles que se afastarem da obediência para seguir a vontade própria”.

Esses percalços fizeram Pe. Champagnat compreender que urgia consolidar os votos. Após o retiro de 1826 foram feitos os primeiros votos. Os votos foram organizados em duas modalidades os temporários, onde os Irmãos permaneciam por três anos e os perpétuos. Os votos de Castidade e de pobreza só aconteciam na profissão. Pe. Champagnat acreditava que: “Para os religiosos os relacionamentos com o mundo, mesmo necessários, sempre trazem perigos”. Apesar de tantos desafios o Instituto continuou crescendo e foram abertos três novos estabelecimentos.

Diante de tantas dificuldades Pe. Champagnat encaminhou o requerimento e os estatutos da congregação para reconhecimento junto ao governo por intermédio de D. Gaston de Pins, arcebispo de Lião, porém os eventos de 1830² paralisaram a solução do problema.

Neste período havia uma comoção social que assolava os arredores das instalações de L’Hermitage, foram feitas denúncias sobre as atividades no Instituto e este sofreu uma revista por parte dos policiais em busca de armas e um possível marquês escondido. Tais denúncias tiveram resultado oposto, posteriormente à visita da polícia foi publicada uma nota sobre a seriedade e afabilidade com que os irmãos receberam as autoridades e a impropriedades das denúncias.

Diante da negativa do governo do reconhecimento da congregação ocorreu a fusão do Instituto com a Congregação dos Irmãos da Instrução Cristã da diocese de Valence. Assim, de acordo com Batista (1989, p. 173): “Na época em que se concluiu definitivamente a fusão, os dois Institutos eram dois amigos, dois irmãos que não podiam mais separar-se, de tanto viverem juntos, de tanto se quererem, de tanto necessitarem um do outro”.

A lei de 1833 sobre a necessidade de diplomação dos professores e a entrada de professores leigos gera um efeito contrário, a população, por meio dos prefeitos, cada vez mais solicita Irmãos para serem professores das crianças. Nesse sentido, também de acordo com Batista (1989, p. 177) “É assim que Deus frustra os planos dos ímpios e sabe tirar o bem do mal; e uma lei editada para retirar das congregações religiosas o ensino elementar levou os municípios a chamarem essas mesmas congregações para confiar-lhes a educação de seus filhos”.

Para compor as regras do Instituto Pe. Champagnat as experimentava de forma

² Revolução Liberal de 1830 / França - O ativismo político dos liberais contra a reação absolutista culminou, em julho de 1830 com as “Jornadas Gloriosas”, barricadas levantadas nas ruas de Paris, que derrubaram os Bourbons do trono francês.

compartilhada com os Irmãos, e somente depois de discuti-las com todos e com cada um, definia se seriam realmente adotadas. Após vinte anos resolveu imprimi-las, mas antes ainda fez algumas experiências no sentido de articulação entre teoria e prática, ou seja, da exequibilidade de tais propostas.

O ano de 1836 foi marcante para Pe. Champagnat, pois o Papa Gregório XVI autorizou mediante um Breve - que permite a eleição canônica do Superior Geral - confiando-lhe a missão da Polinésia. Nesta ocasião foi eleito o Pe. Colin para a Sociedade dos Padres Maristas. Pe. Champagnat pede para seguir na Missão da Oceania, porém de acordo com Batista (1989, p. 192), Pe. Colin lhe disse: “Você realizará maior bem aqui na França do que na Oceania. Sua missão própria não é ir pessoalmente evangelizar os povos, mas preparar-lhes apóstolos zelosos e abnegados”.

O número de Irmãos da congregação crescia e foi necessário o aumento das construções para abrigá-los. Em agosto de 1836 Pe. Champagnat viajou a Paris com intuito de dar continuidade ao processo de reconhecimento da Congregação, porém voltou a L’Hermitage sem ter apresentado o requerimento, pois o Sr. Sauzet em quem confiava havia sido substituído. Retornou a Paris em 1838 para tentar concluir o processo. O Sr. Salvandy, que recebeu o pedido, fez mil artimanhas para dificultá-lo. Em relação a todas as idas e vindas criadas pelo Sr. Salvandy Pe. Champagnat escreveu para os Irmãos:

Com certeza, desejam saber em que situação se encontram nossas diligências. Pois bem, eu mesmo não sei quase nada, ou melhor, sei tudo: isto é, antes eu andava desconfiado, hoje tenho certeza: não querem nos conceder nada. Estou muito triste, mas não desanimado. Tenho sempre confiança ilimitada em Jesus e Maria. Cedo ou tarde obteremos nossa autorização, não tenho dúvida. Só não sei quando. Agora o importante é fazer, de nossa parte, o que Deus quer, isto é, fazer nosso possível, e depois esperar tranquilos, deixando a Providência agir. Deus sabe melhor do que nós aquilo que nos convém. Tenho certeza de que um pouco de espera não nos será prejudicial. (BATISTA, 1989, p. 201).

A doença do Pe. Champagnat se agravou e Pe. Colin empreendeu esforços para que fosse realizada a primeira eleição do sucessor de Pe. Champagnat. Foram eleitos por voto direto em 12 de outubro de 1839. Ir. Francisco – Superior Geral/vitalício; Ir. Luís Maria – Assistente; Ir. João Batista – Assistente.

Os Irmãos desejavam que ele permanecesse mais tempo entre eles, ao que respondeu:

Coitado do Irmão, você não tem muita fé e confiança em Deus! Pensou, então que a prosperidade da casa dependia de mim. Pois olhe, garanto que após minha morte, tudo andarà melhor do que até agora. Os progressos da Congregação serão mais rápidos do que nunca. Um dia reconhecerá a verdade do que lhe afirmo e, então, compreenderá que nunca devemos pôr nossa confiança nos homens, mas em Deus que é tudo e faz tudo. [...] “Meus amigos, estamos aqui reunidos pela última vez. O

que lhes recomendo sobretudo, antes de os deixar, é que se amem uns aos outros. Recordem-se que são Irmãos, que Maria é a Mãe comum, e que são todos destinados a mesma herança que é o céu. Como é bom e suave viver como Irmãos!” [...] “Após a caridade, a virtude que mais lhes desejo e recomendo é a obediência.” [...] “Meus filhos, não posso falar mais. Termino, pois, pedindo perdão a todos, aqui diante de Nosso Senhor, pelos maus exemplos que acaso lhes tenha dado. Não lembro de ter causado, voluntariamente, desgosto a ninguém. Mas peço sinceramente perdão a todos que ofendi sem querer.” (BATISTA, 1989, p. 214-215).

Esta resposta é parte do Testamento espiritual deixado por Pe. Champagnat. Todos os cuidados dispensados a todos os Irmãos que morrem na Instituição são inspirados nos ensinamentos dados por Pe. Champagnat. Ele morreu em 6 de junho de 1840, em um sábado com havia pedido a Boa Mãe, na vigília de Pentecostes.

Após sua morte ocorreram fusões com outras congregações – Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux / Irmãos de Viviers – as duas fusões, agrupando três famílias religiosas sob o mesmo chefe, a mesma Regra, o mesmo governo, constituem, talvez, fato único na história monástica. A autorização para o funcionamento do Instituto e o reconhecimento civil chegaram no momento realmente indispensável e com mais vantagens do que se tivesse sido dada em outro momento. Irmão Francisco, então Superior Geral, conduziu o Capítulo geral³ de maio de 1842 onde ocorreu a revisão da Regra, poucos ajustes se fizeram necessários.

No ano de 2017, o Instituto Marista completa 200 anos de fundação e sem dúvida estas crenças e características de Pe. Champagnat influenciaram e perduraram ao longo desta trajetória sendo cultivado por gerações e gerações de Irmãos que tornaram a expansão e existência da Congregação possível, em alguma medida, à imagem e semelhança de seu fundador.

Assim, ao tratar da Intuição Intelectual encontra-se nos estudos de Nishida (1911), uma relação plausível para o comportamento de Pe. Champagnat ter influenciado os Irmãos que seguiram sua trajetória e contribuíram para os 200 anos de existência da Congregação Marista:

O verdadeiro despertar religioso não consiste em uma inteligência abstrata fundamentada no pensamento, tampouco é simplesmente um sentimento cego, mas significa a realização da unidade profunda existente na base do intelecto e da vontade, ou seja, trata-se de uma modalidade de intuição intelectual, ou de uma profunda captação da vida. Em função disso, não é possível voltar contra ela a lâmina de nenhuma teoria, nenhuma aspiração é capaz de movê-la, ela constitui-se na base de toda a verdade e de toda satisfação. Suas formas podem ser diversas, mas penso que deve haver essa intuição direta e fundamental na base de toda religião. E a religião precisa existir na base da pesquisa acadêmica e da moralidade que se desenvolvem a partir dela. (NISHIDA, 2016, p. 58-59).

³ Idem ao item 1 de nota de rodapé

Diante disso, cabe, nesta pesquisa acadêmica, identificar e compreender como esta relação de identificação com o fundador pode influenciar o período de finitude de vida dos Irmãos Maristas na atualidade.

2.1.2 Virtudes de Maria e Conselhos Evangélicos

As virtudes de Maria mencionadas nas Constituições e Estatutos da Congregação Marista são a humildade, simplicidade e modéstia que vêm de Marcelino Champagnat. Essas virtudes imprimem autenticidade e benevolência às relações com os Irmãos e com aqueles com quem se relacionam (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS OU PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA, 2007).

Os conselhos evangélicos são aspectos da vida de Cristo pelos quais os católicos vivem a restrita uniformização com Cristo e são seguidos pelos consagrados mediante votos professados em instituições ou congregações religiosas. O grau de seguimento de cada conselho evangélico é determinado pelas constituições e estatutos de cada instituto ou congregação. Os votos professados pelos Irmãos Maristas são:

- Pobreza – levar uma vida pobre de fato e de espírito, renúncia a usar e dispor de qualquer dinheiro ou bem material de algum valor sem autorização. Viver concretamente a pobreza pessoal e comunitária levando vida laboriosa e sóbria, sem busca do supérfluo.
- Castidade – viver como o Cristo, totalmente para Deus através do compromisso com o celibato, que estabelece o amor único com Cristo renunciando ao amor conjugal e à paternidade humana. A castidade bem vivida abre nossos corações à amizade, graça de Deus que empresta um rosto humano a seu amor.
- Obediência – assumir em espírito de fé no seguimento de Cristo até a morte, à submissão aos superiores legítimos segundo as Constituições. O exercício da obediência evangélica é a expressão da liberdade e disponibilidade para a missão da Igreja (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS OU PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA, 2007).

As virtudes Marias e os Conselhos Evangélicos estão amalgamados nas experiências vividas no cotidiano dos Irmãos Maristas durante a Vida Consagrada. Segundo Iwashita (2015), o desenvolvimento do dogma busca explicitar coisas que estão implícitas, sem perder a essência, em especial aos que se referem aos dogmas marianos que se apoiam sobre o vivido da fé na Igreja.

Na história do desenvolvimento do dogma mariano, o culto, os símbolos, a vivência, a experiência, mas, sobretudo, a fé vivida, precederam as proclamações dogmáticas oficiais. Em vista disso, é importante que o dogma mantenha contato permanente com a fé viva da Igreja, pois de outra forma corre-se o risco de se tornar uma fórmula rígida, petrificada, sem nenhuma sintonia com a vida. Com efeito, faz-se necessário lembrar, também, que o vivido, o implícito é muito mais vasto que aquilo que a palavra é capaz de explicitar. (IWASHITA, 2015, p. 547).

A forma de compreensão da questão do vivido, do implícito, se dá pelo conceito de “*sensusfidei*” ou “*sensusfidelium*” que deriva da doutrina fundamental que trata sobre as potências da fé, ou seja, o sentido que vem da fé experimentada pelos fiéis capacitados a sentir e perceber tudo aquilo que se refere à fé sem si mesma, o conhecimento fornecido é fruto da experiência concreta mais do que qualquer conceptualização (IWASHITA, 2015).

No documento do Vaticano elaborado pela Comissão Teológica Internacional, isso representa que os fiéis possuem um instinto referente à verdade do Evangelho, o que permite reconhecer e validar a doutrina e a prática cristã. Confirma Iwashita (2015) que este instinto sobrenatural, ligado intrinsecamente à fé recebida na comunhão da Igreja é chamado de “*sensusfidei*” e permite aos cristãos cumprir sua vocação.

Iwashita (2015, p. 552), ressalta que: “O dogma definido não deve, pois, perder o contato com o vivido que o precedeu e que o precede.”, e busca explorar o aspecto sobre Maria como figura da Anima a partir de considerações de Carl Jung sobre este tema.

Maria é a realização suprema da sabedoria no plano histórico, tendo repetido em si o itinerário sapiencial, que já fora de seu povo, de quem é filha, memorizando e recordando os fatos salvíficos, os feitos de Deus; atenta à profundidade escondida da Revelação, sendo custódia da Palavra e tendo parentesco com a sabedoria na escuta de Jesus-sabedoria, e sendo por isso a Filha da Sabedoria por excelência, e “trono da sabedoria”, por ter trazido o Verbo no seu seio e no seu coração. Na sua perspicácia, C. G. Jung constatara, no movimento popular pela definição dogmática da assunção de Maria, a expressão de profundas exigências da psique por uma transformação do arquétipo do feminino. A dogmatização da Assunção veio ao encontro dessa expectativa do “*sensusfidelium*”, de glorificação do feminino em Maria, a mutação do arquétipo até a dimensão da Anima Sabedoria. [...] O fenômeno da fascinação deve levar o homem a entrar em contato com o feminino dentro de si, pois o que parece atrair fora já se encontra dentro de si. (IWASHITA, 2015, p. 555-556).

Conforme Pansini (2016), a Igreja desde o Concílio Vaticano II, busca o envolvimento dos cristãos no mistério da fé, por meio da Eucaristia, que ultrapassa toda a compreensão humana, do mesmo modo vivido que a fé em Maria foi descrita a partir do “*sensusfidelium*” onde estejam presentes e ativos em conexão com a ação sagrada, consciente e piedosa, compreendendo os ritos e orações e aprendam a oferecer a si, como os sacerdotes, no seu cotidiano para que Deus esteja em todos. A missa, onde se celebra a atualização do mistério eucarístico é o momento de fazer memória, ir às raízes, retornar às fontes, trazer para o aqui e agora o milagre do Pão e do Vinho convertido em Corpo e Sangue de Jesus Cristo.

Para o Papa Francisco o cristão que se compreende membro do Corpo Místico e participa da Eucaristia dá novo sentido à própria vida, participando da realidade social onde está inserido de modo diferente, transformando a realidade, esta unidade que se dá pela Eucaristia permite aos cristãos levar a Igreja para além dos próprios muros. Como bem

expressa Pansini (2016, p. 151) “A Eucaristia foi a forma que Deus escolheu, para ser presença no mundo”.

2.1.3 Formação para Vida Consagrada na Congregação Marista

2.1.3.1 Etapas

A construção da Vida Marista Consagrada pode ser descrita em oito diferentes momentos de acordo com (SIVERIS, 2012):

1. Despertar vocacional e acompanhamento - neste primeiro momento o principal é identificar qual a vocação de cada pessoa, esta palavra se origina do verbo *vocare*, e significa chamado e resposta, em especial para exercer uma missão no mundo, sendo feliz na vocação que assume. O primeiro passo inicia-se com o Serviço de Animação Vocacional, quando uma equipe de Irmãos, padres e leigos visitam as comunidades, paróquias, escolas, famílias. Inicialmente são apresentadas as diferentes possibilidades vocacionais: Humana, Cristã e Específica. Dentre as vocações específicas está a de ser um Irmão Marista que é a presença transformadora, exercendo sua missão no mundo, conforme os valores e o carisma de São Marcelino Champagnat. No final desse acompanhamento, o jovem é orientado a ingressar em uma casa de formação ou a fazer outra experiência para amadurecer sua opção vocacional.
2. Juvenato - é um tempo de busca, no qual o jovem vai se conhecendo melhor, aceitando-se e acolhendo sua realidade histórico-familiar, superando-se gradativamente e convertendo-se ao Evangelho, ou seja, ao projeto de Jesus Cristo: o Reino de Deus. Os jovens ingressam na casa de formação a partir do 2º ano do Ensino Médio, cursando o Magistério. Após a conclusão do curso também fazem meio ano de estágio, exigência do próprio curso, seguindo com meio ano de formação mais intensa, até o final do ano, totalizando três anos nesta etapa.
3. Pré-postulado - Paralelo ao Juvenato há a etapa do Pré-Postulado. É um local de acolhida de jovens que já concluíram o Ensino Médio, podendo acontecer de já terem experiência de trabalho exercido em algum emprego.
4. Postulado - Vem de a palavra *postular*, pedir. É caminho de formação que capacita o jovem na vivência mais intensa da vida comunitária, da compreensão de si mesmo, do Fundador, dos valores da Congregação, da história e do Carisma da vida marista. É a oportunidade de acompanhamento para perceber a coerência entre as qualidades, os

- desejos em relação aos anseios do jovem. O postulante atua em atividades pastorais na paróquia e no final dessa etapa, postula, isto é, faz o seu pedido de ingresso ao Noviciado.
5. Noviciado - É tempo de exercitar-se na expressão da afetividade para com todos, na educação da vontade, do desapego e capacidade de renunciar (rupturas), na liberdade de fazer escolhas condizentes com a vocação própria que escolheu. Noviciado é tempo de iniciação às exigências da Vida Religiosa Marista. É caminho progressivo de formação levando o jovem a identificar-se cada vez mais com a vida marista, com o sentido da Consagração Religiosa e desenvolvendo o sentido de pertença à Congregação Marista. Recebe o pré-nome de Irmão. O noviciado é entendido como momento forte de experiência de Deus dando condições ao noviço de preparar-se para a Primeira Profissão Religiosa. A duração do noviciado é de dois anos, oportunizando no 2º ano uma experiência de estágio de 6 meses numa comunidade apostólica (colégio, obra social).
 6. Primeira Profissão Religiosa - É um ponto culminante de uma caminhada (Noviciado), onde o Irmão Noviço proclama publicamente à Comunidade o desejo de viver como Irmão Marista. É o Sim do jovem à Vida Religiosa Marista. Em outras palavras, é a Consagração a Deus de viver os votos de castidade, pobreza e obediência a serviço de Deus e do próximo. O Ir. Noviço manifesta sua decisão pela Profissão Religiosa por meio de um pedido por escrito ao Irmão Provincial, no qual partilha a experiência feita no noviciado e expõe os motivos que o levam a proclamar publicamente o desejo de seguir Jesus Cristo no Instituto Marista.
 7. Escolasticado - Segue a etapa do Escolasticado, que tem normalmente duração de seis anos. Escolasticado vem do grego Schole, escola. Na Idade Média surgem as escolas por toda a Europa, daí o período da Escolástica, que compreendia os estudos de Filosofia e Teologia. Schole significa também lugar do ócio, de instrução – “Ócio Criativo.” É um tempo de formação e preparação do apóstolo marista.
 8. Profissão Perpétua - O trabalho do Irmão, o que chamamos de missão ou ação apostólica marista, realiza-se em quatro grandes áreas: a Formação, a Educação, Assistência Social e as Missões. Ao escolher a área de atuação, o Irmão dialoga com o Provincial, levando em conta as necessidades da Província e as próprias habilidades pessoais. Portanto são frentes de atuação do Irmão: pastoral da juventude, formação, escolas, coordenação, direção de escola, aulas de ensino religioso, trabalho numa obra social, enfim das formas mais variadas, dentro do que é próprio do Irmão Marista.

As etapas descritas anteriormente se referem ao formato sob o qual a maioria dos Irmãos que atualmente moram na Casa São José, viveram este processo, mais recentemente foram realizadas mudanças para acompanhar o contexto social e os perfis dos atuais postulantes. Cabe ao Irmão Provincial indicar a área de atuação dos demais irmãos durante o período de formação dos mesmos, e este, busca articular o perfil do Irmão em formação à área de atuação onde possa cumprir de modo adequado o que o Espírito Santo faz vibrar em cada um.

Para compreender, não somente a formação dos Irmãos Marista, mas também a importância deste conceito na trajetória da vida Marista cabe um detalhamento do significado do Carisma Marista.

Carisma é um conceito usado, com frequência, em documentos da Igreja e de Institutos Religiosos. Nós também o encontramos no mundo político e civil em geral. Em espiritualidade, carisma é dom ou graça que o Espírito Santo dá a uma pessoa, não para seu próprio proveito, mas para o benefício de toda a Igreja. Os textos de São Paulo destacam a importância desses dons e afirmam que sua diversidade enriquece a comunidade eclesial, porque, embora atribuídos a uma determinada pessoa, são colocados a serviço de toda a comunidade. Nesse sentido, cada pessoa recebe uma graça especial, garantindo sua participação no crescimento de uma Igreja mais espiritualizada e de um mundo melhor. Podemos, ainda, falar de carisma de um grupo, ou de um Instituto. A esse respeito, o Ir. Seán explica: O carisma oferecido à Igreja e ao mundo por mediação de Marcelino Champagnat é muito mais do que um conjunto de trabalhos considerados coerentes com sua visão original, um estilo de oração referente a uma determinada espiritualidade — por mais importante que isso possa ser — ou um conjunto de qualidades marcantes da vida do Fundador. [...] O carisma do nosso Instituto é nada mais nada menos do que a presença do Espírito Santo. Ao permitir que o Espírito aja em nós e por nosso intermédio, podemos realizar feitos surpreendentes. [...] Hoje, o Espírito, tão ativo em nosso Fundador, anseia por viver e vibrar em você e em mim. (SAMMON, 2006, p. 29-30; 45).

Segundo Guimarães (2012), as peculiaridades existentes na Formação da Congregação Marista recebida pelas diferentes gerações de Irmãos, ou seja, os que hoje se encontram na faixa dos 80 a 90 anos de idade receberam uma formação mais tradicional, e que antecede ao Concílio Vaticano II (1962-1965), ocasião que foram promovidas mudanças que refletiram na formação dos religiosos. O formato tradicional inclui isolamento e silêncio, especialmente durante as refeições, o que modifica a convivência entre os pares, e que pode se estender a outras áreas da vida dos irmãos idosos.

A aposentadoria ou transição de carreira para os idosos religiosos ganha outra dimensão, pois resulta da interação entre sujeito e instituição, de maneira diferente do que se dá em outros grupos de idosos, considerando que sofre três classes de influências:

- Normativas graduadas pela idade – eventos como ingresso na instituição, etapas de formação, funções desempenhadas que podem ter ocorrido na mesma época e espaço social, o que favorece a similaridade na constituição destes sujeitos.

- Normativas graduadas por história – eventos macroestruturais que dão origem a mudanças sociais vividas pelos sujeitos de uma unidade cultural.
- Não normativas – são idiossincráticas e ocorrem de modo diferente para cada indivíduo, são elaboradas na trajetória da vida a partir das influências normativas (GUIMARÃES; ALVES, 2012, p. 72-74).

O cotidiano vivido pelos Irmãos Maristas a partir das três classes de influências, e dos momentos de Formação, mais do que atitudes e comportamentos, atravessam também a fase de finitude do ciclo vital. Especialmente, quando entre 80 e 90 anos de idade eles também completam de 50 a 70 anos de vida religiosa Marista. Segundo Guimarães et al. (2012), a percepção de serem idosos começa com a autopercepção das limitações físicas, mesmo que a saúde ainda esteja boa, porém a tendência da instituição é deslocar esses Irmãos de funções operacionais/executivas para atividades administrativas/consultivas. Dessa forma, a compreensão de envelhecer também passa por esse aspecto e a capacidade de aceitação desta nova forma de atuar. Porém, independentemente do aspecto diacrônico da Formação da Congregação Marista, o carisma se mantém e se manifesta na espiritualidade. “Vivemos a espiritualidade cristã de um modo marial e apostólico próprio. É uma espiritualidade encarnada, inspirada em Marcelino.” (ESTAÚN, 2007, p. 15).

Para ampliar a compreensão deste processo de formação serão descritos os temas norteadores que sustentam esta fase da trajetória de vida dos Irmãos.

2.1.3.2 *Temas norteadores*

Na formação para a Vida Consagrada na Congregação Marista, o pretendente a tornar-se irmão “é um ser-de-relação chamado a aperfeiçoar sua comunhão com a natureza, com os outros, consigo mesmo e com Deus” (ARBUÉS, 1993, p. 6). Essas quatro relações serão desenvolvidas de modo original, pessoal e comunitariamente durante a formação de acordo com os respectivos *valores* de cada tipo de comunhão.

A. Comunhão com a natureza – *valores*:

- contemplação, conhecimento;
- transformação pela pesquisa e pelo trabalho;
- uso equilibrado e partilhado dos bens de consumo, fundamentado numa atitude de administrador, de filho e de irmão;
- respeito pelo meio ambiente.

Os primeiros Irmãos que acompanharam Champagnat na realização de seu sonho são procedentes do interior da França. Segundo a Missão Educativa Marista: um projeto para nosso tempo (2000, p. 21), “Os primeiros Irmãos eram jovens camponeses; a maioria, entre 15 e 18 anos de idade, acostumados mais ao trabalho árduo do campo do que à contemplação, à reflexão intelectual e ao trabalho com crianças e outros jovens”.

Os primeiros Irmãos Maristas que chegaram ao Brasil foram os que sensibilizaram as famílias de alguns dos atuais moradores da Casa São José quanto à escolha da Vida Consagrada. Foi precisamente no dia 2 de agosto de 1900, em Bom Princípio, com a chegada dos educadores Irmão Weibert, Irmão Marie-Berthaire e Irmão Jean-Dominici, que as vidas desses jovens foram afetadas pela presença Marista.

Outras localidades no Rio Grande do Sul também receberam a presença dos educadores da companhia fundada por São Marcelino Champagnat: São Leopoldo, em 1902; Porto Alegre, 1902; Santa Cruz do Sul, 1903; Santa Maria, 1904; Taquara, de 1904 até 1908; Cruz Alta, 1904; Uruguaiana, 1904; Alegrete, 1905; São Gabriel, 1906; Passo Fundo, 1906; Livramento, 1908; Cachoeira do Sul, 1908; Bagé, de 1908 até 1911; Pelotas, de 1910 até 1926; São Sebastião do Caí, 1912; Estrela, 1913; Gravataí, de 1913 até 1917; Rio Grande; 1914; Veranópolis, 1914; Novo Hamburgo, 1915; Tupanciretã, 1920; Antônio Prado, 1920; Rio Pardo, 1925; Guaporé, 1928; Vacaria, 1934; Erechim, 1935; Getúlio Vargas, 1938; Bento Gonçalves, 1940; Santo Ângelo, 1941; Farroupilha, 1945; Montenegro, 1946; Canela, 1957; Viamão, 1957; Camaquã, 1960.

Alguns dos moradores da Casa São José são originários das cidades onde chegaram os primeiros Irmãos no Rio Grande do Sul, e assim como eles, são na sua maioria, filhos de camponeses. Esta similitude de procedência os aproxima no aspecto do vivido em respeito ao trabalho na terra e o respeito ao meio ambiente. De acordo com as condições físicas de cada morador eles mantêm este vínculo com o tema da Natureza, seja em forma de contemplação ou realizando pequenas atividades ligadas à terra.

A participação em algumas destas atividades que demandam um pouco mais de esforço físico contribui para a manutenção da qualidade de vida uma vez que o oferecimento de atividades de todas as ordens, especialmente as que incluam movimentos corporais ou atividade física/exercícios sistematizados, são fundamentais para manter o máximo de independência e autonomia possíveis nesta fase da vida. É possível observar entre os moradores da Casa São José, as mesmas diferenças observadas por Araújo (2013) na qualidade de vida dos Irmãos que praticam atividade física comparadas com os que não praticam, não estão apenas restritas aos aspectos de saúde física, mas se estendem aos

aspectos psicológicos e cognitivos que apresentaram diferenças.

Na Carta Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco sobre o cuidado da Casa Comum (2015), identifica-se elementos congruentes com itens pertinentes à Comunhão com a Natureza. Em relação à contemplação e conhecimento, o Papa Francisco cita o ensinamento de São Boaventura: “A contemplação é tanto mais elevada quanto mais o homem sente em si mesmo o efeito da graça divina ou quanto mais sabe reconhecer Deus nas outras criaturas”. Na relação de transformação pela pesquisa e conhecimento menciona que:

É preciso investir muito mais na pesquisa para se entender melhor o comportamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferentes variáveis de impacto de qualquer modificação importante do meio ambiente. Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 14-15).

Quanto ao uso equilibrado dos bens fundamenta a possibilidade da mudança a partir da própria humanidade.

Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração. (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 63).

Quando Papa Francisco (2015) fala do meio ambiente faz menção de que devemos observar a especial relação entre a sociedade inserida no contexto da natureza nos percebendo como parte desta natureza e a natureza como parte da nossa própria vida. Isto deve fazer parte do nosso estilo de vida e estabelecer uma capacidade de viver juntos em comunhão, proposta presente na forma como Pe. Champagnat conduziu a Congregação.

B. Comunhão com os outros – *valores*.

- aceitação do outro como diferente de mim;
- amor expresso pela acolhida, serviço e o perdão;
- diálogo, confiança, amizade;
- vulnerabilidade tranquila, para deixar-se atingir, mas não abater;
- sensibilidade às realidades da sociedade em que estamos vivendo.

Vygotsky percebe a relação Eu-outro do seguinte modo:

[...] busca compreender o vivido por “dentro” que veio de “fora”, mas que não se cristaliza, não se torna estático ou estável, porém não é inefável nem indolor, pelo contrário, é significativamente sentido e vivido nas experiências, nas pausas, nas (in)determinações das in(ter)venções e nas situações em que o sujeito se posiciona. Coloca-se, então, o problema do outro: qual o alcance do outro, o que o outro capta, qual é o alcance de cada um, o que cada um capta. O olhar do outro sempre será diferente, mas precisa-se dele para se enxergar de forma diferente. Nessa perspectiva, o sujeito é uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-outro; ou seja, é na relação com os outros e por ela, é na linguagem e por ela que alguém se constitui sujeito e é constituinte de outros sujeitos. (MOLON, 2011, p. 617).

Esta forma de perceber a construção do Eu-outro pode estar presente neste processo de desenvolvimento da Comunhão com os outros proposta pela formação Marista. Bakhtin (apud MOLON, 2011, p. 621), menciona que “Meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo”. Aqui se encontra a importância de trabalhar na formação *aceitação do outro como diferente de mim*.

O conceito de *sentido* em Vygotsky a partir da ênfase na compreensão dos processos psicológicos com foco no papel dos signos foi um divisor de águas em sua obra. As premissas exploradas neste rompimento foram: primeiro considerar o caráter dinâmico do *sentido* que abarca a complexidade instável da significação; um segundo foi de que os signos não estariam na mente, nem seriam transcendentais, mas seu *sentido* se produziria nas práticas sociais, através da articulação dialética do mundo psicológico e do vivido no aqui e agora, diferente de uma relação de determinação causal.

Um terceiro aspecto é esta articulação cambiante entre significados e sentidos que estabelece um jogo de forças que unificam ou se afastam dos processos coletivos de significação; como quarto aspecto o autor ressalta o caráter plurideterminado e ilimitado do *sentido*. Contudo, ele têm em sua formação, múltiplas zonas de diferente estabilidade, assim, sua construção se dá de modo aleatório (BARROS et al., 2009).

As palavras de Smolka citado por Barros et al. (2009, p. 180), ilustram esta questão com clareza:

Os sentidos podem ser sempre vários, mas dadas certas condições de produção, não podem ser quaisquer uns. Eles vão se produzindo nos entremeios, nas articulações das múltiplas sensibilidades, sensações, emoções e sentimentos dos sujeitos que se constituem como tais nas interações; vão se produzindo no jogo das condições, das experiências, das posições, das posturas e decisões desses sujeitos; vão se produzindo numa certa lógica de produção, coletivamente orientada, a partir de múltiplos sentidos já estabilizados, mas de outros que também vão se tornando possíveis. (SMOLKA apud BARROS et al., 2009, p. 180).

De acordo com Barros et al. (2009, p. 180), Smolka considera que todo pesquisador deve se debruçar sobre “as condições de emergência e os modos de elaboração, funcionamento e sustentação da significação, sobre a possibilidade mesmo da produção de sentido” enquanto Vygotsky (1934/2001b, p. 481 apud BARROS et al., 2009, p. 180) assevera que: “para entender o discurso do outro, nunca é necessário entender apenas umas palavras; precisamos entender o pensamento. Mas é incompleta a compreensão do motivo que o levou a emití-lo”.

Segundo Lucci (2006), para Vygotsky a especificação do contexto social onde se deu o desenvolvimento do indivíduo é um dos elementos importantes para a compreensão dos processos psicológicos e ele apresenta algumas assertivas sobre esta questão. Neste momento destaca-se as seguintes:

- o indivíduo é determinado nas interações sociais, ou seja, é por meio da relação com o outro e por ela própria que o indivíduo é determinado;
- o desenvolvimento é um longo processo marcado por saltos qualitativos que ocorrem em três momentos: da filogênese (origem da espécie) para a sociogênese (origem da sociedade); da sociogênese para a ontogênese (origem do homem) e da ontogênese para a microgênese (origem do indivíduo único);
- a atividade cerebral superior não é simplesmente uma atividade nervosa ou neuronal superior, mas uma atividade que interiorizou significados sociais derivados das atividades culturais e mediada por signos;
- a atividade cerebral é sempre mediada por instrumentos e signos;
- a linguagem é o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores;
- a linguagem compreende várias formas de expressão: oral, gestual, escrita, artística, musical e matemática. (LUCCI, 2006, p. 5).

De acordo com Lucci (2006, p. 7) “A teoria do desenvolvimento vygotskyana parte da concepção de que todo organismo é ativo e estabelece contínua interação entre as condições sociais, que são mutáveis, e a base biológica do comportamento humano”. Deste modo se estabelece, no processo de desenvolvimento, duas possibilidades que ele denomina de processo elementar, de origem biológica, e outra o processo superior de origem sociocultural, caracterizada pela intencionalidade das ações, que são mediadas (LUCCI, 2006).

O estudo de Molon traz notas sobre a constituição do sujeito, subjetividade e linguagem em que considera que:

A constituição do sujeito vivida como drama potencializa a capacidade de criar e abrir-se para o inusitado, para o não coincidente, para o inesperado, não se esquecendo de lutar contra as desigualdades sociais e de não assumir uma posição de indiferença em relação ao outro. (MOLON, 2011, p. 621).

Está contemplado um espaço de reflexão instigante sobre a proposta da formação Marista, na área de Comunhão com os outros, no valor referente à *sensibilidade às realidades da sociedade em que estamos vivendo*, onde é essencial reconhecer a dialética que se estabelece na relação Eu-outro, para propor e realizar ações transformadoras.

O desenvolvimento dos diferentes aspectos propostos na Comunhão com os outros pelo Irmãos que escolheram a Vida Consagrada Marista terá importância maior ainda na velhice quando, segundo Carneiro e Falcone (2004, p. 122), “A capacidade de interagir socialmente é fundamental para o idoso, a fim de que ele possa conquistar e manter as redes de apoio social e garantir maior qualidade de vida”.

Rogério Anele (2013, p. 65), em sua dissertação de mestrado sobre o Instituto Marista, apresenta com clareza o tipo de administrador que foi Pe. Champagnat, modelo seguido pelos Irmãos que o sucederam:

Observa-se que, no caso do Instituto Marista, trata-se de uma organização cujo fundador, antes de tudo, constituiu uma família, a “família marista”, a qual virou uma instituição. Isso traz uma maior complexidade do entendimento do que seja uma organização familiar, ou seja, tal definição está acima do que Machado (2005) apresentou na conclusão do seu artigo. Ampliando esta complexidade, traz-se o conceito de Gonçalves (2000) quando aborda que algumas empresas familiares começam como uma empresa pessoal; ou seja, na geração dela o negócio é muito pessoal e não familiar, e depois se agregam colaboradores que acabam fazendo sucessão e transformando o negócio. No caso marista há um misto dessas definições: de um lado há a origem totalmente individual, porém, de outro, há a continuidade, que não trouxe mudanças e sim perpetuidade, muita tradição e conservação dos valores e credos do fundador. (ANELE, 2013, p. 65).

Uma das contribuições relevantes do estudo desenvolvido por Anele (2013, p. 119), foi a descrição de um fator relacionado “à cultura e sua relação com o poder “[...] em especial ao poder informal praticado e revelado pela maioria dos participantes [...]”, que neste caso específico se trata dos Irmãos Consagrados, onde alguns são os moradores da Casa São José, e que ocuparam cargos de poder na Instituição Marista, desde professores, coordenadores, diretores e mesmo provinciais e hoje passam pela reorganização institucional e compartilham o poder com os leigos para conduzir o Instituto, estabelecendo assim uma forma peculiar de comunhão com os seus pares.

C. Comunhão consigo mesmo – *valores*.

- conhecimento, aceitação e superação de si mesmo, com suas qualidades e limitações, fazendo a diferença entre o eu e as imagens do ego, renunciando ao que não se é (fantasias) e àquilo que não se tem, a fim de chegar a ser uma imagem única de Deus;
- capacidade de refletir, de querer, de decidir-se na liberdade, a fim de se tornar mais responsável;
- capacidade de reagir positivamente à tristeza, à provação, ao sofrimento, aos movimentos de depressão;
- ascese, vista sobretudo como equilíbrio das tendências, higiene corporal e mental: saúde, asseio, ritmo de vida, exercícios.

A igreja segundo Coelho (2016), aceita tanto a visão bipartida, quanto a visão da antropologia tripartida do homem onde a primeira se refere ao homem ser composto por corpo e alma e a segunda onde o homem é composto por corpo, alma e espírito.

A visão tripartida provém de escritos do apóstolo Paulo citado por Coelho (2016, p.85) “O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso senhor Jesus Cristo.”

No seu artigo “Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito, Coelho (2016) trata tanto da visão bipartida, apresentada em diversas obras de Tomás de Aquino, quanto da visão tripartida de Henri de Lubac. Neste espaço ele discorre de modo mais detalhado sobre as considerações feitas entre alma e espírito, não aprofundando as questões de corpo, o autor expressa nas considerações finais que:

Do ponto de vista científico e filosófico vê-se, o predomínio no contexto católico de uma visão bipartida do homem como sendo composto de corpo e alma. [...]. Do ponto de vista místico, sem rigor científico que restringe a definição e o sentido de cada termo utilizado permitindo uma abordagem mais poética, pode-se usar a visão tripartida do homem como um motivador a fazer o homem buscar algo além das suas limitações, isto é, [...] nas palavras de Henri Lubac buscar “perfeição moral e santidade, vida virtuosa e vida mística, são distintas elas estão hierarquizadas, mas ao mesmo tempo estão unidas na caridade. (COELHO, 2016, p. 91).

No texto apresentado por Teixeira (2016), O corpo e sua relação com o sagrado, encontra-se considerações estruturadas nas questões do ser humano feito à Imagem e Semelhança de Deus, o corpo como uma dimensão própria do ser humano, e que foi sendo deturpada, e encerra apresentando como os fiéis, por meio dos sentidos, participam dos

sacramentos e ritos como forma de expressar sua fé, e como deveriam expressar isso na realidade onde estão inseridos. Na questão feito Imagem e Semelhança, o autor considera que o ser humano: “[...] tem uma necessidade intrínseca de relação com o Criador. No entanto, não é uma relação de submissão; é uma relação de amor, exige fé”.

Quanto à questão do corpo em si discorre:

[...] foi por muito tempo considerado como merecedor de castigo, que precisaria ser dominado e domado. [...]. Com o desenvolvimento das sociedades, da cultura e do conhecimento, tanto na ciência de modo geral quanto na teologia, tenta-se uma valorização do corpo, um reconhecimento dele como unidade, porém, essa concepção por vezes acontece de forma equivocada, levando as pessoas a focar na questão da satisfação dos prazeres e não de que ele faz parte de uma unidade própria que forma o ser humano. A corporeidade do ser humano é formada para a comunhão com Deus, com as pessoas e consigo mesmas e não algo meramente individualista ou alienante. O corpo é a forma de o ser humano expressar seus sentimentos, seus afetos, seus desejos e vontades, que por um lado é positivo, porém pode ser negativo se resumir o ser humano a uma área apenas de sua existência ou a o fechamento para as relações de amadurecimento. (TEIXEIRA, 2016, p. 216).

Na questão dos sacramentos e ritos, após abordar cada um deles separadamente, coloca a importância dos sentidos para adentrar na celebração e significar a presença de cada pessoa nela, apresenta como o exemplo o uso do incenso que interfere no olhar, no olfato e na própria forma de sentir os símbolos evocados em cada um dos sacramentos por meio dos ritos.

Para ampliar as relações indicadas da importância dos sentidos nas celebrações e significar a presença, busca-se suporte nos conceitos descritos por Merleau-Ponty, a partir da concepção fenomenológica na qual:

[...] a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares do mundo. [...] reforça a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece o espaço como expressivo e simbólico. (NÓBREGA, 2008, p. 142).

Segundo Nóbrega (2016), Merleau-Ponty (1945/1994) afirma que: “[...] a abordagem metodológica da percepção identifica-se com os movimentos do corpo e redimensiona a compreensão de sujeito no processo de conhecimento”. A autora avança nas reflexões estabelecendo um diálogo entre Merleau-Ponty e as ciências contemporâneas, realizando uma aproximação com a noção de autopoiesis produzida por Maturana e Varela. Essa visão refere-se à complexidade do ser vivo, em que o conceito de clausura operacional caracteriza uma nova forma de interação mediada pela autonomia do sistema, e o conceito de emergência inaugura a natureza do fenômeno interpretativo, desde a célula até níveis de maior complexidade com o corpo em movimento.

Enquanto Chauí (1975) citada por Reis (2008, p. 112), aponta que:

[...] o fundamento ontológico da consciência revela uma terceira dimensão que constitui a esfera do impensado. Este conceito foi recuperado de Heidegger, e consiste num devir de sentido, no que se esconde entre o significado e o significante entre o constituinte e constituído, entre “noema” e o “noese”. (CHAUÍ, 1975 apud REIS, 2008, p. 112).

Reis (2008, p. 112) considera que: “[...] isto aponta para uma reabilitação ontológica do sensível através de uma corporeidade reflexionante.”, e complementa, “[...] o enigma que compõe cada camada sensível do mundo vivido é o que deveria ser interrogado”.

O corpo é um determinante das propriedades reais enquanto fundamento essencial de todas as outras determinações, pois é a partir dele que começamos a ter uma experiência de mundo, o único corpo verdadeiramente vivente é, pois, nosso corpo vivente (BARRETO, 2012).

Contudo, Barreto (2012), a partir dos conceitos de Husserl, fala da subjetividade transcendental como uma subjetividade enquanto corporeidade constituinte, pois, trata-se de um sistema de capacidade de movimento que coordena o campo dos sentidos no qual se constituem as formas básicas do mundo.

Husserl (1952/1997, p. 193) citado por Barreto (2012, p.17), adverte “[...] a consciência total de um homem está enlaçada de certa maneira com seu corpo mediante um suporte hilético⁴, mas está claro que as vivências intencionais, já não estão direta e propriamente localizadas, nem formam uma camada no corpo”.

Violante (2010, p. 63) considera que “O processo de socialização por meio do qual o indivíduo se humaniza pressupõe a existência de um corpo dotado de vida – com sexualidade e psique”.

Na Vida Consagrada de qualquer ordem religiosa católica um dos votos é o da castidade, que prevê o celibato, onde a construção do processo de psique se utiliza do “mecanismo psíquico da sublimação das pulsões sexuais e destrutivas, ao qual o Eu recorre para ser reconhecido em seu grupo social, por definição requer a existência do sujeito, bem como do grupo ao qual pertence.” (VIOLANTE, 2010, p. 67).

⁴ O adjetivo «hilético» é o referente à «hilé», e esta é, em filosofia, e na obra husserliana, concretamente, a «matéria da sensação como dado puro, antes da intervenção da atividade intencional do espírito, que lhe confere um sentido»

A autora, segundo sua leitura da obra freudiana, entende que:

[...] a sublimação no plano individual, tem uma função organizadora e reorganizadora da psique, e que no plano social – ao qual o individual está intimamente articulado –, ela presentifica na consolidação dos laços sociais, à medida que propicia a produção de bens culturais (produção artística, intelectual, etc.) por parte do indivíduo ou grupo. (VIOLANTE, 2010, p. 67).

De acordo com Laplanche e Pontalis (1980) citados por Gomes e Lisboa (2015, p. 605), “A sublimação, facilita compreender como é possível o sujeito orientar a pulsão sexual em vista da produção artística e intelectual ou religiosa, por exemplo, permitindo a vivência da sexualidade por outras vias”. Também há que se considerar que:

Consequentemente, aos que dão outro destino para a sexualidade, poderão ser capazes de se envolver e se ocupar de causas nobres, seja no âmbito religioso, político-social, da arte ou da produção científica, conferindo a este movimento, a sublimação, uma conotação e contribuição sociocultural. (FREUD, 1930/1974; PEREIRA, 2012 apud GOMES; LISBOA, 2015, p. 606).

Gomes e Lisboa (2015, p. 605) também esclarecem que “Por outro lado, a moral sexual civilizada impõe ao sujeito uma exigência acentuada, de privação sexual em vista da produtividade cultural”.

A história atribui a instituição da implantação da moral sexual ao Cristianismo que estabeleceu mecanismos de repressão sobre este tema definindo um ideal de sociedade a partir da cultura judaico-cristã. Porém, não cabe ao Cristianismo toda responsabilidade no que diz respeito às proibições. Desde o princípio os três valores éticos que fizeram parte da moral cristã foram: monogamia, a exclusividade na prática sexual e inexistência de prazer na relação sexual.

Entretanto, esses princípios já existiam nas grandes civilizações como no Império Romano, a estratégia do Cristianismo foi ampliada com o refinamento das confissões, dando assim continuidade a valores já incorporados, sustentando a moral sexual e mantendo o poder (FOUCAULT, 2004; SANTOS; CECCARELLI, 2010 apud GOMES; LISBOA, 2015, p. 602).

A partir do Concílio de Trento, ocorrido no século XVI, entre os anos de 1545 e 1563 (Ribeiro, 2006), a Igreja criou mecanismos e técnicas minuciosas para que os fiéis confessassem todas as suas experiências e os seus sentimentos a fim de revelar suas verdades ocultas, desde os sonhos, pensamentos e qualquer imaginação em relação a sua vida íntima. [...]. Segundo a mentalidade da época, o pecado não estava simplesmente no ato, mas em toda e qualquer imaginação e a intenção com que se permitia tal ato. Pela auto-observação, as confissões possibilitavam ao sujeito a tomada de consciência sobre si, o contato com suas fraquezas, sua sexualidade e seu corpo (DANTAS, 2010; FOUCAULT, 2004 apud GOMES; LISBOA, 2015, p. 602).

Embora a criação de mecanismos e técnicas de confissão pela Igreja tenha como principal objetivo o controle e manutenção do poder, Foucault (2004) citado por Gomes e Lisboa (2015, p. 602) entende que estas técnicas de interiorização que ocorriam nas confissões contribuíram na construção da subjetividade por parte dos indivíduos e na construção da história da sexualidade. Assim, é possível compreender que a moral sexual é uma realidade da cultura. Também para Gomes e Lisboa (2015, p. 602), “Se a moralidade sexual contribuiu para o aspecto da subjetividade, impasses podem perpassar a vida de quem faz escolha pela consagração religiosa”.

Segundo Gomes e Lisboa (2015, p. 602) “Entende-se escolha de vida religiosa consagrada como movimento interno que mobiliza a pessoa a dar resposta ao chamado divino para dedicar sua vida em prol de uma causa maior”.

Tratar de escolhas, especialmente quando se refere a escolhas de vida, pressupõe que o sujeito tome como referência a si mesmo, por vezes, a construção da dinâmica social na atualidade, que trata do sujeito de modo fragmentado, pode provocar alguns impasses (GOMES; LISBOA, 2015).

Zohar e Marshall (2006) citado por Gomes e Lisboa (2015, p. 603) mencionam que “Ao diferenciar a escolha de uma pessoa pela vida religiosa consagrada e de outras escolhas que podem ser feitas, enfatiza-se o desenvolvimento do capital espiritual”.

Pode-se compreender nessa concepção que a vida religiosa consagrada é entendida na experiência do mistério. Uma vida dedicada a viver de forma sublimada tem possibilidades de se abrir para a transcendência. Porém, o fato de uma pessoa estar no contato com o sagrado não a exime do mundo profano. Para tanto, a vida religiosa consagrada é um caminho que tem como ideal priorizar a vivência do sagrado, entretanto, deve-se considerar que esta se configura num tempo histórico (NOÉ, 2010; PEREIRA, 2004 apud GOMES; LISBOA, 2015, p. 604).

Embora já tenha ocorrido avanços na formação, tanto da juventude em geral quanto na Vida Consagrada para discutir a sexualidade, o tema continua sendo pouco abordado. A pesquisa realizada por Pereira (2012) citado por Gomes e Lisboa (2015, p. 604) aponta para dificuldade de discutir o tema tanto entre não religiosos quanto no meio religioso, pois de um modo geral a sociedade, no seu ideal imaginário, ainda percebe o religioso como assexuado. O autor ainda indica que entre os religiosos mais jovens se percebe uma compreensão da possibilidade de compartilhar este tema com alguém de sua confiança.

Segundo Gomes e Lisboa (2015), em suas considerações sobre sexualidade e Vida Consagrada, lembra que o modo como se vive a sexualidade depende de cada um e de sua história de vida não existindo padrões de certo ou errado, porém o controle das pulsões

sexuais pela sublimação exige uma demanda de recursos emocionais das pessoas e um autocontrole constante, aqueles que conseguem não se isentam de algum sofrimento.

Atualmente, a compreensão desta capacidade de lidar com o sofrimento presente na sublimação pode ser parcialmente esclarecida pela compreensão do conceito de resiliência, pois segundo Yunes (2003), “Resiliência é frequentemente referida por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (YUNES; SZYMANSKI, 2001, YUNES, 2001).”

Ainda segundo a autora “trata-se de um conceito relativamente novo no campo da Psicologia, a resiliência vem sendo bastante discutida do ponto de vista teórico e metodológico pela comunidade científica”. A autora descreve a resiliência a partir de duas perspectivas: com foco no indivíduo, baseada nas “habilidades individuais”, em que personagens de histórias de vida apresentam a capacidade de superar circunstâncias difíceis em detrimento de outros semelhantes que vivem as mesmas situações, e não apresentam esta mesma habilidade. Mesmo nessa perspectiva todos os autores contemplam a relevância da interação dos fundamentos constitucionais e ambientais da questão da resiliência. E na perspectiva relacionada à família onde segundo McCubbin e McCubbin (1988) citado por Yunes, 2003, p. 80), “famílias ‘resilientes’ são aquelas que resistem aos problemas decorrentes de mudanças e ‘adaptam-se’ às situações de crise”.

D. Comunhão com Deus – valores.

- atitude filial com o Pai, pela qual renunciamos a nós mesmos, isto é, reconhecemos receber de Deus a vida, a origem, o sentido da existência humana, a libertação e a salvação;
- atenção aos sinais da presença, do amor de Deus, em particular no rosto fraterno de Jesus, revelado na Palavra, celebrado como Igreja e reconhecido no pobre;
- educação ao silêncio interior, à oração do coração no Espírito Santo, à prece de louvor, de ação de graças, de intercessão, à oração litúrgica e comunitária, à oração partilhada, ao discernimento;
- atenção a todo homem, a toda mulher, como lugar de encontro com Deus (ARBUÉS, 1993).

Na Comunhão com Deus importa considerar aspectos da fé e da razão, pois para um Cristão não há nada mais importante que a fé. Nessa direção Dutra e Paim (2016, p. 294) afirmam que “Hebreus 11,1, diz que a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a

prova das coisas que não se veem”. Já para Ratzinger (2015) citado por Dutra e Paim (2016, p. 294), “A fé é obediência e significa que nós redescobrimos a imagem essencial do nosso ser, reconhecendo a relação de responsabilidade como forma fundamental de vida”. Enquanto para Libanio (2004) também citado por Dutra e Paim (2016, p. 289), “a fé é uma experiência humana fundamental que se faz entre as pessoas e que se prolonga para as coisas, mistérios e religiões. Crer é a condição de existir no convívio humano”.

Para Dutra e Paim (2016, p. 295) estes são argumentos importantes em relação à fé:

Côncio de sua limitação humana, o cristão acredita piamente que todas as situações que permeiam sua vida estejam no controle do Criador, sejam elas adversas, sejam de bonança. [...]. Dessa forma, a fé é uma certeza concreta, que ultrapassa barreiras e dá força e ânimo ao ser humano para permanecer firme em sua caminhada e não sucumbir diante das adversidades da vida. [...]. Os objetos da fé são: o mundo eterno, Deus, Cristo, as Escrituras, o evangelho e as promessas de Deus, elementos tais que produzem esperança nos crentes. Conseqüentemente, os benefícios da fé são destacados, como: a fé ajuda a alma a esperar em Deus e outorga consolo em meio aos temores: torna possível levar cargas maiores; ajuda quando o cristão se sente desanimado; exhibe maior excelência nas coisas que não se veem do que naquelas de são visíveis; torna os caminhos de Deus agradáveis e admiráveis. (DUTRA; PAIM, 2016, p. 295).

Dutra e Paim (2016) argumentam também sobre a necessidade de compreender a razão, pois: “A razão leva o Cristão a não se render ao sentimentalismo imaturo, tampouco exaltar a mente em detrimento da fé, mas possibilita um caminho equilibrado, na qual a experiência não é absolutizada, e a reflexão é exercitada”.

Para Kant citado por Dutra e Paim (2016, p. 295), “não resta dúvida que todo nosso conhecimento começa pela experiência [...]”, no entanto, ele continua “[...] há também um conhecimento, independente da experiência e de todas as impressões dos sentidos, distinguindo-se do empírico, que é o espaço onde a fé transcende os limites da experiência possível”.

Para Dutra e Paim (2016) há outro fator que torna a razão importante, é por ser o cristianismo uma religião revelada:

Se há uma religião no mundo que exalta o ofício do ensino, seguramente é a religião de Jesus Cristo. Tem sido frequentemente enfatizado que nas religiões pagãs o elemento doutrinal é mínimo – o mais importante nelas é a realização do ritual. É precisamente nesse ponto que o cristianismo se difere das outras religiões – ele contém uma doutrina. Ele chega até o homem com ensinamentos definidos e positivos; ele alega ser a verdade; ele baseia a religião no conhecimento, mas em um conhecimento que só é obtido sob condições morais. No decorrer da história da igreja, uma religião divorciada da reflexão e do pensamento profundo tem tendido a ser fraca, imatura e nociva, enquanto o intelecto, desprovido de lugar junto à religião, tem buscado satisfação sem ela e se transformado em um racionalismo iconoclasta. (STOT, 2012 apud DUTRA; PAIM, 2016, p. 296).

Paim e Dutra (2016) concluem suas argumentações dizendo: “A verdadeira fé é essencialmente racional, pois ela confia nas promessas e no caráter de Deus, e por isso um cristão que crê é alguém cuja mente reflete e descansa nessas certezas. Fé e raciocínio podem e devem caminhar juntos, crer é impossível sem pensar”.

Uma das formas de expressar a fé é através da oração, para Sanson Jr. e Barreira (2016, p. 447), “O exercício da oração é comumente destacado pela comunidade confessional como uma ação vital, sem a qual a alma, desconectada das fontes sobrenaturais, fatalmente desfaleceria.”, e continuam “[...] na prática e na doutrina transmitem e reiteram a convicção de que um ato de fé, precisa ser abastecido pela oração atenta e constante.”, e devido a tamanha importância: “[...] não possa ser deixada ao ímpeto da espontaneidade.”. Consideram ainda que: “Este retrato contraria, no entanto, o propósito de uma vida orante articulada com a promoção do ser”.

Segundo Sanson Jr. e Barreira (2016), as páginas do Catecismo da Igreja Católica – CAT, dispõem de material que alicerçam dois aspectos sobre o ato de orar: se orar é dever ou espontaneidade.

Como é possível observar neste trecho o aspecto do dever “A oração não se reduz ao brotar espontâneo dum impulso interior: para orar, é preciso querer. Tão-pouco basta saber o que a Escritura revela sobre a oração: é preciso também aprender a rezar” (CAT § 2650, 2016).

Já no trecho seguinte: “O que é a oração? Para mim, a *oração* é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria” (SANTA TERESA DO MENINO JESUS apud CAT § 2601-2602, 2016).

No Catecismo da Igreja Católica consta que:

- **2644.** O Espírito Santo, que ensina a Igreja e lhe recorda tudo o que Jesus disse, também a educa para a vida de oração, suscitando expressões que se renovam no âmbito de formas permanentes: bênção, petição, intercessão, ação de graças e louvor.
- **2645.** É porque Deus o abençoa, que o coração do homem pode, retribuindo, bendizer Aquele que é a fonte de toda a bênção.
- **2646.** A oração de petição tem por objeto o perdão, a busca do Reino, bem como qualquer necessidade verdadeira.
- **2647.** A oração de intercessão consiste numa petição em favor de outrem. Não conhece fronteiras e estende-se até aos inimigos.

- **2648.** Toda a alegria e todo o sofrimento, todo o acontecimento e toda a necessidade podem ser matéria da ação de graças, a qual, participando na de Cristo, deve encher a vida toda: «Dai graças em todas as circunstâncias» (1 Ts 5, 18).
- **2649.** A oração de louvor, totalmente desinteressada, dirige-se a Deus: canta-O por Si próprio, glorifica-O, não tanto pelo que Ele faz, mas sobretudo porque ELE É.

A questões da oração nas Constituições e Estatutos da Congregação Marista está tratada do seguinte modo:

Homens de oração. 77. A oração é para nós absoluta necessidade. Ela não se limita aos exercícios de piedade, nem tampouco se identifica com o trabalho apostólico. Ela é presença e comunhão com Deus, tornado mais próximo pela nossa atenção aos outros. Pouco a pouco, ela unifica nossa vida e tende a tornar-se contínua, penetrando nossa ação e refletindo-se sobre os que nos cercam. Cada um de nós é o primeiro responsável por sua oração pessoal e corresponsável pela comunitária. 7.7.1. A comunidade organiza sua oração conforme as exigências das Constituições. Avalia periodicamente suas opções de oração em vista do crescimento espiritual de seus membros. Permanece aberta a outras formas de oração capazes de promover esse crescimento. (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS OU PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA, 2007).

Para Sanson Jr. e Barreira (2016), a fidelidade à oração cotidiana proposta nos ambientes religiosos não atende e nem representa a autenticidade espiritual, uma vez que: “se deem por coordenadas completamente diversas à dinâmica entre as formas de oração e as propriedades transcendentais do ser”. Nesse sentido é importante que se entenda transcendental a partir do Curso de Filosofia de Régis Jovilet (2016), onde a noção de Ontologia é “[...] a ciência do ser enquanto ser e dos caracteres que pertencem ao ser como tal. O ser é um transcendental, ou se unia a noção que *transcende ou ultrapassa, todas as categorias do ser* e se aplica a tudo que é ou pode ser, de qualquer forma que seja”.

Aquele que escolhe a Vida Consagrada por si só faz a escolha de empreender o desenvolvimento de sua espiritualidade, porém encontramos no estudo de Gutz e Camargo (2013, p. 793), a indicação que “a espiritualidade pode ser contemplada na velhice como um dos recursos de enfrentamento para situações adversas, constituindo-se de aspectos emocionais e motivacionais na busca de um significado para a vida”.

No estudo realizado por Gutz e Camargo (2013), com idosos acima de 80 anos, no qual foi utilizado o sistema de análise do Alceste⁵, que criou cinco classes de representações

⁵ ALCESTE é um software de análise textual de dados, desenvolvido na França e vem sendo largamente utilizado na análise de questionários, trabalhos literários, artigos científicos, etc

sociais sobre espiritualidade, destaca-se duas relacionadas aos *valores* de formação da Vida Consagrada que trata da Comunhão com Deus: Classe 1 - Fé e oração, e Classe 4 - Deus.

Na Classe 1 – embora tenha sido uma classe produzida predominantemente por participantes do sexo feminino parece interessante observar que a prática da oração busca “recuperar e ganhar forças para enfrentar o cotidiano, como forma de enfrentamento diante de situações de perdas e mudanças.” (GUTZ; CAMARGO, 2013, p. 800).

Na Classe 4 – entre leigos, não consagrados, “As pessoas se refugiam em Deus para explicar o que não compreendem e a religião se torna a solução universal.” (GUTZ; CAMARGO, 2013, p. 800).

Na análise por contraste a representação das idosas vincula a espiritualidade à preocupação e preparação para a vida após a morte, enquanto a representação social dos idosos relaciona com as formas de viver essa vida (GUTZ; CAMARGO, 2013, p. 803).

2.2 QUALIDADE DE VIDA – CONCEITOS E PERCEPÇÕES

Para Gonçalves e Vilarta (2004), o conceito de Qualidade de Vida exige um olhar sistêmico sobre todos os indicadores que podem compô-lo, além dos inumeráveis ângulos pelos quais podem ser estudados. Também consideram que a segurança, felicidade, lazer, saúde, condição financeira estável, família, amor e trabalho costumam estarem presentes nas opiniões sobre Qualidade de Vida.

Pesquisadores sistematizaram métodos de estudo sobre estes significados identificando um conjunto de elementos relacionados ao termo que incluem: aspectos culturais, históricos e de classes sociais; conjunto de condições materiais e não materiais; diferenças de faixas etárias; condições de saúde das pessoas ou de uma comunidade e sobre as questões relacionadas à diferença de faixas etárias, a recomendação da prática de atividade física para os idosos de 65 anos, ou mais, traz uma série de benefícios dentre os quais destacamos o combate à debilidade e a vulnerabilidade causadas pela inatividade (GONÇALVES; VILARTA, 2004).

A Organização Mundial de Saúde – OMS, por meio do trabalho conjunto de cientistas de várias partes do mundo estruturou a seguinte definição para o termo Qualidade de Vida: “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (GONÇALVES; VILARTA, 2004, p. 32-33).

Qualidade de Vida, em um sentido mais amplo, pode ser uma medida da própria

dignidade humana, pois pressupõe o atendimento das necessidades humanas fundamental, ou dito, por uma visão holística é “a condição humana resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracteriza as condições em que vive o ser humano” (NAHAS, 2003, p. 14).

As duas definições contemplam aspectos importantes para compreender a Qualidade de Vida, a subjetividade de cada indivíduo e a objetividade das condições materiais.

Faz parte do senso comum aceitar uma relação implícita entre envelhecimento, espiritualidade e religiosidade, o que pode ser observado em diferentes culturas e épocas. Remonta às sociedades primitivas e à atribuição de poderes divinos aos mais velhos, assim como Deus, na cultura Ocidental é apresentado com um velho de barbas brancas (GOLDSTEIN, 1993).

Para Fleck (2008), uma “boa qualidade de vida” estará presente quando as esperanças e expectativas de um indivíduo são satisfeitas pela experiência. Essa definição tem algumas implicações:

1. Só pode ser descrita pelo próprio indivíduo.
2. Precisa levar em conta vários aspectos da vida.
3. Está relacionada aos objetivos e metas de cada indivíduo.
4. A melhora está relacionada à capacidade de identificar e de atingir esses objetivos.
5. A doença e seu respectivo tratamento podem modificar esses objetivos.
6. Os objetivos necessariamente precisam ser realistas, já que o indivíduo precisa manter a esperança de poder alcançá-los.
7. A ação é necessária para diminuir o hiato entre a realização dos objetivos e as expectativas. Essa ação pode se dar através do crescimento pessoal ou da ajuda dos outros.
8. O hiato entre as expectativas e a realidade pode ser justamente a força motora de alguns indivíduos.

Alguns estudos relacionam a prática de atividade física com um fator importante na percepção da qualidade de vida entre idosos, podendo aumentar ou manter a aptidão física potencializando o bem-estar funcional, que está definitivamente ligado ao grau de satisfação do indivíduo em todos os sentidos da vida pessoal (GUIMARÃES et al., 2012).

Dentre as práticas de atividade física destacam-se as realizadas no meio líquido em função das características e benefícios mencionados no estudo de Lopes et al. (2014, p. 23):

Vários estudiosos apontam que a prática regular de hidroginástica e natação é adequada à população idosa, em função do ambiente aquático ser particularmente apropriado para essa faixa etária por facilitar a locomoção, oferecendo menos impacto aos ossos e às articulações destes indivíduos que, naturalmente, estão mais frágeis em virtude do avanço da idade (BAUM, 2000; AIDAR et al., 2006; RABELO, 2006; ALVES, 2007; ASSIS; CERRI; SIMÕES, 2007 apud LOPES, 2014, p. 23).

No estudo realizado por Guimarães et al. (2012), sobre percepção de Qualidade de Vida em adultos praticantes e não praticantes de atividade física, destacam-se alguns resultados importantes: a preocupação daqueles que praticam atividade física em se tornarem dependentes na velhice, em especial os que fazem dança; a crença de alguns de que a velhice acarreta dependência, morte e solidão, e assim, manifestam que diante desta realidade o melhor seria morrer cedo; o domínio social se destaca positivamente entre os praticantes de atividade física, além de terem a tendência de aceitarem e lidarem melhor com perdas e a proximidade da morte.

Já a pesquisa realizada por Carneiro e Falcone (2004) trata da manutenção das habilidades sociais como elementos importantes para a qualidade de vida na velhice a partir de quatro áreas indicadas por Neri (1997): 1) a competência comportamental; 2) a qualidade de vida percebida; 3) condições contextuais e 4) bem-estar psicológico; essas são áreas que permitem se estabelecer indicadores objetivos. Em relação a aspectos mais subjetivos de acordo com Bandura (1986) citado por Carneiro e Falcone (2004, p. 120): “um funcionamento competente do indivíduo na interação com o ambiente não é só uma questão de saber o que fazer, mas envolve também crenças sobre sua auto-eficácia”.

Segundo Goldstein (1995) citado por Carneiro e Falcone (2004, p. 120), “A crença de auto-eficácia refere-se ao julgamento do indivíduo acerca de suas capacidades de organizar e executar cursos de ação para obter determinados tipos de desempenho”. O autor complementa esclarecendo que esta crença independe das habilidades do sujeito, porém se pauta no julgamento do que pensa que pode fazer com as habilidades que possui.

Segundo Carneiro e Falcone (2004, p.120), para Bandura (1995) o declínio constante da percepção de autoeficácia permite que ocorra o declínio cognitivo e perdas no funcionamento do comportamento. E, de acordo com Del Prette & Del Prette (1999) citado por Carneiro e Falcone (2004, p. 120) a aquisição de comportamentos sociais envolve um processo de aprendizagem durante toda a vida

Os autores Carneiro e Falcone (2004) realizaram também uma revisão de estudos onde foi possível identificar uma melhor qualidade de vida, maior satisfação profissional e pessoal relacionada à presença de habilidades sociais, que são compreendidas como: “a

capacidade de obter ganhos com maior frequência, desempenhar o mínimo possível de tarefas indesejáveis, além de desenvolver e manter relacionamentos mutuamente benéficos e sustentadores” (BEDELL; LENNOX apud CARNEIRO; FALCONE, 2004, p. 121).

Em outro estudo, Carneiro e Falcone (2004) e outros autores identificaram que as interações bem-sucedidas apresentavam as seguintes características e que o sucesso das relações sociais depende delas: assertividade; empatia e habilidade de solucionar um problema, a ausência ou deficiência de uma delas pode provocar a esquiva e/ou agressividade, o que dificulta a interação social podendo levar ao conflito.

A capacidade de relacionar-se socialmente permite ao idoso manter uma rede de apoio que é extremamente importante na velhice, dentre elas, as que dão suporte de atendimento às perdas físicas e sociais, ou ainda o grupo de amigos, que são de livre escolha e mais funcionais no atendimento das necessidades afetivas (CARNEIRO; FALCONE, 2004, p. 121).

Os resultados obtidos por Carneiro e Falcone (2004) pela realização de uma Entrevista Estruturada com 30 participantes idosos frequentadores da Universidade Aberta da Terceira Idade indicaram que, em sua maioria, as situações em que o idoso obtém sucesso nas relações sociais são aquelas que não apresentam conflito; enquanto nas situações que precisam lutar pelos seus direitos apresentam menos habilidade, outra situação na qual não apresentam habilidade é na escuta de situações onde alguém compartilha um problema com eles.

2.3 ENVELHECER E MORRER, O PROCESSO DE FINITUDE E SUAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

A população mundial alcançou um novo patamar de longevidade que implica no redimensionamento de um ser/estar das pessoas em um mundo muito diferente daquele em que nasceram. De acordo com Papalia (2010), o desenvolvimento das condições que permitiram o aumento da longevidade é decorrente, por um lado, da melhoria das condições básicas de saneamento e, por outro, da aplicação de novas tecnologias que auxiliam na prevenção e disseminação de doenças.

O envelhecimento humano faz parte do Desenvolvimento Humano - DH, que vai do nascimento e se estende até a vida adulta, e seu estudo é relativamente novo. G. Santley Hall (1904-1916) foi um dos primeiros psicólogos a interessar-se pelo estudo do Envelhecimento Humano e, aos 78 anos, ele publicou *Senescência: A Última Metade da Vida*, porém, o autor

líder nesta área de estudo, foi Paul B. Baltes que identificou os princípios fundamentais da abordagem do desenvolvimento no Ciclo Vital. São eles:

1. O caráter vitalício do desenvolvimento, que diz respeito à influência incontestável das experiências que antecedem cada período de desenvolvimento, infere-se desta característica de que cada período do desenvolvimento seja único sem que exista distinção de importância entre eles.
2. O fator de dependência do desenvolvimento com a história e o contexto, pois, cada indivíduo está exposto ao tempo e lugar em que se desenvolve. Havendo, assim, uma influência mútua entre sujeito, história e contexto.
3. A multidimensionalidade e multidirecionalidade do desenvolvimento. Sugere-se que, ao longo da vida, ocorrem fases de ascensão e declínio, de acordo com a fase, pode haver maior ênfase de um, ou de outro, sem perda do equilíbrio geral necessário para continuidade do desenvolvimento do indivíduo. Todos os indivíduos, sem dúvida, buscam um modo de administrá-las ou compensá-las.
4. Há, outrossim, a flexibilidade ou plasticidade do desenvolvimento. A plasticidade refere-se à capacidade de modificar o desempenho, apesar de alguns estudos indicarem que existem limites para o potencial de mudança, Baltes (1982 apud PAPALIA 2010, p. 23)

Para Papalia (2010), a trajetória dos estudos na área do Desenvolvimento Humano - DH, inclui, entre seus objetivos, a descrição (retratar com precisão o comportamento); explicação (revelar as possíveis causas do comportamento); predição (prever o desenvolvimento da fase subsequente com base no comportamento observado); modificação (intervir para promover o desenvolvimento ideal). Os cientistas do Desenvolvimento Humano - DH estudam dois tipos de mudanças, quantitativas e qualitativas, que englobam os seguintes aspectos: físico, cognitivo e psicossocial, sem desconsiderar que todos estão interligados.

Para esta investigação tomaremos como uma das referências a perspectiva de Erik Ericson das Questões e Tarefas Normativas que determina que o desenvolvimento psicossocial esteja configurado em oito estágios e que cada um deles depende do êxito obtido na resolução de um ponto decisivo ou crise.

1. Crise alimentação - Confiança básica, em oposição à desconfiança básica que vai do nascimento aos 12 / 18 meses.
2. Crise controle de esfíncteres - Autonomia, em oposição à vergonha e dúvida que se estende dos 18 meses aos 3 anos.
3. Crise locomoção - Iniciativa, em oposição à culpa vai dos 3 aos 6 anos.
4. Crise escolaridade - Habilidade, em oposição à inferioridade, vai dos 6 aos 12 anos.
5. Crise relação com iguais - Identidade, em oposição à confusão de papéis. Adolescência.
6. Crise relação amorosa- Intimidade, em oposição ao isolamento. Idade adulta jovem.
7. Crise paternidade e criação - Capacidade de geração, em oposição ao estancamento. Idade adulta média.
8. Crise da velhice - Integridade do ego, em oposição à desesperança. Reflexão sobre a própria vida e aceitação dela. (PAPALIA, 2010, p. 34).

As idades aproximadas representam o período crítico para o desenvolvimento das características contempladas. A teoria de Erikson ressalta a importância das influências sociais e culturais sobre o desenvolvimento humano.

Papalia (2010) esclarece que a idade de 65 anos marca a entrada na Idade Avançada, o que equivale à velhice na perspectiva de Erik Ericson, período do ciclo vital considerado a última fase da vida. Entretanto, Schwanke (2012) apresenta dados relacionados ao envelhecimento populacional que apontam para uma transição demográfica que vem acontecendo de forma heterogênea em diferentes fases ao redor do mundo, tratando-se de um fenômeno mundial e também uma realidade brasileira, o que nos faz ponderar que a última fase da vida pode tornar-se cada vez maior.

Dentre os indicadores demográficos cabe destacar:

Esperança de vida aos 60 anos de idade: é o número médio de anos de vida esperados para uma pessoa ao completar 60 anos de idade, mantido o padrão de mortalidade existente na população residente, em determinado espaço geográfico, no ano considerado (CLOSS; SCHWANKE, 2012).

Índice de longevidade que trata do resultado da razão entre a população acima de 90 anos e a população acima de 65 anos, expresso em porcentagem e calculado conforme a seguinte equação:

$$\frac{\text{Número de pessoas residentes com 90 anos e mais} \times 100}{\text{Número de pessoas residentes com 65 anos e mais}}$$

A região Sul do Brasil apresenta um índice de Esperança de vida ao nascer de 75,2 anos no total e de 78,7 anos para as mulheres e de 71,9 anos para os homens (CLOSS; SCHUWANKE, 2012).

Este indicador aponta a necessidade de se ampliar os estudos com faixas de idade acima de 65 para que se possam organizar intervenções que atendam às necessidades desta população longeva, pois se inicia um ciclo de vida descrito como finitude, que começa com o processo de afastamento da profissão exercida ao longo da vida adulta, descrito como aposentadoria e atualmente como transição de carreira e inclui a morte, que é um processo composto de várias etapas, não um fato instantâneo, o qual supõe distinguir morte clínica de morte fisiológica e de morte absoluta.

A aposentadoria ou transição de carreira, para os idosos religiosos ganha outra

dimensão, pois resulta da interação entre sujeito e instituição, de maneira diferente do que se dá em outros grupos de idosos (GUIMARÃES; ALVES, 2012, p. 72).

Guimarães (2012) e Papalia (2010) apontam na mesma direção, o primeiro resgatando o conceito de *life spam* no qual o ser humano não para de se desenvolver quando se torna idoso e a segunda considerando que o indivíduo aprende do nascimento até a morte.

Esse misterioso momento de cessação da vida é que causa o pavor, principalmente em relação ao processo doloroso que pode levar à morte (BRUSTOLIN, 2013). O mesmo autor ainda considera que no processo civilizador, que iniciou em torno de quatrocentos a quinhentos anos atrás, a morte e o próprio modo de morrer sofreram mudanças. Antigamente a morte era experienciada de um modo mais público que na sociedade atual, a família e os vizinhos acompanhavam esse processo, pois se morria em casa. Atualmente, este processo geralmente se dá em hospitais e de modo muito mais privado.

Para Freitas (2013), mais comumente concebe-se a morte do outro, entretanto, isto caracteriza a tendência de se negar a morte e as questões relativas à finitude. A morte, não envia convite, ela comparece e desperta curiosidade, desconforto, reflexões e medo. A solenidade com que se trata a cerimônia de sepultamento é cercada de recomendações para manter-se silêncio para “evitar perturbar a paz dos mortos”, o que se trata muito mais de uma forma dos vivos se distanciarem dos mortos e do seu próprio medo da morte.

Guimarães (2012) avalia que os idosos religiosos não costumam falar explicitamente sobre finitude e morte, já Freitas (2013) explica que a sociedade trata a morte como tabu, exige o máximo de discrição da família, a modernidade não tolera o sofrimento, pois falta-lhe capacidade para lidar com o sofrimento. Brustolin (2013), por sua vez, argumenta que a morte assim reprimida provoca uma indiferença profunda pelo outro.

Na velhice, o luto dos amigos que se vão um a um é uma experiência que remete incessantemente à própria condição de envelhecimento e uma vivência exacerbada de solidão, intensificando os processos e as vivências de luto (ELIAS, 2001).

Conforme Freitas (2013), fenomenologicamente, a especificidade da relação só pode ser compreendida no contexto da vivência e do sentido, em que o esforço metodológico se dirige à busca da compreensão das vivências enquanto fenômenos. Enquanto Brustolin (2013) acredita nos seguintes motivos para retomada da noção de morte natural:

- 1º a morte faz parte da estrutura do ser, portanto não se pode viver sem morrer. Cada processo vital contém em si, também, um processo mortal.
- 2º o futuro do ser humano e da natureza é desconhecido. A morte é um fato físico e natural que, embora não possa, se dominada, é possível prever a sua evolução, especialmente com o progresso da medicina; e 3º deve-se reconhecer um direito à

morte natural, hoje frequentemente violado. Muita gente morre de forma não natural, mas pela origem social. Requer-se, então, uma igualdade de acesso e consumo dos serviços médicos, melhor qualidade de vida e de direitos humanos. (BRUSTOLIN, 2013, p. 57).

Para Kóvács (1992) citado por Brustolin (2013, p. 61) o medo da morte é uma reação emocional que envolve sentimentos de:

1. medo de morrer: trata da morte concreta abrangendo o modo específico de morrer; por exemplo, o medo de morrer de câncer;
2. medo dos mortos: relaciona-se com a reação das pessoas diante de animais ou pessoas mortas; por exemplo, o medo de encontrar um cadáver ou o horror que sentem ao ver um animal morto;
3. medo de ser destruído: refere-se ao medo da destruição do corpo imediatamente após a morte; por exemplo, medo que estudantes usem o corpo para pesquisas;
4. medo da perda de pessoas significativas: é o sentimento que a perda pode causar; por exemplo, o medo de perder os filhos;
5. medo do desconhecido: envolve a questão última da existência e a dúvida acerca do que virá após a morte; por exemplo, medo de que não haja vida após a morte;
6. medo da morte consciente: recorda os processos subjacentes à morte e o temor de se estar consciente nessa hora; por exemplo, medo de estar consciente e não poder se comunicar no momento da morte;
7. medo do corpo após a morte: é a preocupação com a qualidade do corpo após a morte: por exemplo, medo de que o corpo fique desfigurado; e
8. medo da morte prematura: receio da frustração por não ter atingido os objetivos ou por não ter vivido certas experiências antes de morrer; por exemplo, medo de morrer antes de ver os netos nascerem. (KÓVÁCS, 1992 apud BRUSTOLIN, 2013, p. 61).

Estes sentimentos são a base das categorias da Escala multidimensional para medir o medo da morte (EMMM), onde indivíduos que declararam maior envolvimento religioso apresentaram menores escores de medo da morte, e os que declararam médio envolvimento religioso tiveram os escores mais altos, ficando os que se declararam ateus com os níveis intermediários (BRUSTOLIN, 2013).

Brustolin (2013), na Teologia Rahner, descreve que em tudo que fazemos há presença da morte. Ele transcreve para a Teologia o conceito de Heidegger, de ser-para-a-morte. Onde essa expressão representa o processo concreto da crescente acumulação de traços da morte na história da vida humana. Na interpretação rahneriana, em todas as experiências de debilidade, doença e desilusão, o ser humano morre um pouco.

Nesse sentido também para Dantas (2010, p. 906) “Toda a experiência de lidarmos com a morte é fortemente marcada pelo sentido prévio que concebemos a vida, e, por conseguinte, a perda dela”.

Sponville (2000) citado por Dantas (2010, p. 906) lembra algo fundamental:

Não se morre por acidente, doença, velhice. Morre-se por ser mortal, morre-se por viver, por ter vivido. A morte, ou a angústia da morte, ou a certeza da morte, é o próprio sabor da vida, seu amargor essencial. Como a cerveja tem gosto de cerveja, assim a vida tem gosto de morte. (SPONVILLE, 2000 apud Dantas, 2010, p. 906).

Os aspectos simbólicos, especialmente os relacionados à vida e morte, fazem parte das características do ser humano, ou seja, pelo significado ou pelos valores que ele imprime aos fatos. Portanto, o sentido da morte, varia no decorrer da história e entre as diferentes expressões da cultura humana (GUIMARÃES; ALVES, 2012).

Para Oliveira (2013), cada pessoa percebe a morte e lhe atribui um sentido de forma diferente. Essa percepção passa pela sua história de vida, de suas vivências e aprendizagens, de sua condição física, psicológica, social e cultural.

Elias, considera que:

Cada indivíduo assume os padrões sociais comuns a sua própria maneira. Se percebemos que o determinante na relação das pessoas com a morte não é simplesmente o processo biológico desta, mas a ideia, em constante evolução específica do estágio da civilização, que se tem dela e da atitude associada a isso, o problema sociológico da morte aparece com contornos mais claros. Torna-se mais fácil perceber pelo menos algumas das características específicas das sociedades contemporâneas, e das estruturas de personalidade associadas a elas, que são responsáveis pela peculiaridade da imagem da morte, e, portanto, pela natureza e pelo grau de recalçamento da morte em sociedades mais desenvolvidas. (ELIAS, 2001, p.53-54).

Para Airès (2003) citado por Freitas (2013, p. 101), no ocidente se vive duas distintas formas de morte, denominadas Morte Domada e Morte Interdita. A primeira garante um sentimento de familiaridade com a morte onde não há desespero, pois é entendida como morte natural, onde o moribundo está ciente da proximidade da morte, organizando e cumprindo “o ritual de despedida”. Já na morte interdita predomina o uso dos avanços da ciência que permitem o prolongamento da vida, já não se morre em casa, os doentes estão fadados, em alguns casos, a anos de vida vegetativa e, conseqüentemente, perdem o direito à morte.

Enquanto para Bauman (2008), nas sociedades contemporâneas há um tipo de morte, descrita por como de “segundo grau”, que ocorre com uma pessoa com quem se tem laços de simpatia e intimidade, que abre caminho a uma experiência filosófica privilegiada sobre a compreensão do significado de terminalidade e irrevogabilidade inerentes à morte, tratando-se da única modalidade que é acessível aos vivos.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

O objetivo geral desta investigação é compreender a construção social de finitude de vida por meio dos significados do mundo vivido e não vivido pelos Irmãos Maristas na perspectiva do entendimento da fase de finitude do ciclo vital, a partir da construção, a posteriori, de categorias emergentes do processo de análise dos registros realizados.

3.2 ESPECÍFICOS

Enquanto objetivos específicos, busca-se:

- Compreender a constituição das relações humanas sociais que compõem o mundo vivido e o não vivido de irmãos Maristas com o propósito da análise dos sentidos da vida religiosa e a relação com a morte.
- Analisar os modos de vida dos irmãos religiosos, principalmente no que se refere às relações estabelecidas na finitude do ciclo de vida.

4 HIPÓTESE

Os modos de vida que compõem os significados da vida religiosa na constituição do mundo vivido pelos Irmãos Maristas dentro da congregação, contribuem para configuração e construção de finitude do ciclo vital.

5 MÉTODO

O desenho deste estudo tem como principal objetivo atender os seguintes pressupostos da abordagem qualitativa:

O reconhecimento da singularidade do sujeito (cada pesquisa é única, pois se o sujeito é singular, conhecê-lo significa ouvi-lo, escutá-lo, permitir-lhe que se revele); o reconhecimento da importância de se conhecer a experiência social do sujeito (e não apenas suas circunstâncias de vida. [...] Edward Thompson, que nos mostra que o modo de vida, é exatamente, o modo como esse sujeito constrói e vive sua vida. Envolve, portanto, seus sentimentos, valores, crenças, costumes e práticas cotidianas; reconhecimento de que conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social. (MARTINELLI, 1994, p. 14).

Estando organizado nos seguintes tópicos, conforme, seu ritmo próprio denominado por Mynaio (2012), como Ciclo de pesquisa qualitativa organizado em três etapas: fase exploratória; trabalho de campo, e análise e tratamento do material empírico e documental.

A memória do Projeto da Casa São José que será descrita a seguir em três Etapas está articulada com as questões da abordagem qualitativa e indica a temporalidade do processo etnográfico retrospectivo.

5.1 MEMÓRIA DO PROJETO DA CASA SÃO JOSÉ

As Etapas I e, II/III juntas, contemplam, respectivamente, a fase exploratória e de trabalho de campo da trajetória metodológica.

5.1.1 Etapa I – Processo de encaminhamento e construção do Projeto.

A professora Jacqueline Moreira Poersch - Pró Reitora de Assuntos Comunitários – PRAC na gestão 2004/2012 e Diretora de Assuntos Comunitários, na gestão 2013, enviou em junho de 2011 à Província Marista do Rio Grande do Sul e à Reitoria da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul a proposta de realização de um projeto de acompanhamento aos Irmãos Maristas moradores da Casa São José. O projeto foi acolhido pelas duas instâncias, e no ano de 2012 foram realizadas visitas na Casa São José por uma equipe multidisciplinar de professores da PUCRS para construção do diagnóstico a partir da identificação das necessidades dos moradores e teve como objetivos:

- a) realizar uma análise de como são as rotinas e a qualidade de vida dos irmãos;
- b) verificar as necessidades atuais da equipe de apoio e dos outros irmãos;

- c) auxiliar os Irmãos Maristas a reverem suas expectativas em relação ao dia a dia na Casa São José, propiciando uma revisão de suas atividades;
- d) buscar fortalecer e fomentar a motivação permanente para superação das dificuldades que esta fase de desenvolvimento vital implica.

As indicações que resultaram deste diagnóstico foram:

Organizar a realização de atividades físicas que respeitem as características, as necessidades físicas e psíquicas dos mesmos, como também que ocorram dentro de uma determinada rotina e frequência, pois de acordo com Mânica (2012) os horários e a organização são valores muito importantes para eles.

Com base nessa indicação os Irmãos Maristas escolheram realizar atividades aquáticas, organizadas e executadas pela Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto - FEFID e Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários - PROEX-DAC, sob a responsabilidade da professora Sônia Beatriz da Silva Gomes (pedagógico) e Márcia Petry (operacional) respectivamente. Como alguns Irmãos optaram em não participar das atividades aquáticas ficou estabelecida a rotina de participação da professora Sônia nas reuniões semanais da comunidade da Casa São José.

5.1.2 Etapa II – Execução das Atividades Aquáticas fase 1.

O Programa de Atividades Aquáticas teve início em outubro de 2012, e se estendeu até dezembro de 2012, tendo um encontro semanal, com duração de 50 minutos totalizando 11 encontros onde foram realizados registros fotográficos. Dos quinze moradores da Casa São José, inicialmente nove Irmãos aderiram à prática. O Programa foi suspenso no período de janeiro e fevereiro de 2013, em função do período de férias dos técnicos de Enfermagem da Casa São José que acompanhavam os Irmãos durante as atividades.

As atividades aquáticas foram elaboradas e executadas pela Prof^ª Dr^ª Alessandra Maria Scarton com o auxílio de três monitoras vinculadas pela modalidade PEGA, Thaíse Silveira, Patrícia Paredie e Stephanie Bastos Motta.

Concomitante às atividades aquáticas, a professora Sônia manteve-se participando das reuniões semanais na Casa São José, inclusive no período de férias.

5.1.3 Etapa III – Execução das Atividades Aquáticas fase 2.

O Programa das atividades aquáticas foi retomado em março de 2013 e encerrou em dezembro de 2013, com o mesmo formato semanal de 50 min, totalizando 40 encontros. Na fase 2 as aulas foram registradas por vídeo e fotos. Já a participação nas reuniões na Casa São José continuou até o mês de dezembro de 2013.

A convivência e participação nas reuniões semanais da comunidade ocorreram nas três fases, seguidas de registros em um Diário de Campo e entrevistas episódicas. Por se tratar de um estudo etnográfico em ocasiões assistemáticas a pesquisadora pernitoou na Casa São José para participar da vida cotidiana, do mesmo modo que participou de eventos ocasionais como: aniversários, datas festivas, velórios e sepultamentos.

5.2 DELINEAMENTO

Este estudo é retrospectivo, com base nos registros sistematizados no período de setembro de 2012 a dezembro de 2013, e segue uma abordagem qualitativa, segundo Turato (2005, p. 505), “No contexto da metodologia qualitativa aplicada à saúde, emprega-se a concepção trazida das Ciências Humanas, segundo as quais não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas”.

Trata-se de uma etnografia, baseado nas duas proposições principais descritas por Angrosino (2009, p. 25):

- A interação humana é reflexiva, o que significa que as pessoas interpretam ações significativas (tais como palavras, gestos, linguagem corporal, uso de espaço e tempo) de forma a manter uma visão compartilhada de realidade, qualquer evidência
- que pareça contradizer a visão compartilhada ou é rejeitada ou é de alguma forma racionalizada no interior do sistema dominante.
- A informação é indexada, o que significa que ela tem significado dentro de um contexto específico, sendo importante então conhecer as biografias dos atores em interação, seus propósitos declarados, e suas interações anteriores a fim de entender o que está acontecendo em uma específica situação observada. (ANGROSINO, 2009, p. 25).

Quanto aos objetivos a investigação foi descritiva (FLICK, 2009), e como método de análise partirá da Fenomenologia Transcendental de Husserl, de acordo com Galeffi (2000). Discorrerá sobre a construção social de finitude de vida através dos significados do vivido e não vivido dos Irmãos Maristas moradores da Casa São José, participantes do Projeto de acompanhamento idealizado e desenvolvido pela PROEX-DAC e FEFID-PUCRS.

5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população foi composta por 13 Irmãos Marista moradores da Casa São José de Viamão-RS, com idade entre 76 e 94 anos e 50 e 74 anos de Vida Consagrada.

O critério de inclusão foi ter residido no mínimo três meses na Casa São José, no período de setembro de 2012 a dezembro de 2013. O critério de exclusão foi ter residido temporariamente (tempo inferior a três meses) na Casa São José, do período de outubro de 2012 a dezembro de 2013.

5.4 ASPECTOS ÉTICOS

O Termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A) foi elaborado de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Por tratar-se de um estudo retrospectivo somente serão considerados os registros dos participantes que previamente concordaram em participar do Projeto da Casa São José proposto pela PROEX-DAC e que cumprem com os critérios de inclusão.

O estudo foi autorizado pela Província Marista (ANEXO A), aprovado pela Comissão Científica do Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, com CAAE número 63878717.0.0000.5336 (ANEXO B).

5.5 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Os dados de investigação foram gerados a partir das descrições sistemáticas do observador participante sobre os atores da pesquisa, durante as visitas na Casa São José e na participação dos Irmãos Maristas nas atividades do Programa de Atividades Aquáticas. Como registro foram utilizados três formatos de geração de dados.

Diário de Campo- As notas de campo foram registradas por escrito no diário em todos os encontros realizados no período de outubro de 2012 a dezembro de 2013, segundo o formato do Apêndice B.

Entrevistas- A entrevista etnográfica clássica tem como principal característica ser aberta, conforme Agrosino (2009), e foi realizada em janeiro de 2013, teve como tema principal a finitude e a morte, com duração de 60 minutos (APÊNDICE C).

Registros Visuais- Os registros visuais, descritos de acordo com Banks (2009),

realizados no período de outubro de 2012 a dezembro de 2013 relacionados às atividades aquáticas e reuniões, foram utilizados como forma de complementar os registros do Diário de campo e da Entrevista etnográfica.

O uso de registros visuais, como fotos e filmagens se justifica pelas seguintes razões: as imagens estão onipresentes na sociedade e traduzem algo sobre a sociedade, além de serem reveladoras de algum conhecimento sociológico que não é acessível por outro meio (BANKS, 2009), percepção semelhante é sublinhada pelo teórico da arte Ernst Gombrich (VALLIER, 1986 citado por JOLY, 2007, p. 68) pode ser também um instrumento de conhecimento porque serve para ver o próprio mundo e interpretá-lo.

5.6 ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES

As informações registradas no Diário de Campo, na Entrevista e os Registros visuais foram descritivos a partir dos padrões identificados pelas etapas encontradas na maioria dos estudos etnográficos:

- a) Gerenciamento de dados (organização e armazenamento dos registros);
- b) Leitura Panorâmica (apanhado geral das anotações que antecede novos questionamentos);
- c) Esclarecimento das categorias utilizadas (processo de classificação das notas e criação de categorias a partir da revisão de literatura que serão apresentadas em uma Tabela comparativa ou matriz) de acordo com Angrosino (2009).

As categorias utilizadas foram analisadas à luz da fenomenologia transcendental de Husserl, em que se realiza a redução fenomenológica, o retorno à consciência em que os objetos parecem na sua constituição, ou seja, como correlatos da consciência.

A principal tarefa da fenomenologia seria:

[...] rastrear todas as formas do dar-se a todas as correlações, e isto dentro do âmbito da própria evidência pura do dar-se em si mesmo, exercendo, sobre todas elas, análise esclarecedora da própria **estrutura dos fenômenos da consciência**. No caso, a análise fenomenológica procura abarcar não apenas os atos da consciência dos objetos, como também os seus nexos e correlatos, e isto segundo uma compreensão unívoca da estrutura do fenômeno. Nesta medida, o “fenômeno”, enquanto “dar-se em si mesmo” é incontestável. Entretanto no dar-se não está inclusa a “análise esclarecedora” que a fenomenologia toma como tarefa. Em outras palavras, isto significa que a simples percepção consciente de um dado fenômeno não pressupõe a análise dos seus “atos” e “correlatos”, suas “complexões” e os “nexos” (discordantes ou concordantes), suas “teleologias” e “configurações”.(GALEFFI, 2000, p. 24).

Na visão de Freitas (2012), a consciência que trata Husserl, é entendida como “consciência de algo, onde a intencionalidade representa justamente o direcionamento da consciência em relação ao objeto, e vice-versa, o modo como tal objeto se apresenta à consciência”.

Esses atos intencionais são chamados por Husserl de noesis, quando visa algo, e de noemas aquilo que é visado por eles. O movimento da criação de noemas representa a vivência significativa presente no mundo vivido da pessoa, onde noesis é a forma do ato de conhecer e noemas, aquilo que torna conhecido, estando essência e significado atuando conjuntamente (KERN, 2004).

A fenomenologia de Husserl busca “uma intuição originária” descrito por Dartígues (1973) citado por Freitas (2012, p. 150):

Se é verdade que os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos, eles se dão sempre como dotados de um sentido ou de uma “essência.” Eis, por que, para além dos dados dos sentidos, a intuição será uma intuição da essência do sentido.[...] Assim, o sentido como transcendência, na fenomenologia, é aquilo que ultrapassa a própria atividade e alcance da consciência. (DARTÍGUES, 1973 apud FREITAS, 2012, p. 150).

No contexto de análise da fenomenologia ela se propõe a resgatar a compreensão da realidade humana enquanto o retorno às coisas mesmas, de forma complexa, dinâmica, com múltiplas possibilidades de significação (FREITAS, 2013).

Para tanto, Husserl (1980) citado por Kern (2001, p. 63):

[...] distingue dois níveis ou momentos de redução fenomenológica: o primeiro diz que a redução consiste na busca do significado ideal e não empírico dos elementos empíricos. Procuram-se essências ou significados; enquanto o segundo afirma ser a redução transcendental porque visa a essência da própria consciência enquanto constitui-se as essências ideais. E neste nível que noesis e noemas se revelam absolutamente prioritários. (HUSSERL, 1980 apud KERN, 2001, p. 63).

A análise final prevê triangulação de dados dentro do mesmo método, gerados pela codificação e categorização, o que ratifica a coerência interna dos resultados obtidos pelo estudo, o que segundo Flick (2009), busca garantir a qualidade da abordagem qualitativa.

6 PRIMEIRO ARTIGO

Título: Envelhecer e morrer, os processos de finitude e as representações simbólicas na vida de religiosos Maristas.

Autores: Sônia Beatriz da Silva Gomes, Jociane de Carvalho Myskiw e Francisco Arseli Kern

Artigo aprovado para publicação em fase de revisão na Revista Kairós Gerontologia (São Paulo), ISSN: 2176-901x, Qualis Interdisciplinar B3 (ANEXO C).



Envelhecer e morrer, os processos de finitude e as representações simbólicas na vida de religiosos Maristas.

Aging and dying, processes of finitude and symbolic representations in the life of Marist religious

Sônia Beatriz da Silva
Gomes Jociane
Carvalho Myskiw
Francisco Arseli Kern

RESUMO: Este artigo faz parte de uma pesquisa de Doutorado em Gerontologia, que buscou descrever a construção social de finitude de vida do ciclo vital através dos significados do mundo vivido e não vivido pelos religiosos a partir da análise dos registros realizados no processo etnográfico. Compreender as representações simbólicas de religiosos idosos na vida Marista pressupõe que estes indivíduos se desenvolveram e envelheceram seguindo as orientações e regras da mesma instituição.

Palavras-chave: *Envelhecimento; Finitude; Vida religiosa Marista.*

ABSTRACT: This article is part of a PhD research in Gerontology, which sought to describe the social construction of life finitude of the life cycle through the meanings of the world lived and not lived by the religious from the analysis of the records made in the ethnographic process. Understanding the symbolic representations of older religious in Marist life presupposes that these individuals have developed and aged following the guidelines and rules of the same institution.

Keywords: *Aging; Finitude; Marist religious life.*

Introdução

A população mundial alcançou um novo patamar de longevidade que implica no redimensionamento de um ser/estar das pessoas em um mundo muito diferente daquele em que nasceram. De acordo com Papalia (2010), o desenvolvimento das condições que permitiram o aumento da longevidade é decorrente, por um lado, da melhoria das condições básicas de saneamento e, por outro, da aplicação de novas tecnologias que auxiliam na prevenção e disseminação de doenças.

O envelhecimento humano faz parte do Desenvolvimento Humano - DH, que vai do nascimento e se estende até a vida adulta, e seu estudo é relativamente novo. G. Santley Hall (1904-1916) foi um dos primeiros psicólogos a interessar-se pelo estudo do Envelhecimento Humano e, aos 78 anos, ele publicou *Senescência: A Última Metade da Vida*, porém, o autor líder nesta área de estudo, de acordo com Papalia (2010) foi Paul B. Baltes que identificou os princípios fundamentais da abordagem do desenvolvimento no Ciclo Vital. São eles:

1. O caráter vitalício do desenvolvimento, que diz respeito à influência incontestável das experiências que antecedem cada período de desenvolvimento, infere-se desta característica que cada período do desenvolvimento seja único sem que exista distinção de importância entre eles.
2. O fator de dependência do desenvolvimento com a história e o contexto, pois, cada indivíduo está exposto ao tempo e lugar em que se desenvolve. Havendo, assim, uma influência mútua entre sujeito, história e contexto.
3. A multidimensionalidade e multidirecionalidade do desenvolvimento. Sugere-se que, ao longo da vida, ocorrem fases de ascensão e declínio, de acordo com a fase, pode haver maior ênfase de um, ou de outro, sem perda do equilíbrio geral necessário para continuidade do desenvolvimento do indivíduo. Todos os indivíduos, sem dúvida, buscam um modo de administrá-las ou compensá-las.
4. Há, outrossim, a flexibilidade ou plasticidade do desenvolvimento. A plasticidade refere-se à capacidade de modificar o desempenho, apesar de alguns estudos indicarem que existem limites para o potencial de mudança (Papalia 2010, p. 23).

Para Papalia (2010), a trajetória dos estudos na área do DH, inclui, entre seus objetivos, a descrição (retratar com precisão o comportamento); explicação (revelar as possíveis causas do comportamento); predição (prever o desenvolvimento da fase subsequente com base no comportamento observado); modificação (intervir para promover o desenvolvimento ideal): Os cientistas do DH estudam dois tipos de mudanças, quantitativas e qualitativas que englobam os seguintes aspectos: físico, cognitivo e psicossocial, sem desconsiderar que todos estão interligados.

Para esta investigação foi considerada a perspectiva de Erik Ericson relacionada às Questões e Tarefas Normativas que determinam que o desenvolvimento psicossocial esteja configurado em oito estágios e que cada um deles depende do êxito obtido na resolução de um ponto decisivo ou crise.

1. Crise alimentação - Confiança básica, em oposição à desconfiança básica que vai do nascimento aos 12 / 18 meses.
2. Crise controle de esfínteres - Autonomia, em oposição à vergonha e dúvida que se estende dos 18 meses aos 3 anos.
3. Crise locomoção - Iniciativa, em oposição à culpa vai dos 3 aos 6 anos.

4. Crise escolaridade - Habilidade, em oposição à interioridade, vai de 6 aos 12 anos.
5. Crise relação com iguais - Identidade, em oposição à confusão de papéis. Adolescência.
6. Crise relação amorosa- Intimidade, em oposição ao isolamento. Idade adulta jovem.
7. Crise paternidade e criação - Capacidade de geração, em oposição ao estancamento. Idade adulta média.
8. Crise da velhice - Integridade do ego, em oposição à desesperança. Reflexão sobre a própria vida e aceitação dela, (Papalia, 2010, p. 34).

As idades aproximadas representam o período crítico para o desenvolvimento das características contempladas. A teoria de Erikson ressalta a importância das influências sociais e culturais sobre o desenvolvimento humano. Segundo Papalia (2010) a idade de 65 anos marca a entrada na Idade Avançada, o que equivale à velhice na perspectiva de Erik Ericson, período do ciclo vital considerado a última fase da vida.

Entretanto, Schwanke (2012) apresenta dados relacionados ao envelhecimento populacional que apontam para uma transição demográfica que vem acontecendo de forma heterogênea em diferentes fases ao redor do mundo, tratando-se de um fenômeno mundial e também de uma realidade brasileira, o que nos faz ponderar que a última fase da vida pode tornar-se cada vez maior. Dentre os indicadores demográficos cabe destacar que a Esperança de vida aos 60 anos de idade é o número médio de anos de vida esperados para uma pessoa ao completar 60 anos de idade, mantido o padrão de mortalidade existente na população residente, em determinado espaço geográfico, no ano considerado (Schwanke, 2012).

Enquanto o índice de longevidade, trata do resultado da razão entre a população acima de 90 anos e a população acima de 65 anos, expresso em porcentagem e calculado conforme a seguinte equação:

$$\frac{\text{Número de pessoas residentes com 90 anos e mais} \times 100}{\text{Número de pessoas residentes com 65 anos e mais}}$$

A região Sul do Brasil apresenta um índice de Esperança de vida ao nascer de 75,2

anos no total e de 78,7 anos para as mulheres e de 71,9 anos para os homens (Closs & Schuwanke, 2012). Esse indicador aponta a necessidade de se ampliar os estudos com faixa de idade acima de 65 para que se possam organizar intervenções que atendam às necessidades desta população longeva, pois se inicia um ciclo de vida descrito como finitude, que começa com o processo de afastamento da profissão exercida ao longo da vida adulta, descrito como aposentadoria e/ou transição de carreira.

Nesse contexto há que se destacar que a fase da finitude inclui a morte, que é um processo composto de várias etapas, não um fato instantâneo, o qual supõe distinguir morte clínica, de morte fisiológica, e de morte absoluta.

Vida consagrada Marista

A escolha de tornar-se religioso inclui participar da formação para uma Vida Consagrada, neste caso, a formação para Vida Consagrada Marista, assim o pretendente a tornar-se irmão “é um ser-de-relação chamado a aperfeiçoar sua comunhão com a natureza, com os outros, consigo mesmo e com Deus” (Arbués, 1993).

Essas quatro relações fundamentais serão desenvolvidas de modo original, pessoal e comunitariamente durante a formação a partir dos seguintes valores.

A. Comunhão com a natureza

- contemplação, conhecimento;
- transformação pela pesquisa e pelo trabalho;
- uso equilibrado e partilhado dos bens de consumo, fundamentado numa atitude de administrador, de filho e de irmão;
- respeito pelo meio ambiente.

B. Comunhão com os outros

- aceitação do outro como diferente de mim;
- amor expresso pela acolhida, serviço e o perdão;
- diálogo, confiança, amizade;
- vulnerabilidade tranquila, para deixar-se atingir, mas não abater;
- sensibilidade às realidades da sociedade em que estamos vivendo.

C. Comunhão consigo mesmo

- conhecimento, aceitação e superação de si mesmo, com suas qualidades e limitações, fazendo a diferença entre o eu e as imagens do ego, renunciando ao que não se é (fantasias) e àquilo que não se tem, a fim de chegar a ser

uma imagem única de Deus (C 96);

- capacidade de refletir, de querer, de decidir-se na liberdade, a fim de se tornar mais responsável;
- capacidade de reagir positivamente à tristeza, à provação, ao sofrimento, aos movimentos de depressão;
- ascese, vista sobretudo como equilíbrio das tendências, higiene corporal e mental: saúde, asseio, ritmo de vida, exercícios.

D. Comunhão com Deus

- atitude filial com o Pai, pela qual renunciamos a nós mesmos, isto é, reconhecemos receber de Deus a vida, a origem, o sentido da existência humana, a libertação e a salvação;
- atenção aos sinais da presença, do amor de Deus, em particular no rosto fraterno de Jesus, revelado na Palavra, celebrado como Igreja e reconhecido no pobre;
- educação ao silêncio interior, à oração do coração no Espírito Santo, à prece de louvor, de ação de graças, de intercessão, à oração litúrgica e comunitária, à oração partilhada, ao discernimento;
- atenção a todo homem, a toda mulher, como lugar de encontro com Deus (Arbués, 1993).

Para compreender, não somente a formação dos Irmãos Maristas, mas também a importância deste conceito na trajetória da vida consagrada Marista cabe um detalhamento do significado do Carisma Marista.

Carisma é um conceito usado, com frequência, em documentos da Igreja e de Institutos Religiosos. Nós também o encontramos no mundo político e civil em geral. Em espiritualidade, carisma é dom ou graça que o Espírito Santo dá a uma pessoa, não para seu próprio proveito, mas para o benefício de toda a Igreja. Os textos de São Paulo destacam a importância desses dons e afirmam que sua diversidade enriquece a comunidade eclesial, porque, embora atribuídos a uma determinada pessoa, são colocados a serviço de toda a comunidade. Nesse sentido, cada pessoa recebe uma graça especial, garantindo sua participação no crescimento de uma Igreja mais espiritualizada e de um mundo melhor. Podemos, ainda, falar de carisma de um grupo, ou de um Instituto. A esse respeito, o Ir. Seán explica: O carisma oferecido à Igreja e ao mundo por mediação de Marcelino Champagnat é muito mais do que um conjunto de trabalhos considerados coerentes com sua visão original, um estilo de oração referente a uma determinada espiritualidade — por mais importante que isso possa ser — ou

um conjunto de qualidades marcantes da vida do Fundador. [...] O carisma do nosso Instituto é nada mais nada menos do que a presença do Espírito Santo. Ao permitir que o Espírito aja em nós e por nosso intermédio, podemos realizar feitos surpreendentes. [...] Hoje, o Espírito, tão ativo em nosso Fundador, anseia por viver e vibrar em você e em mim. (Sammon, 2006, pp. 29-30-35).

Segundo Guimarães e Alves (2012), as peculiaridades existentes na formação institucional recebida pelas diferentes gerações de Irmãos, ou seja, os que hoje se encontram na faixa dos 80 a 90 anos de idade são aqueles que receberam uma formação mais tradicional, e que antecede ao Concílio Vaticano II (1962-1965), ocasião que foram promovidas mudanças que refletiram na formação dos religiosos. O formato tradicional inclui isolamento e silêncio, especialmente durante as refeições, o que pode dificultar, em alguma medida, a convivência entre os pares, e que pode se estender a outras áreas da vida dos irmãos idosos.

O Irmão Maior, que possui mais de 60 anos, como descrito por Arbués (1993, p.70), neste momento da vida, deverá procurar um apostolado adaptado às suas condições. Este período de transição de uma vida mais ativa para um período onde existe maior liberdade de tempo e escolha de atividades, pode ser relacionado à aposentadoria e/ou transição de carreira, o que para os idosos religiosos ganha outra dimensão, pois sua vida ativa resulta da interação entre sujeito e instituição, de maneira diferente do que se dá em outros grupos de idosos, considerando que sofre três classes de influências:

- Normativas graduadas pela idade – eventos como ingresso na instituição, etapas de formação, funções desempenhadas que podem ter ocorrido na mesma época e espaço social, o que favorece a similaridade na constituição destes sujeitos.
- Normativas graduadas por história – eventos macroestruturais que dão origem a mudanças sociais vividas pelos sujeitos de uma unidade cultural.
- Não normativas – são idiossincráticas e ocorrem de modo diferente para cada indivíduo, são elaboradas na trajetória da vida a partir das influências normativas (Guimarães & Alves, 2012, pp. 72-74).

A construção da Vida consagrada Marista pode ser descrita em oito diferentes momentos de acordo com Siveris (2012):

- 1) Despertar vocacional e acompanhamento - neste primeiro momento o principal é identificar qual a vocação de cada pessoa, esta palavra se origina do verbo *vocare*, e significa chamado e resposta, em especial para

exercer uma missão no mundo, sendo feliz na vocação que assume. O primeiro passo inicia-se com o Serviço de Animação Vocacional, quando uma equipe de Irmãos, padres e leigos visitam as comunidades, paróquias, escolas, famílias. Inicialmente se apresentam as diferentes possibilidades vocacionais: Humana, Cristã e Específica. Dentre as vocações específicas está a de ser um Irmão Marista, que é a presença transformadora, exercendo sua missão no mundo conforme os valores e o carisma de São Marcelino Champagnat.

- 2) Juvenato - é um tempo de busca, no qual o jovem vai se conhecendo melhor, aceitando-se e acolhendo sua realidade histórico-familiar, superando-se gradativamente e convertendo-se ao Evangelho, ou seja, ao projeto de Jesus Cristo: o Reino de Deus. Os jovens ingressam na casa de formação a partir do 2º ano do Ensino Médio, cursando o Magistério. Após a conclusão do curso também fazem meio ano de estágio, exigência do próprio curso, seguindo com meio ano de formação mais intensa, até o final do ano, totalizando três anos na etapa do Juvenato.
- 3) Pré-postulado - Paralelo ao Juvenato há a etapa do Pré-Postulado. É local de acolhida de jovens que já concluíram o Ensino Médio, podendo acontecer de já terem experiência de trabalho exercido em algum emprego.
- 4) Postulado - Vem de a palavra postular, pedir. É caminho de formação que capacita o jovem na vivência mais intensa da vida comunitária, da compreensão de si mesmo, do Fundador, dos valores da Congregação, da história e do Carisma da vida marista. É a oportunidade de acompanhamento para perceber a coerência entre as qualidades, os desejos em relação aos anseios do jovem. O postulante atua em atividades pastorais na paróquia e no final dessa etapa, postula, isto é, faz o seu pedido de ingresso ao Noviciado.
- 5) Noviciado - É tempo de exercitar-se na expressão da afetividade para com todos, na educação da vontade, do desapego e capacidade de renunciar (rupturas), na liberdade de fazer escolhas condizentes com a vocação própria que escolheu. Noviciado é tempo de iniciação às exigências da Vida Religiosa Marista. É caminho progressivo de formação levando o jovem a identificar-se cada vez mais com a vida marista, com o sentido da

Consagração Religiosa e desenvolvendo o sentido de pertença à Congregação Marista. Recebe o pré-nome de Irmão. O noviciado é entendido como momento forte de experiência de Deus dando condições ao noviço de preparar-se para a Primeira Profissão Religiosa. A duração do noviciado é de dois anos, oportunizando no 2º ano uma experiência de estágio de 6 meses numa comunidade apostólica (colégio, obra social).

- 6) Primeira Profissão Religiosa - É um ponto culminante de uma caminhada (Noviciado), onde o Irmão Noviço proclama publicamente à Comunidade o desejo de viver como Irmão Marista. É o Sim do jovem à Vida Religiosa Marista. Em outras palavras, é a Consagração a Deus de viver os votos de castidade, pobreza e obediência a serviço de Deus e do próximo. O Ir. Noviço manifesta sua decisão pela Profissão Religiosa por meio de um pedido por escrito ao Irmão Provincial, no qual partilha a experiência feita no noviciado e expõe os motivos que o levam a proclamar publicamente o desejo de seguir Jesus Cristo no Instituto Marista.
- 7) Escolasticado - Segue a etapa do Escolasticado, que tem normalmente duração de seis anos. Escolasticado vem do grego Schole, escola. Na Idade Média surgem as escolas por toda a Europa, daí o período da Escolástica, que compreendia os estudos de Filosofia e Teologia. Schole significa também lugar do ócio, de instrução – “Ócio Criativo”. É um tempo de formação e preparação do apóstolo marista.
- 8) Profissão Perpétua - O trabalho do Irmão, o que chamamos de missão ou ação apostólica marista, realiza-se em quatro grandes áreas: a Formação, a Educação, Assistência Social e as Missões. Ao escolher a área de atuação, o Irmão dialoga com o Provincial, levando em conta as necessidades da Província e as próprias habilidades pessoais. Portanto são frentes de atuação do Irmão: pastoral da juventude, formação, escolas, coordenação, direção de escola, aulas de ensino religioso, trabalho numa obra social, enfim, das formas mais variadas, dentro do que é próprio do Irmão Marista.

O cotidiano vivido pelos Irmãos Maristas a partir das três classes de influências, e dos momentos de formação, mais do que atitudes e comportamentos, atravessam também a

fase de finitude do ciclo vital, em que segundo Arbués, (1993 p. 70), o Irmão Marista dá continuidade ao que foi realizado na etapa precedente, predominando a serenidade ou insatisfação. Porém, quando atingem entre 80 e 90 anos de idade eles também completam de 50 a 70 anos de vida religiosa Marista.

Segundo Guimarães e Alves (2012), a percepção de serem idosos começa com a autopercepção das limitações físicas, mesmo que a saúde ainda esteja boa, porém a tendência da instituição é afastar esses Irmãos de funções executivas, e a compreensão de envelhecer passa por este aspecto, além de reflexões ligadas à percepção de autoeficácia descritas por Goldstein (1995 como citado em Carneiro & Falcone, 2004, p. 120), onde ocorre o julgamento do indivíduo sobre si mesmo em relação à sua capacidade de organizar e executar sequências de ações e obter um tipo de desempenho.

Envelhecer e morrer: os processos de finitude

No que diz respeito à possibilidade de aprendizagem do idoso Guimarães e Alves (2012) e Papalia (2010), apontam na mesma direção, o primeiro resgatando o conceito de *life span* onde o ser humano não para de se desenvolver quando se torna idoso e a segunda considerando que o indivíduo aprende do nascimento até a morte. Este misterioso momento de cessação da vida é que causa o pavor, principalmente em relação ao processo doloroso que pode levar à morte.

Brustolin e Pasa (2013) consideram que, no processo civilizador, iniciado em torno de quatrocentos a quinhentos anos atrás, que a morte e o próprio modo de morrer sofreram mudanças. Antigamente, a morte era experienciada de um modo mais público que na sociedade atual, a família e os vizinhos acompanhavam este processo, pois se morria em casa. Atualmente, esse processo geralmente se dá em hospitais e de modo muito mais privado.

Para Freitas (2013), mais comumente concebe-se a morte do outro, entretanto, isto caracteriza a tendência de se negar a morte e as questões relativas à finitude. A morte não envia convite, ela comparece e desperta curiosidade, desconforto, reflexões e medo. A solenidade com que se trata a cerimônia de sepultamento é cercada de recomendações para manter-se silêncio para “evitar perturbar a paz dos mortos”, o que se trata muito mais de uma forma dos vivos se distanciarem dos mortos e do seu próprio medo da morte.

Comentam Guimarães e Alves (2012) que os idosos religiosos não costumam falar explicitamente sobre finitude e morte, já Freitas (2013) esclarece que a sociedade trata a

morte como tabu e exige o máximo de discrição da família. A modernidade não tolera o sofrimento, pois falta-lhe capacidade para lidar com o sofrimento, enquanto Brustolin e Pasa (2013) argumentam que a morte assim reprimida provoca uma indiferença profunda pelo outro.

Na velhice, o luto dos amigos que se vão um a um é uma experiência que remete incessantemente à própria condição de envelhecimento e uma vivência exacerbada de solidão, intensificando os processos e as vivências de luto (Elias, 2001).

Conforme Freitas (2013), fenomenologicamente a especificidade da relação só pode ser compreendida no contexto da vivência e do sentido, onde o esforço metodológico se dirige à busca da compreensão das vivências enquanto fenômenos.

Enquanto Brustolin e Pasa (2013, p. 57) acreditam em três motivos para a retomada da noção de morte natural:

1º a morte faz parte da estrutura do ser, portanto não se pode viver sem morrer. Cada processo vital contém em si, também, um processo mortal.

2º o futuro do ser humano e da natureza é desconhecido. A morte é um fato físico e natural que, embora não possa ser dominada, é possível prever a sua evolução, especialmente com o progresso da medicina; e 3º deve-se reconhecer um direito à morte natural, hoje frequentemente violado. Muita gente morre de forma não natural, mas pela origem social. Requer-se, então, uma igualdade de acesso e consumo dos serviços médicos, melhor qualidade de vida e de direitos humanos.

Brustolin e Pasa (2013, p. 61) descrevem ainda os diferentes tipos de medo da morte a partir da perspectiva de Kóvács onde o medo é uma reação emocional que envolve sentimentos de:

1. medo de morrer: trata da morte concreta abrangendo o modo específico de morrer; por exemplo, o medo de morrer de câncer;
2. medo dos mortos: relaciona-se com a reação das pessoas diante de animais ou pessoas mortas; por exemplo, o medo de encontrar um cadáver ou o horror que sentem ao ver um animal

- morto;
3. medo de ser destruído: refere-se ao medo da destruição do corpo imediatamente após a morte; por exemplo, medo que estudantes usem o corpo para pesquisas;
 4. medo da perda de pessoas significativas: é o sentimento que a perda pode causar; por exemplo, o medo de perder os filhos;
 5. medo do desconhecido: envolve a questão última da existência e a dúvida acerca do que virá após a morte; por exemplo, medo de que não haja vida após a morte;
 6. medo da morte consciente: recorda os processos subjacentes à morte e o temor de se estar consciente nessa hora; por exemplo, medo de estar consciente e não poder se comunicar no momento da morte;
 7. medo do corpo após a morte: é a preocupação com a qualidade do corpo após a morte: por exemplo, medo de que o corpo fique desfigurado; e
 8. medo da morte prematura: receio da frustração por não ter atingido os objetivos ou por não ter vivido certas experiências antes de morrer; por exemplo, medo de morrer antes de ver os netos nascerem.

Estes sentimentos são a base das categorias da Escala multidimensional para medir o medo da morte - EMMM, (Brustolin & Pasa, 2013), em que indivíduos que declararam maior envolvimento religioso apresentaram menores escores de medo da morte, e os que declararam médio envolvimento religioso tiveram os escores mais altos, ficando os que se declararam ateus com os níveis intermediários.

Conforme Brustolin e Pasa (2013), na Teologia Rahner descreve que em tudo que fazemos há presença da morte. Ele transcreve para a Teologia o conceito de Heidegger, de ser-para-a-morte, onde esta expressão representa o processo concreto da crescente acumulação de traços da morte na história da vida humana. Na interpretação rahneriana, em todas as experiências de debilidade, doença e desilusão, o ser humano morre um pouco. Para Dantas (2010, p. 906) toda a experiência de lidarmos com a morte é fortemente marcada pelo sentido prévio que concebemos a vida, e, por conseguinte, a perda dela.

De acordo com Sponville (2000 como citado em Dantas, 2010, p. 908), não se morre

por acidente, doença, velhice. Morre-se por ser mortal, morre-se por viver, por ter vivido. A morte, ou a angústia da morte, ou a certeza da morte, é o próprio sabor da vida, seu amargor essencial. Como a cerveja tem gosto de cerveja, assim a vida tem gosto de morte.

Os aspectos simbólicos, especialmente os relacionados à vida e morte, fazem parte das características do ser humano, ou seja, pelo significado ou pelos valores que ele imprime aos fatos. Portanto, o sentido da morte varia no decorrer da história e entre as diferentes expressões da cultura humana, conforme explicado por Guimarães e Alves (2012).

Para Oliveira (2013), cada pessoa percebe a morte e lhe atribui um sentido de forma diferente, essa percepção passa pela sua história de vida, de suas vivências e aprendizagens, de sua condição física, psicológica, social e cultural.

O enfoque dado por Nobeit Elias (2001, pp.53-54) considera que:

Cada indivíduo assume os padrões sociais comuns a sua própria maneira. Se percebemos que o determinante na relação das pessoas com a morte não é simplesmente o processo biológico desta, mas a ideia, em constante evolução específica do estágio da civilização, que se tem dela e da atitude associada a isso o problema sociológico da morte aparece com contornos mais claros. Torna-se mais fácil perceber pelo menos algumas das características específicas das sociedades contemporâneas, e das estruturas de personalidade associadas a elas, que são responsáveis pela peculiaridade da imagem da morte, e, portanto, pela natureza e pelo grau de recalçamento da morte em sociedades mais desenvolvidas. (Nobeit Elias, 2001, pp.53-54).

Para Airès (2003 como citado em Freitas, 2013, p. 101), no ocidente se vive duas formas distintas de morte denominadas: Morte Domada e Morte Interdita. A primeira garante um sentimento de familiaridade com a morte onde não há desespero pois é entendida com morte natural, onde o moribundo está ciente da proximidade da morte, organizando e cumprindo “o ritual de despedida”. Já a morte interdita predomina o uso dos avanços da ciência que permitem o prolongamento da vida, já não se morre em casa, os doentes estão fadados, em alguns casos, a anos de vida vegetativa e, conseqüentemente, perde seu direito à morte.

Enquanto para Bauman (2008), nas sociedades contemporâneas há um tipo de morte, descrita como de “segundo grau”, que ocorre com uma pessoa com quem se tem laços de simpatia e intimidade, que abre caminho a uma experiência filosófica privilegiada sobre a compreensão do significado de terminalidade e irrevogabilidade inerentes à morte, tratando-se da única modalidade que é acessível aos vivos.

Métodos e instrumentos

A pesquisa de Doutorado transcorreu de setembro de 2012 a dezembro de 2013, na comunidade da Casa São José da Província Marista Brasil Sul, atualmente Brasil, Sul Amazônia. A pesquisadora realizou um estudo qualitativo, etnográfico e retrospectivo, foram sujeitos do processo 13 Irmãos Maristas, com idade entre 76 e 94 anos, e 50 e 74 anos de Vida consagrada, com disponibilidade de participar, expressa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Como critério de inclusão foi considerado o tempo mínimo de três meses de moradia na Casa São José, no período setembro de 2012 a dezembro de 2013, e de exclusão foi ter residido um tempo inferior a três meses, neste mesmo período.

Como instrumento de pesquisa foram utilizados o Diário de campo, a Entrevista etnográfica, registros visuais (fotografias e filmagens), de diferentes momentos do cotidiano realizados pela pesquisadora. O método de análise utilizado foi a Fenomenologia Transcendental de Husserl, de acordo com Galeffi (2000). Discorrerá sobre a construção social de finitude de vida por meio dos significados do vivido e não vivido dos Irmãos Maristas moradores da Casa São José.

A construção social do sujeito a partir da relação com os outros

As categorias constituídas emergiram dos registros dos Diários de campo, foram analisadas à luz da fenomenologia transcendental de Husserl, em que se realiza a redução fenomenológica, o retorno à consciência em que os objetos aparecem na sua constituição, ou seja, como correlatos da consciência. A consciência que trata Husserl é entendida como “consciência de algo, onde a intencionalidade representa justamente o direcionamento da consciência em relação ao objeto, e vice-versa, o modo como tal objeto se apresenta à consciência” (Freitas, 2012).

Esses atos intencionais, que são as vivências dos Irmãos, são chamados por Husserl de *noesis*, quando visa algo, e de *noemas* aquilo que é visado por eles. O movimento da criação de noemas representa a vivência significativa presente no mundo vivido da pessoa, onde *noesis* é a forma do ato de conhecer e *noemas* aquilo que torna conhecido, estando essência e significado atuando conjuntamente (Kern, 2001).

No primeiro nível de redução fenomenológica os registros dos Diários de Campo geraram 1492 unidades classificadas em 32 categorias que imergiram da análise. As 32 categorias foram organizadas tomando como referência as quatro relações abordadas na

formação para a Vida consagrada da Congregação Marista: Comunhão com a Natureza, Comunhão com os outros, Comunhão consigo mesmo e Comunhão com Deus.

Neste artigo destacaremos algumas das categorias relacionadas com a Comunhão com os outros, pois para Molon (2011), a partir de Vygotsky ocorre:

[...] a busca em compreender o vivido por “dentro” que veio de “fora”, mas que não se cristaliza, não se torna estático ou estável, porém não é inefável nem indolor, pelo contrário, é significativamente sentido e vivido nas experiências, nas pausas, nas (in)determinações das in(ter)venções e nas situações em que o sujeito se posiciona. Coloca-se, então, o problema do outro: qual o alcance do outro, o que o outro capta, qual é o alcance de cada um, o que cada um capta. O olhar do outro sempre será diferente, mas precisa-se dele para se enxergar de forma diferente. Nessa perspectiva, o sujeito é uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-outro; ou seja, é na relação com os outros e por ela, é na linguagem e por ela que alguém se constitui sujeito e é constituinte de outros sujeitos. (Molon, 2011).

Nas categorias que se referem à Comunhão com os outros, podemos observar que diante das interações entre Irmãos e visitantes e Irmãos e Irmãos, que se constrói a multiplicidade do sujeito inserido numa realidade consagrada a Deus onde o vivido e o não vivido se constituíram na essência da identidade religiosa.

- Visitas - receber pessoas que não são moradoras da Casa São

José. Exemplo:

“Temos a grata surpresa de recebermos a visita de alunos. Em geral os grupos que vêm visitar o Memorial também nos visitam”.

- Acolhimento - Qualquer manifestação de acolhimento e gentileza realizada pelos moradores da Casa São José.

Exemplos:

“Se mora longe podemos oferecer lugar a mesa.”

“É com alegria que o estamos recebendo entre nós! (Referindo-se ao Irmão enfermeiro que veio coordenar a equipe de saúde.”

“Sintam-se livres de dizer o que pensam e sentem.” “Irmãos e Irmã, sejam bem-vindos!”

Desde o princípio, as atividades do Instituto Marista tiveram como seu principal público o atendimento às crianças, na primeira Escola de La Valla⁶. Foram recebidas doze crianças carentes para viverem e estudarem sob os cuidados dos Irmãos Maristas. Os Irmãos que atualmente vivem na Casa São José atuaram no mínimo durante 30 anos como

⁶ La Valla - Local da França onde surgiu a primeira Escola dos Irmãos Maristas.

profissionais do ensino exercendo diferentes funções como professores, catequistas, coordenadores e diretores de Escolas.

Durante as visitas dos alunos eles têm oportunidade de relembrar e compartilhar sua trajetória de Vida Marista com os visitantes. Não só nessas ocasiões, mas comumente se observa o acolhimento e a gentileza dos Irmãos com os visitantes e entre os Irmãos como nos exemplos da próxima categoria.

- Gratidão - Quando expressam agradecimento a pessoas ou situações e/ou reconhecem o benefício do ocorrido.

Exemplos:

“Da minha parte temos muito que agradecer pela ajuda em função da situação em que nos encontramos.”

“Agradeço aos que servem a Deus conosco na nossa reunião.”

“Não sei o que seria de nós se não houvesse esta casa em Porto Alegre para ficarmos enquanto fazemos os exames. Talvez embaixo da ponte.”

“Agradeço as orações que fizeram por mim.” “Temos a graça de ter a missa em casa.”

“Obrigado pela paciência, por que é uma outra realidade da sua vida.”

“Devemos agradecer a Deus por ele ter superado todas as dificuldades – fazendo referência ao fundador São Marcelino Champagnat”.

Na categoria sobre a Gratidão, em especial no último exemplo mencionado, é possível observar a extensão da influência da trajetória do fundador Marcelino Champagnat, neste momento do ciclo vital, a finitude. Na perspectiva de Husserl a *noesis* se constituiria quando o Irmão que se refere ao fundador viveu os benefícios das superações vividas por Champagnat, enquanto o *noema* se constituiria pela intenção de expressar sua gratidão a ele.

A próxima categoria indica traços da construção das relações estabelecidas com os familiares, que é permeada pela distância física inerente à escolha da vida Consagrada. Nos exemplos podemos observar tanto questões vividas quanto não vividas. Nos três primeiros exemplos observa-se que: há uma preocupação com o futuro daqueles que não estão próximo na vida do cotidiano; a identificação explícita de estar distante da família, tornando esses relatos parte do não vivido pelos Irmãos, o que ainda assim contribuiria para a construção da Comunhão na relação com os outros.

- Família - Quando relata qualquer situação ou fato relacionado a seus familiares.

Exemplos:

“ – *O que irá fazer com o patrimônio? Adotar uma criança é dar um tiro no escuro* - preocupação a respeito do que o filho adotivo do irmão consanguíneo poderá fazer após a sua morte com os bens da família.”

“ – *Sempre longe da família.*”

“ – *Como nós, que estamos distanciados da família.*” “ – *Quando era guri vivia na família.*”

“ – *Tenho 10 Irmãos vivos – vários já faleceram.*” “ – *Veja meus pais! – Mostrou a foto dos pais.*”

“ – *Ela é tão teimosa quanto eu!* Irmão comenta que recebeu visita dos familiares, e fala sobre a irmã gêmea.”

Os outros quatro exemplos entram no campo do que foi vivido ainda no período anterior à escolha da vida religiosa e que espelha as considerações de Vygotsky (Molon, 2011), em que, ao mencionar os familiares, os Irmãos se enxergam do modo diferente e se constroem a partir da multiplicidade da relação Eu-outro e do não vivido pela distância física.

Considerações finais

O olhar sobre uma das relações desenvolvidas na formação de vida consagrada da congregação Marista, a Comunhão com os outros, a partir da Fenomenologia Transcendental de Husserl, indica uma forte relação entre o vivido e o não vivido com o atual momento de vida dos Irmãos Maristas da Casa São José.

A importância da continuidade das relações com os alunos, que foi tão presente durante um longo período da vida mais ativa dos Irmãos, pois na sua grande maioria eles foram professores em Escolas, é suprida parcialmente pelas visitas realizadas por alunos da rede Marista aos Irmãos da Casa São José. O reconhecimento da importância das relações interpessoais também aparece no constante agradecimento a todos que passam por suas vidas, destaca-se a gratidão ao fundador, aos seus sucessores que hoje conduzem a Congregação Marista mantendo a estrutura e equipe de saúde da Casa São José, primando por dispensar cuidados a eles de modo a garantir a qualidade de vida nesta fase do Ciclo

Vital, a finitude.

No que diz respeito à finitude como parte do ciclo vital, eles vivem essa fase da vida com a mesma dimensão de significado que as fases anteriores, no que se refere a continuarem se construindo enquanto sujeitos a partir das relações estabelecidas com os próprios Irmãos e demais atores presentes na Casa São José, ou que já fizeram parte da sua vida como a família que ainda pode existir ou não.

Na construção da Comunhão com os outros não houve referência explícita às questões da morte de outros, exceto em modo de constatação ao se referir ao número de Irmãos consanguíneos já falecidos, que poderia ser descrita como a morte de “segundo grau”, ou a única que pode ser experimentada pelos vivos.

A ausência de referências explícitas à morte também leva a considerar a possibilidade de no período de finitude do ciclo vital isto ser vivido pelos Irmãos tanto na forma de Morte Dominada ou Morte Interdita, o que representa aceitar a morte como algo natural ao ciclo vital ou mesmo prolongá-la tanto quanto os recursos de saúde permitirem, pois, a Casa São José possui recursos estruturais de atendimento e equipe de técnicos de enfermagem 24h. Outrossim, o constante acompanhamento médico e indicações de internações imediatas contribuem para construção desta forma de estabelecer relação com a proximidade da morte.

Os Irmãos Maristas da Casa São José, ainda na fase de finitude do ciclo vital seguem conectados com o aprendizado vivido no período de formação da Congregação Marista no qual, individual e coletivamente, escolheram viver a proposta de tornar-se um ser-de-relação com o mundo, especialmente na Comunhão com os outros.

REFERÊNCIAS

- Arbués, Ir. B. (1993). *Guia de formação Marista*. Recuperado em 20 dezembro, 2016, de http://www.champagnat.org/shared/documenti_maristi/GuidaFormazione93_PT.pdf, Roma.
- Bauman, Z. (2008). *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Brustolin, L. A., & Pasa, F. M. L. (2013). A morte na Fé Cristã: uma leitura interdisciplinar. *Teocomunicação Porto Alegre*, 43 (1), 54-72.
- Carneiro, R. S., & Falcone, E. M. O. (2004). Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. *Psicologia em Estudo*. Maringá, 9 (1), 119-126.
- Dantas, J. B. (2010). O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10 (3), 898-910. Recuperado em 20/12/2016 de <http://www.revvispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a16.pdf>.

Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar.

Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies*. XIX (1), 97-105.

Freitas, M. H. (2012). Os sentidos do sentido: uma leitura fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVIII (2), 144-154.

Galeffi, D. A. (2000). O que é isto? A fenomenologia de Husserl? *Ideação*, Feira de Santana, (5), 13-36.

Guimarães, E. D'A. F., & Alves, V. P. (2012). O sujeito idoso na vida religiosa consagrada. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(1), 71-90.

Kern, F. A. (2004). *Redes de apoio no contexto da Aids: um retorno para a vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Molon, S. I. (2011). Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 16 (4), 613-622.

Oliveira, P. P. (2013). Percepção dos profissionais que atuam numa instituição de longa permanência para idosos sobre a morte e morrer. *Ciência & Saúde*, 18(9), 2635-2644.

Papalia, D. E. (2010). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: AMGH.

Sammon, Ir. S. (2006). Tornar Jesus Cristo conhecido e amado – A vida apostólica Marista hoje. *Circulares*, XXXI (3), 29-35.

Schwanke, C. H. A. (2012). *Atualizações em geriatria e gerontologia IV: aspectos demográficos, biopsicossociais e clínicos*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Siveris, Ir. R. (2012). Irmão Marista > Vida Religiosa. Rede Marista do Rio Grande do Sul. Recuperado em 20 dezembro, 2016, de <http://maristas.org.br/vidamarista/animacao-vocacional/etapas-de-formacao>.

Sônia Beatriz da Silva Gomes – Licenciada em Educação Física e Mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS - Professora Adjunta na Faculdade de Educação Física e Ciências do Movimento Humano da PUCRS – E-mail: sbgomes@puers.br

Jociane de Carvalho Myskiw –Doutora em Medicina e Ciências da Saúde pela PUCRS e Pós- Doutorado (PNPD) pela PUCRS. Professora Adjunta do Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS. E-mail: jociane_carvalho@hotmail.com

Francisco Arseli Kern –Doutor em Serviço Social pela PUCRS. Coordenador e Professor Adjunto na Escola de Humanidades do Curso de Serviço Social da PUCRS. E-mail: francisco.kern@puers.br

7 SEGUNDO ARTIGO

Título: Religiosos e a Fé constituída e preservada na finitude do ciclo vital.

Autores: Sônia Beatriz da Silva Gomes, Jociane de Carvalho Myskiw e Francisco Arseli

Kern. Artigo enviado para publicação, Psicologia em Estudo (ANEXO D).

**PSICOLOGIA
EM ESTUDO**

ISSN 1413-7372 versão impressa
ISSN 1807-0329 versão on-line

Religiosos e a Fé constituída e preservada na finitude do ciclo vital

Sônia Beatriz da Silva Gomes

Jociane Carvalho Myskiw

Francisco Arseli Kern

RESUMO

A população mundial está envelhecendo, segundo as projeções das Nações Unidas, e esta realidade engloba os religiosos de vida consagrada. Tomando-os como referência, o objetivo deste estudo foi identificar o significado da Fé de religiosos longevos a partir das relações construídas e vivenciadas na formação da vida consagrada e preservadas na finitude do ciclo vital a partir da comunhão com Deus, que é um dos temas da formação da vida consagrada. A metodologia utilizada para investigação foi qualitativa, etnográfica e retrospectiva. A população foi constituída de 13 religiosos de vida consagrada. Os resultados indicaram uma estreita relação entre a construção social do significado da Fé vividos e não vividos durante a trajetória da vida consagrada advindos das virtude de Maria tomadas como referência por Marcelino Champagnat na constituição do Instituto Marista.

Palavras chave: *Fé; finitude; religiosos longevos.*

Religious and the Faith constituted and preserved in the finitude of the life cycle.

ABSTRACT

The world's population is aging, according to United Nations projections, and this reality includes the religious of consecrated life. Taking this as a reference, the objective of this study was to identify the meaning of the Faith of long-lived religious from the relationships built and lived in the formation of consecrated life and preserved in the finitude of the life cycle from communion with God, which is one of the themes The formation of consecrated life. The methodology used for research was qualitative, ethnographic and retrospective. The

population constituted of 13 religious of consecrated life. The results indicated a close relationship between the social constructions of the meaning of the Faith lived and not lived during the trajectory of the consecrated life coming from the virtue of Mary taken as reference by Marcellin Champagnat in the constitution of the Marist Institute.

Keywords: Faith; finitude; religious long-lived.

Religiosos y la Fe constituida y preservada en la finitud del ciclo vital.

RESUMEN

La población mundial está envejeciendo, según las proyecciones de las Naciones Unidas, y esta realidad engloba a los religiosos de vida consagrada. El objetivo de este estudio fue identificar el significado de la Fe de religiosos longevos a partir de las relaciones construidas y vivenciadas en la formación de la vida consagrada y preservadas en la finitud del ciclo vital a partir de la comunión con Dios, que es uno de los temas de la formación de la vida consagrada. La metodología utilizada para la investigación fue cualitativa, etnográfica y retrospectiva. La población fue constituida de 13 religiosos de vida consagrada. Los resultados indicaron una estrecha relación entre la construcción social del significado de la Fe vividos y no vividos durante la trayectoria de la vida consagrada provenientes de la virtud de María tomadas como referencia por Marcelino Champagnat en la constitución del Instituto Marista. Religiosos y la Fe constituida y preservada en la finitud del ciclo vital.

Palabras clave: Fe; finitud; religiosos ancianos.

1 INTRODUÇÃO

A população mundial, tanto em países desenvolvidos quanto não desenvolvidos, apresenta um número cada vez maior de idosos, segundo as projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações), “Em 2012, 810 milhões de pessoas têm 60 anos ou mais, constituindo

11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance 1 bilhão em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global” (Lucchetti, Lucchetti, Bassi, Nasri & Nacif, 2011, p. 160).

Esta população idosa inclui religiosos das mais diversas congregações. Na cidade de La Valla, situada na França, em 2 de janeiro de 1817, foi fundada por Marcelino Champagnat o Instituto religioso de laicos, ou de Irmãos, com o nome de Pequenos Irmãos de Maria, considerado um ramo da Sociedade de Maria. Somente depois de uma árdua trajetória, por parte do fundador, e após a sua morte, que em 1863 a Santa Sé aprovou o Instituto a ser autônomo e de direito pontifício. Manteve-se o respeito ao nome original e foi denominado de Irmãos Maristas das Escolas (F.M.S. – Frates Maristae a Scholis). Os Irmãos Maristas vivem em comunidade e são irmãos consagrados a Deus, fiéis a Maria enquanto seguidores de Jesus. Atuam especialmente para educação das crianças e dos jovens, e com mais carinho aos mais carentes (Irmãos Maristas, 2017, p. 18).

A comunidade Marista é formada por mais de 3.500 irmãos, vivendo em 81 países dos cinco continentes. Compartilham diretamente com mais de 72.000 leigos a tarefa de atender aproximadamente 654.000 crianças e jovens. No Brasil, são 400 Irmãos e 29.668 leigos maristas servindo 183.449 crianças e jovens (Irmãos Maristas, 2013, p.325).

No Estado do Rio Grande do Sul a congregação teve início dia 2 de agosto de 1900 na cidade de Bom Princípio. Foram os educadores Irmão Weibert, Irmão Marie-Berthaire e Irmão Jean-Dominici, que deram início ao que hoje denomina-se Província Brasil Sul-Amazônia. Em consonância com a população mundial, muitos Irmãos já passaram da Terceira idade e atingiram os 80 anos, ou mais, e são considerados longevos. Eles vivem em uma Instituição de Longa Permanência – ILPI, denominada Casa São José, mantida pela congregação Marista, onde recebem todos os cuidados neste período do ciclo vital, descrito como finitude, onde considera-se o período da vida que antecede a morte, assim só é

determinado quando esta ocorre.

1.1 Virtudes de Maria e Conselhos Evangélicos

Os Irmãos Maristas se consagram a Deus e seguem Jesus do jeito de Maria. As virtudes Mariais mencionadas nas Constituições e Estatutos da Congregação Marista são a humildade, a simplicidade e a modéstia, que foram tomadas como valores de referência por Marcelino Champagnat na constituição do Instituto Marista. Estas virtudes imprimem autenticidade e benevolência às relações com os Irmãos e com aqueles com quem se relacionam (Instituto dos Irmãos Maristas das escolas ou pequenos Irmãos de Maria, 2007).

Os conselhos evangélicos são aspectos da vida de Cristo pelos quais os católicos vivem a restrita uniformização com Cristo e são seguidos pelos consagrados mediante votos professados em instituições ou congregações religiosas. O grau de seguimento de cada conselho evangélico é determinado pelas constituições e estatutos de cada instituto ou congregação. Os votos professados pelos Irmãos Maristas são:

- Pobreza – levar uma vida pobre de fato e de espírito, o postulante renúncia a usar e dispor de qualquer dinheiro ou bem material de algum valor sem autorização. Se propõe a viver concretamente a pobreza pessoal e comunitária levando vida laboriosa e sóbria, sem busca do supérfluo.
- Castidade – viver como Cristo, totalmente para Deus através do compromisso com o celibato que estabelece o amor único com Cristo renunciando ao amor conjugal e a paternidade humana. A castidade bem vivida abre nossos corações à amizade, graça de Deus que empresta um rosto humano a seu amor.
- Obediência – assumir em espírito de fé no seguimento de Cristo até a morte, à submissão aos superiores legítimos segundo as Constituições. O exercício da obediência evangélica é a expressão da liberdade e disponibilidade para a missão da Igreja. (Instituto dos Irmãos Maristas das escolas ou pequenos Irmãos de Maria, 2007).

As virtudes de Maria e os Conselhos Evangélicos estão amalgamados nas experiências vividas no cotidiano dos Irmãos Maristas ao longo da vida consagrada.

Segundo Iwashita (2015), o desenvolvimento do dogma busca explicitar coisas que estão implícitas, sem perder a essência, em especial aos que se referem aos dogmas marianos que se apoiam sobre o vivido da fé na Igreja. O dogma mariano se desenvolveu a partir do culto dos símbolos, da experiência, da vivência, mas acima de tudo pela Fé vivida que precede as proclamações oficiais. “Com efeito, faz-se necessário lembrar, também, que o vivido, o implícito é muito mais vasto que aquilo que a palavra é capaz de explicitar.” (Iwashita, 2015, p. 547).

A forma de compreensão da questão do vivido, do implícito, se dá pelo conceito de “*sensus fidei*” ou “*sensus fidelium*” que deriva da doutrina fundamental que trata sobre as potências da fé. O sentido que vem da fé experimentada pelos fiéis capacitados a sentir e perceber tudo aquilo que se refere à Fé em si mesma, o conhecimento fornecido é fruto da experiência concreta mais do que qualquer conceptualização (Iwashita, 2015).

No documento do Vaticano, elaborado pela Comissão Teológica Internacional, isso representa que os fiéis possuem um instinto referente à verdade do Evangelho, o que permite reconhecer e validar a doutrina e a prática cristã. Confirma Iwashita (2015), que este instinto sobrenatural, ligado intrinsecamente à Fé recebida na comunhão da Igreja é chamado de “*sensus fidei*” e permite aos cristãos cumprir sua vocação.

Iwashita (2015, p. 552) ressalta que: “O dogma definido não deve, pois, perder o contato com o vivido que o precedeu e que o precede”, e busca explorar o aspecto sobre Maria como figura da Anima a partir de considerações de Carl Jung onde:

Maria é a realização suprema da sabedoria no plano histórico, tendo repetido em si o itinerário sapiencial, que já fora de seu povo, de quem é filha, memorizando e recordando os fatos

salvíficos, os feitos de Deus; atenta à profundidade escondida da Revelação, sendo custódia da Palavra e tendo parentesco com a sabedoria na escuta de Jesus-sabedoria, e sendo por isso a Filha da Sabedoria por excelência, e “trono da sabedoria”, por ter trazido o Verbo no seu seio e no seu coração. Na sua perspicácia, C. G. Jung constatara, no movimento popular pela definição dogmática da assunção de Maria, a expressão de profundas exigências da psique por uma transformação do arquétipo do feminino. A dogmatização da Assunção veio ao encontro dessa expectativa do “*sensus fidelium*”, de glorificação do feminino em Maria, a mutação do arquétipo até a dimensão da Anima Sabedoria. [...]. O fenômeno da fascinação deve levar o homem a entrar em contato com o feminino dentro de si, pois o que parece atrair fora já se encontra dentro de si. (Iwashita, 2015, pp. 555-558).

Conforme Pansini (2016), a Igreja desde o Concílio Vaticano II, busca o envolvimento dos cristãos no mistério da fé, por meio da Eucaristia, que ultrapassa toda a compreensão humana, do mesmo modo vivido que a Fé em Maria foi descrita a partir do “*sensus fidelium*”. Que esteja presente e ativo em conexão com a ação sagrada, consciente e piedosa, compreendendo os ritos e orações e aprendam a oferecer a si, como os sacerdotes, no seu cotidiano para que Deus esteja em todos. A missa, onde se celebra a atualização do mistério eucarístico é o momento de fazer memória, ir às raízes, retornar às fontes, trazer para o aqui e agora o milagre do Pão e do Vinho convertido em Corpo e Sangue de Jesus Cristo.

Para o Papa Francisco, o cristão que se compreende membro do Corpo Místico e participa da Eucaristia, dá novo sentido à própria vida, participando da realidade social onde

está inserido de modo diferente, transformando a realidade. Esta unidade que se dá pela Eucaristia permite aos cristãos levar a Igreja para além dos próprios muros. E, como bem expressa Pansini (2016, p. 151) “A Eucaristia foi a forma que Deus escolheu, para ser presença no mundo”.

1.2 Vida Consagrada Marista

A construção da Vida Marista Consagrada pode ser descrita em oito diferentes momentos de acordo com Siveris (2012):

1. Despertar vocacional e acompanhamento - neste primeiro momento o principal é identificar qual a vocação de cada pessoa para exercer uma missão no mundo. São apresentadas as diferentes possibilidades vocacionais: Humana, Cristã e Específica. Dentre as vocações específicas está a de ser um Irmão Marista que é a presença transformadora, exercida conforme os valores e o carisma de São Marcelino Champagnat. No final desse acompanhamento, o jovem é orientado a ingressar em uma casa de formação ou a fazer outra experiência para amadurecer sua opção vocacional.
2. Juvenato - é um tempo de busca, aonde o jovem vai se conhecendo melhor, aceitando-se e acolhendo sua realidade histórico-familiar, superando-se gradativamente e convertendo-se ao Evangelho. Os jovens ingressam na casa de formação a partir do 2º ano do Ensino Médio, cursando o Magistério. Após a conclusão do curso também fazem meio ano de estágio, exigência do próprio curso, seguindo com meio ano de formação mais intensa, até o final do ano, totalizando três anos nesta etapa.
3. Pré-postulado - Paralelo ao Juvenato há a etapa do Pré-Postulado. É um local de acolhida de jovens que já concluíram o Ensino Médio, podendo acontecer de já terem experiência de trabalho exercido em algum emprego.

4. Postulado - Vem de a palavra *postular*, pedir. É caminho de formação que capacita o jovem para vivência mais intensa da vida comunitária, da compreensão de si mesmo, do Fundador, dos valores da Congregação, da história e do Carisma da vida marista. O postulante atua em atividades pastorais da paróquia e no final dessa etapa faz o seu pedido de ingresso ao Noviciado.
5. Noviciado - É tempo de exercitar a expressão da afetividade para com todos, na educação da vontade, do desapego e capacidade de renunciar (rupturas), na liberdade de fazer escolhas condizentes com a vocação própria que escolheu. Noviciado é tempo de iniciação às exigências da Vida Religiosa Marista, desenvolvendo o sentido de pertença, é entendido, como um momento forte de experiência de Deus, dando condições ao noviço de preparar-se para a Primeira Profissão Religiosa. A duração do noviciado é de dois anos, oportunizando no 2º ano uma experiência de estágio de 6 meses numa comunidade apostólica (colégio, obra social).
6. Primeira Profissão Religiosa - É um ponto culminante de uma caminhada (Noviciado), onde o Irmão Noviço proclama publicamente à Comunidade o desejo de viver como Irmão Marista. É o Sim do jovem à Vida Religiosa Marista. O Ir. O noviço manifesta sua decisão pela Profissão Religiosa por meio de um pedido por escrito ao Irmão Provincial, no qual partilha a experiência feita no noviciado e expõe os motivos que o levam a proclamar publicamente o desejo de seguir Jesus Cristo no Instituto Marista.
7. Escolasticado – Esta etapa tem, normalmente, duração de seis anos. Escolasticado vem do grego *Schole*, escola. Na Idade Média surgem as escolas por toda Europa, daí o período da Escolástica, que compreendia os estudos de Filosofia e Teologia. *Schole* significa também lugar do ócio, de instrução – “Ócio Criativo.” É um tempo de formação e preparação do apóstolo marista.

8. Profissão Perpétua - O trabalho do Irmão, o que chamamos de missão ou ação apostólica marista, realiza-se em quatro grandes áreas: a Formação, a Educação, Assistência Social e as Missões. Ao escolher a área de atuação, o Irmão dialoga com o Provincial, levando em conta as necessidades da Província e as próprias habilidades pessoais. Portanto são frentes de atuação do Irmão: pastoral da juventude, formação, escolas, coordenação, direção de escola, aulas de ensino religioso e trabalho em uma obra social (Siveris, 2012).

As etapas descritas anteriormente se referem ao formato, sob o qual a maioria dos Irmãos que participaram deste estudo se formaram. Atualmente, foram realizadas mudanças para acompanhar o contexto social e os perfis dos atuais postulantes. Para compreender, não somente a formação dos Irmãos Marista, mas também a importância deste conceito na trajetória da vida Marista cabe um detalhamento do significado do Carisma Marista. O uso do termo carisma não se restringe aos documentos da Igreja nem tão pouco aos religiosos, entretanto na espiritualidade é descrito com dom ou graça concedida pelo Espírito Santo a uma pessoa para o benefício de toda Igreja e não somente proveito próprio. O apóstolo São Paulo destaca e afirma que diversidades destes dons enriquece a comunidade por serem colocados a seu serviço e de toda a Igreja, apesar de terem sido atribuídos a uma pessoa.

Podemos, ainda, falar de carisma de um grupo, ou de um Instituto. A esse respeito, o Ir. Seán explica: O carisma oferecido à Igreja e ao mundo por mediação de Marcelino Champagnat é muito mais do que um conjunto de trabalhos considerados coerentes com sua visão original, um estilo de oração referente a uma determinada espiritualidade — por mais importante que isso possa ser — ou um conjunto de qualidades marcantes da vida do Fundador. [...] O carisma do nosso

Instituto é nada mais nada menos do que a presença do Espírito Santo. Ao permitir que o Espírito aja em nós e por nosso intermédio, podemos realizar feitos surpreendentes. [...] Hoje, o Espírito, tão ativo em nosso Fundador, anseia por viver e vibrar em você e em mim. (Sammon, 2006, pp. 29-30; 45).

O Irmão que ocupa o cargo de provincial é responsável por identificar o carisma de cada postulante e indicar, auxiliado pelos irmãos responsáveis pela formação da vida consagrada, qual à área de atuação onde possa cumprir de modo adequado o que o Espírito Santo faz vibrar em cada um de acordo com a sua fé religiosa.

Segundo Guimarães (2012), as peculiaridades existentes na formação da Congregação Marista recebida pelas diferentes gerações de Irmãos, ou seja, os que hoje se encontram na faixa dos 80 a 90 anos de idade tiveram uma formação mais tradicional, e que antecede ao Concílio Vaticano II (1962-1965), ocasião que foram promovidas mudanças que refletiram na formação dos religiosos. O formato tradicional inclui isolamento e silêncio, especialmente durante as refeições, o que modifica a convivência entre os pares, e que pode se estender a outras áreas da vida de relação dos irmãos idosos.

A escolha da vida consagrada perpetua o papel social em cada um dos Irmãos, assim a aposentadoria ou transição de carreira para os religiosos longevos ganha outra dimensão, pois resulta da interação entre sujeito e instituição, de maneira diferente do que se dá em outros grupos de idosos, considerando que sofre três classes de influências:

- Normativas graduadas pela idade – eventos como ingresso na instituição, etapas de formação, funções desempenhadas que podem ter ocorrido na mesma época e espaço social, o que favorece a similaridade na constituição desses sujeitos.
- Normativas graduadas por história – eventos macroestruturais que dão origem

a mudanças sociais vividas pelos sujeitos de uma unidade cultural.

- Não normativas – são idiossincráticas e ocorrem de modo diferente para cada indivíduo, são elaboradas na trajetória da vida a partir das influências normativas (Guimarães & Alves, 2012, pp. 72-74).

O cotidiano vivido pelos Irmãos Maristas a partir das três classes de influências, e dos momentos de Formação, mais do que atitudes e comportamentos, atravessam também a fase de finitude do ciclo vital. Especialmente, quando entre 80 e 90 anos de idade eles também completam de 50 a 70 anos de vida religiosa Marista. Segundo Guimarães, Scotti, Soares, Fernandes e Machado (2012), a percepção de serem idosos começa com a auto percepção das limitações físicas, mesmo que a saúde ainda esteja boa, tais limitações afetam a eficácia da realização de atividades do cotidiano. Enquanto para Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 75), “As crenças de eficácia são a base da agência humana. A menos que as pessoas acreditem que podem produzir os resultados que desejam e prevenir os resultados prejudiciais por meio de seus atos, elas terão pouco incentivo para agir ou perseverar frente a dificuldades.”

O declínio físico inerente ao processo do envelhecimento humano, associado a crença de autoeficácia, pode provocar a necessidade de afastamento dos Irmãos de suas funções, sejam executivas e/ou operacionais, e a compreensão de envelhecer também passa pela assimilação destes aspectos.

Independentemente do aspecto diacrônico da Formação da Congregação Marista, o carisma se mantém e se manifesta na espiritualidade. “Vivemos a espiritualidade cristã de um modo marial e apostólico próprio. É uma espiritualidade encarnada, inspirada em Marcelino.” (Estaún, 2007, p. 15).

Na formação para Vida Consagrada da Congregação Marista, o pretendente a tornar-se irmão “é um ser-de- relação chamado a aperfeiçoar sua comunhão com a natureza, com os outros, consigo mesmo e com Deus” (Arbués, 1993, p. 6). Estas quatro relações serão

desenvolvidas de modo original, pessoal e comunitariamente durante a formação de acordo com os respectivos *valores* de cada comunhão.

A comunhão com a natureza trata da: contemplação, conhecimento; transformação pela pesquisa e pelo trabalho; uso equilibrado e partilhado dos bens de consumo, fundamentado numa atitude de administrador, de filho e de irmão; respeito pelo meio ambiente.

A comunhão com os outros estimula: aceitação do outro como diferente de mim; amor expresso pela acolhida, serviço e o perdão; diálogo, confiança, amizade; vulnerabilidade tranquila, para deixar-se atingir, mas não abater; sensibilidade às realidades da sociedade em que estamos vivendo.

A comunhão consigo mesmo está focada no: conhecimento, aceitação e superação de si mesmo, com suas qualidades e limitações, fazendo a diferença entre o eu e as imagens do ego, renunciando ao que não se é (fantasias) e àquilo que não se tem, a fim de chegar a ser uma imagem única de Deus; capacidade de refletir, de querer, de decidir-se na liberdade, a fim de se tornar mais responsável; capacidade de reagir positivamente à tristeza, à provação, ao sofrimento, aos movimentos de depressão; ascese, vista sobretudo como equilíbrio das tendências, higiene corporal e mental: saúde, asseio, ritmo de vida, exercícios.

A comunhão com Deus desenvolve: atitude filial com o Pai, pela qual renunciamos a nós mesmos, isto é, reconhecemos receber de Deus a vida, a origem, o sentido da existência humana, a libertação e a salvação; atenção aos sinais da presença, do amor de Deus, em particular no rosto fraterno de Jesus, revelado na Palavra, celebrado como Igreja e reconhecido no pobre; educação ao silêncio interior, à oração do coração no Espírito Santo, à prece de louvor, de ação de graças, de intercessão, à oração litúrgica e comunitária, à oração partilhada, ao discernimento; atenção a todo homem, a toda mulher, como lugar de encontro com Deus. (Instituto dos Irmãos Maristas Guia da Formação, 1993).

Os temas e respectivos valores que sustentam a formação para a vida consagrada de um Irmão Marista, articulados na trajetória das oitos etapas, irão constituir um ser de relação inserido na complexidade do contexto em que se dá sua ação no mundo, exigindo uma constante capacidade de adequação.

2 MÉTODOS E INSTRUMENTOS

Este artigo faz parte da pesquisa de Doutorado intitulada: A construção social de finitude da vida através dos significados do mundo vivido e não vivido, e teve como objetivo compreender este processo de construção, assim como, a influência do fundador na construção da Fé constituída e preservada na finitude do ciclo vital.

O estudo foi qualitativo, etnográfico e retrospectivo, foram sujeitos do processo 13 Irmãos Maristas, com idade entre 76 e 94 anos, e 50 e 74 anos de Vida consagrada. Os registros foram realizados de modo sistemático com frequência semanal de setembro de 2012 a dezembro de 2013, durante a realização das atividades aquáticas na Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da PUCRS e das reuniões da comunidade da Casa São José da Província Marista Brasil Sul- Amazônia.

A pesquisa tramitou no Comitê de Ética – CEP, sob o registro CAAE: 263878717.0.0000.5336, tendo sido aprovado conforme parecer do CEP nº: 1.899.200. Como instrumento de pesquisa foram utilizados o diário de campo, a entrevista etnográfica, registros visuais (fotografias e filmagens), de diferentes momentos. O método de análise utilizado foi a Fenomenologia Transcendental de Husserl, conforme descrito por Galeffi (2000). Discorre sobre a construção social da Fé na finitude de vida por meio dos significados do vivido e não vivido dos Irmãos Maristas moradores da Casa São José. A escolha da vida consagrada implica em cumprir com os conselhos evangélicos que dizem respeito aos votos realizados pelos religiosos de castidade, obediência e pobreza. Exemplo: quando se escolhe viver a pobreza, trata-se daquilo que será vivido, o não viver a riqueza e o esbajamento

implicam no estabelecimento do não vivido, como se fossem os dois lados de uma mesma moeda. Ambos os lados contribuem para os significados constituídos tanto na trajetória da vida consagrada quanto na finitude do ciclo vital.

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA FÉ NA COMUNHÃO COM DEUS

Neste artigo foram analisadas as categorias, e seus respectivos exemplos, que se relacionam diretamente com os valores do tema da comunhão com Deus. Tais categorias emergiram dos diários de campo e das entrevistas episódicas, são elas:

a) Carisma Marista - Qualquer explanação realizada sobre o Carisma Marista e as normas da província por qualquer um dos Irmãos de modo explícito ou implícito.

Exemplos:

“[...] sentou diante de mim e disse: - Vou compartilhar contigo questões do carisma Marista. Simplicidade. Humildade -começou falando sobre humildade. - Não se deve vangloriar dos seus feitos. ”

“Um conjunto de valores pois são três os meus amores. São José, Nossa Senhora e Champagnat. ”

“Quatro pilares: rezar, estudar tema, convívio e dedicação à obra social.”

A modelação descrita na Teoria social cognitiva de Bandura et al. (2008), trata do quanto a imitação de condutas, ações, gestos e maneiras de ser dos outros sustenta o processo de aquisição de comportamentos a partir de modelos, seja este programado ou incidental. O que estabelece uma relação plausível para o comportamento de Marcelino Champagnat ter influenciado os Irmãos que seguiram sua trajetória e contribuíram para os 200 anos de existência da Congregação Marista.

b) Referências à morte - Informações de óbitos de qualquer ordem, ou menções à morte.

Exemplos:

“Vou morrer. Quem nasceu está na lista dos mortos.” “A morte que é a única coisa certa na vida.”

“Talvez não esteja mais aqui quando voltares.”

“Eu estarei feliz, pois estarei com Jesus que é quem mais amo, e finalmente verei o rosto de Maria.”

Na Comunhão com Deus importa considerar aspectos da Fé e da razão, pois para um Cristão, não há nada mais importante que a Fé, afirmam Dutra e Paim (2016, p. 294), “Hebreus 11:1, diz que a Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem”. Já para Ratzinger (2015), nós redescobrimos a imagem do nosso ser em essência, quando compreendemos que a Fé é obediência e assim reconhecemos a responsabilidade implícita na forma fundamental de vida.

Enquanto para Libanio (2004), crer é uma condição amalgamada a existência e ao convívio humano, sendo a Fé uma experiência humana fundamental que se faz entre as pessoas e que se prolonga para as coisas, mistérios e religiões.

Para Dutra e Paim (2016, p. 295) estar cômico que enquanto humanos temos limitações, compreender que o cristão acredita que todas as situações vividas estão sobre o controle do Criador independente de causarem adversidades ou boas aventuras são argumentos importantes em relação à fé. Assim a Fé se transforma em certeza concreta que anima e fortalece o ser humano para seguir seu caminho, produz esperança, torna a espera em Deus agradável e admirável. Seu objeto está no mundo eterno com Deus, Cristo, as Escrituras e o evangelho.

Dutra e Paim (2016) argumentam também sobre a necessidade de compreender a razão, pois ela “leva o Cristão a não se render ao sentimentalismo imaturo, tampouco exaltar a mente em detrimento da Fé, mas possibilita um caminho equilibrado, na qual a experiência não é absolutizada, e a reflexão é exercitada.”

Para Kant (2001, p. 62), “não resta dúvida que todo nosso conhecimento começa pela experiência [...]” No entanto, ele continua “[...] há também um conhecimento, independente da experiência e de todas as impressões dos sentidos, distinguindo-se do empírico, que é o espaço onde a Fé transcende os limites da experiência possível.”

Segundo Stot (2012) há outro fator que torna a razão importante. É por ser o cristianismo uma religião revelada pois com certeza a recriação de Jesus Cristo exalta os ensinamentos, o que ocorre minimamente nas religiões pagãs onde os rituais tem mais importância. É exatamente neste aspecto que o cristianismo se distingue, pois contém uma doutrina, tem ensinamentos definidos e positivos, baseia-se em conhecimentos obtidos sob condições morais. Historicamente a religião dissociada de um pensamento profundo e reflexivo se enfraquece, se tornando infantil e nociva, enquanto o intelecto através do racionalismo quebra a imagem constituída.

Paim e Dutra (2016) concluem suas argumentações dizendo: “A verdadeira Fé é essencialmente racional, pois ela confia nas promessas e no caráter de Deus, e por isso, um cristão que crê que é alguém cuja mente reflete e descansa nessas certezas. Fé e raciocínio podem e devem caminhar juntos, crer é impossível sem pensar.”

Encontra-se nos estudos de Nishida (2016), quando o autor trata da intuição intelectual, a compreensão do verdadeiro despertar religioso descrito como “a realização da unidade profunda existente na base do intelecto e da vontade [...] ou de uma profunda captação da vida.” (Nishida, 2016, pp. 58-59).

c) Atividade Religiosa - Todas as práticas religiosas realizadas pelos moradores da Casa São José.

Exemplos:

“Cada Irmão acompanha a reza pelo rosário que trazem na mão.” “Rezemos o Te

*Deum*⁷ para o Espírito Santo.”

“Minha comunidade Marista Champagnat me convidou para tocar e cantar, convite aceito pois é onde posso ir e voltar.”

“Deixamos aos Irmãos o tempo de adoração.”

Uma das formas de expressar a Fé é por meio da oração, para Sanson Jr. e Barreira (2016, p. 447), “O exercício da oração é comumente destacado pela comunidade confessional como uma ação vital, sem a qual a alma, desconectada das fontes sobrenaturais, fatalmente desfaleceria.” Os mesmos autores ainda consideram que a prática da oração atenta e constante, e a doutrina transmitem e reiteram a convicção da Fé, não sendo possível deixar sua prática cotidiana a merce da espontaneidade, e devido à sua tamanha importância no propósito de uma vida articulada com a promoção do ser.

Segundo Sanson Jr. e Barreira (2016), as páginas do Catecismo da Igreja Católica – CAT dispõem de material que alicerçam dois aspectos sobre o ato de orar: se orar é dever ou espontaneidade.

Assim, de acordo com CAT § 2650 é possível observar o aspecto do dever “A oração não se reduz ao brotar espontâneo dum impulso interior: para orar, é preciso querer. Tampouco basta saber o que a Escritura revela sobre a oração: é preciso também aprender a rezar”.

Já em outro trecho de Santa Teresa do Menino Jesus citado por Catecismo da Igreja Católica (2016), observa-se a espontaneidade: “O que é a oração? Para mim, a *oração* é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria.”

No Catecismo da Igreja Católica consta que:

- **2644.** O Espírito Santo, que ensina a Igreja e lhe recorda tudo o que Jesus

⁷*Te Deum* é um hino cristão, usado principalmente na liturgia católica, como parte do Ofício de Leituras da Liturgia das Horas e outros eventos solenes de ações de graças.

disse, também a educa para a vida de oração, suscitando expressões que se renovam no âmbito de formas permanentes: bênção, petição, intercessão, ação de graças e louvor.

- **2645.** É porque Deus o abençoa, que o coração do homem pode, retribuindo, bendizer Aquele que é a fonte de toda a bênção.
- **2646.** A oração de petição tem por objeto o perdão, a busca do Reino, bem como qualquer necessidade verdadeira.
- **2647.** A oração de intercessão consiste numa petição em favor de outrem. Não conhece fronteiras e estende-se até aos inimigos.
- **2648.** Toda a alegria e todo o sofrimento, todo o acontecimento e toda a necessidade podem ser matéria da ação de graças, a qual, participando na de Cristo, deve encher a vida toda: «Dai graças em todas as circunstâncias» (1 Ts 5, 18).
- **2649.** A oração de louvor, totalmente desinteressada, dirige-se a Deus: canta-o por si próprio, glorifica-o, não tanto pelo que Ele faz, mas sobretudo porque ELE É.

A questão da oração nas Constituições e Estatutos da Congregação Marista está tratada do seguinte modo:

Homens de oração. 7.7. A oração é para nós absoluta necessidade. Ela não se limita aos exercícios de piedade, nem tampouco se identifica com o trabalho apostólico. Ela é presença e comunhão com Deus, tornado mais próximo pela nossa atenção aos outros. Pouco a pouco, ela unifica nossa vida e tende a tornar-se contínua, penetrando nossa ação e refletindo-se sobre os que nos cercam. Cada um de nós é o primeiro

responsável por sua oração pessoal e corresponsável pela comunitária.

7.7.1. A comunidade organiza sua oração conforme as exigências das Constituições. Avalia periodicamente suas opções de oração em vista do crescimento espiritual de seus membros. Permanece aberta a outras formas de oração capazes de promover esse crescimento. (Instituto dos Irmãos Maristas das escolas ou pequenos Irmãos de Maria, 2007).

Para Sanson Jr. e Barreira (2016), a fidelidade à oração cotidiana proposta nos ambientes religiosos não atende e nem representa a autenticidade espiritual, uma vez que: “se deem por coordenadas completamente diversas à dinâmica entre as formas de oração e as propriedades transcendentais do ser”. Entenda-se transcendental a partir do Curso de Filosofia de Régis Jovilet, onde a noção de Ontologia é “[...] a ciência do ser enquanto ser e dos caracteres que pertencem ao ser como tal. O ser é um transcendental, ou se une a noção que *transcende ou ultrapassa, todas as categorias do ser* e se aplica a tudo que é ou pode ser, de qualquer forma que seja.”

Aquele que escolhe a vida consagrada por si só faz a escolha de empreender o desenvolvimento de sua espiritualidade, porém encontramos no estudo de Gutz e Camargo (2013, p. 793), a indicação que “a espiritualidade pode ser contemplada na velhice como um dos recursos de enfrentamento para situações adversas, constituindo-se de aspectos emocionais e motivacionais na busca de um significado para a vida.”

No estudo realizado por Gutz e Camargo (2013) com idosos acima de 80 anos, em que foi utilizado o sistema de análise do ALCESTE⁸, e criou cinco classes de representações sociais sobre espiritualidade, destaca-se duas relacionadas aos *valores* de formação da vida

⁸ ALCESTE é um software de análise textual de dados, desenvolvido na França e vem sendo largamente utilizado na análise de questionários, trabalhos literários, artigos científicos, etc.

consagrada que trata da Comunhão com Deus: Classe 1 - Fé e oração, e Classe 4 - Deus.

Na Classe 1 – embora tenha sido uma classe produzida predominantemente por participantes do sexo feminino parece interessante observar que a prática da oração busca “recuperar e ganhar forças para enfrentar o cotidiano, como forma de enfrentamento diante de situações de perdas e mudanças.” (Gutz & Camargo, 2013, p. 800).

Na Classe 4 – entre leigos, não consagrados, “As pessoas se refugiam em Deus para explicar o que não compreendem e a religião se torna a solução universal.” (Gutz & Camargo, 2013, p. 800).

Na análise por contraste, a representação das idosas vincula a espiritualidade à preocupação e preparação para a vida após a morte, enquanto a representação social dos idosos se relaciona com as formas de viver essa vida (Gutz & Camargo, 2013, p. 803).

No estudo de Paiva (1990), que trata das relações entre Psicologia e Religião, na categoria relacionada com Experiência, a qual trata das experiências religiosas, consideradas por William James (1902 citado por Paiva, 1990) como emoções ou estados afetivos, para Lans (1977 citado por Paiva, 1990, p. 29), refere-se a um processo de percepção. No entanto, Paiva (1990) se questiona: Como a psicologia pode lidar com a experiência religiosa nesta acepção mais estrita? O próprio autor introduz a perspectiva da Psicologia Cognitiva como uma possibilidade.

Os processos cognitivos abrangem desde a estimulação neurológica dos sentidos até o percepto propriamente dito, com destaque especial das condições mediadoras ou processos pelos quais o estímulo é selecionado, elaborado e recuperado. Processo entre todos privilegiado, no caso é a memória a longo prazo, através da qual fatores tais como familiaridade, valores, expectativas e outros podem influir no resultado da percepção.

(Heider, 1858 citado por Paiva, 1990, p. 29).

Paiva (1990), descreve que ao aplicar este paradigma à análise das experiências religiosas, pode-se supor que ela obteve “certas referências fundamentais à religião que o ambiente imediato, o grupo social e a cultura foram lhe fornecendo”. O autor destaca que “os esquemas religiosos não só são reavivados, mas passam a comandar o processo de percepção que suplanta os esquemas usuais.”

CONCLUSÕES

A formação da vida consagrada dos religiosos Maristas contempla o tema específico da Comunhão com Deus, com foco no jeito de Maria de seguir Jesus. A trajetória da construção social da fé a partir da simplicidade, humildade e modéstia, características das virtudes de Maria, revelam a Fé vivenciada não só na oração cotidiana, mas também nas ações diárias de atendimento educacional de jovens e adolescentes, em especial aos mais carentes.

Os Irmãos Maristas que participaram desta pesquisa têm mais de 50 anos de vida religiosa, alguns chegando aos 74 anos de vida consagrada, uma cronologia considerável para sustentar a construção social da Fé, tanto no vivido quanto o não vivido por eles.

Uma construção da presença diária por meio dos significados atribuídos à prática da oração, seja nas orações realizadas na comunidade, nas fraternidades ou mesmo em momentos de adoração demonstra a crença na sua existência articulada com o carisma Marista.

A humildade que norteou a trajetória de cada um se mantém presente neste período de finitude da vida, onde o significado atribuído à morte representa apenas o momento de chegada junto daqueles por quem esperaram a vida toda encontrar, Jesus e Maria. Somente a Fé vivida e a construção social desta Fé, uma vez que os exemplos mencionados nas categorias do diário de campo emergiram nas reuniões semanais da comunidade, são capazes

de sustentar a crença do encontro esperado após a morte.

Existe também um espaço de silêncio sobre a morte, que pode ser percebido como o não vivido, e mesmo que exista o não manifestado, esta também é uma forma de construção social sobre a finitude da vida.

Como Marcelino Champagnat não só acreditaram, mas viveram a Fé na Boa Mãe como eles se referem à Maria, com entrega, dedicação, doçura e simplicidade constituindo a face Mariana da Igreja, participando da Eucaristia diária onde Cristo se faz presente pelo corpo e sangue em um mistério incompreensível pela condição humana, o mistério da Fé, e é este experimentar diário que constitui a Fé vivida.

O cuidado presente nas escolhas de cada etapa dos temas abordados na formação consagrada Marista é que permite uma tessitura que se mantém no período da finitude de vida, independente do contexto cultural dos locais percorridos pelos Irmãos, os fios que tecem a Comunhão com Deus estão fortalecidos e os mantêm fiéis até o esperado encontro com Jesus e Maria.

Sendo assim, conclui-se que a construção social do significado da Fé constituída na trajetória de vida consagrada transcende o amenizar da condição física e social da velhice, além disso sustenta com leveza e doçura o período de finitude da vida, porque faz parte do vivido e não vivido pelos Irmãos Maristas da Casa São José.

REFERÊNCIAS

- Arbués, Ir. B. (1993). *Guia de formação Marista*. 1993. Recuperado em 29 dezembro, 2016, de http://www.champagnat.org/shared/documenti_maristi/GuidaFormazione93_PT.pdf.
- Bandura, A., Azzi, R. G., & Polydoro, S. (2008). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed.
- Catecismo da Igreja Católica (2016). *Quarta parte, a oração cristã*. Recuperado em 29 dezembro 2016, de http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_n ew/p4s1cap 2_2650-2696_po.html.

Dutra, R. A. F., & Paim, J. S. (2016). Fé e razão: como a razão pode explicar Deus sem levar ao ceticismo. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, 10(17), 287-297.

Estaún, Ir. A. M. (2007). *Água da Rocha*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.

Galeffi, D. A. (2000). *O que é isto? A fenomenologia de Husserl?* Feira de Santana: Ideação, (5), 13-36.

Guimarães, A. C. A., Scotti, A. V., Soares, A. Fernandes, S. & Machado, Z. (2012). Percepção da qualidade de vida e da finitude de adultos de meia idade e idoso praticante e não praticante de atividade física. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 15(4), 661-670.

Guimarães, E. D. F. (2012). “*Desejo que todo mundo seja idoso*”: o processo de envelhecimento na vida religiosa Consagrada Marista. 2012, 217 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Brasília, Pós-Graduação em Gerontologia, Brasília.

Guimarães, E. D. F.; Alves, V. P. (2012). O sujeito idoso na vida religiosa consagrada. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(1), 71-90.

Gutz, L., & Camargo, B. V. (2013). Espiritualidade entre idosos mais velhos: um sonho de representações sociais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 16(4), 793-804. Recuperado em 27 dezembro, 2016, de <http://www.maristas.org.br/portal/externo.asp?IDPag=84>.

Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas ou Pequenos Irmãos de Maria. (2007). *Constituições e Estatutos*. [Online] I Edição IntraText CT Copyright Èulogos. Recuperado em 27 dezembro, 2016, de http://www.intratext.com/IXT/POR0012/_P9.HTM.

Instituto dos Irmãos Maristas Guia da Formação. (1993). *Roma – Itália*. 1993. Recuperado em 30 janeiro, 2017, de www.champagnat.org/shared/documenti_maristi/GuidaFormazione93_PT.rtf.

Irmãos Maristas. (2017). Recuperado em 30 janeiro, 2017, de <http://www.champagnat.org/000.php?>.

Irmãos Maristas. (2013). Recuperado em 30 janeiro, 2017, de <http://www.champagnat.org/000.php?>.

- Iwashita, P. K. (2015). O culto mariano e o arquétipo do feminino: elementos antropológicos e psicológicos. *ATEo*, Rio de Janeiro, 19(51), 546-566.
- Kant, I. (2004). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Libanio, J. B. (2004). *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Lucchetti G, Lucchetti, A. L. G., Bassi, R. M., Nasri, F., & Nacif, S. A. P. (2011). O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspectos do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 14(1), 159-167.
- Nishida, K. (2016). *Ensaio sobre o bem*. Campinas, SP: Editora Phi.
- Paiva, G. J. (1990). Algumas relações entre psicologia e religião. *Psicologia – USP*, São Paulo, 1(1), 25-33.
- Pansini, W. G. (2016). A presença de Cristo na realidade da Vida. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*, 7(1), 145-153.
- Ratzinger, J. (2015). *Ser cristão na era neopagã* (Vol. 1). Campinas/SP, Ecclesiae.
- Sammon, S. (2006). Tornar Jesus Cristo conhecido e amado. A vida apostólica Marista hoje. *Circulares*, 31(3), 29-35.
- Sanson Jr., J. S., & Barreira, M. M. (2016). A oração desde o ser: ontologia da vida orante. *Revista Pistis Prax. Teologia Pastoral*, Curitiba, 8(2), 445-464.
- Siveris, R. Irmão Marista. (2012). *Vida Religiosa*. Rede Marista do Rio Grande do Sul. Recuperado em 22 outubro, 2012, de <http://maristas.org.br/irmao-marista>.
- Stot, J. (2012). *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fase de tratamento do material empírico e documental foi considerando a complexidade do tema e a necessidade de aproximação das vivências descritas pelos Irmãos Maristas relativas as quatro grandes áreas de atuação da missão ou ação apostólica, que a pesquisadora escolheu realizar um aprofundamento vivencial nas diferentes áreas.

Em janeiro de 2014 participou do VIDAMAR I, que tratou da identidade Marista, e julho de 2016 VIDAMAR II, um aprofundamento no sentido de compreender da face Mariana da Igreja Católica, as duas atividades tratam Curso de Formação de vida Marista realizada em formato de retiro no Seminário Nossa Senhora das Graças em Veranópolis, organizado pela Província Marista para aprofundar os estudos na compreensão dos eixos norteadores da Missão Marista como leigo.

No mês julho de 2014 residiu como voluntária na casa do Irmãos em Tabatinga, na Amazônia, onde os acompanhou em situações do cotidiano em área de fronteira e risco social, visitando e conhecendo o atendimento dados aos indígenas e atuando como voluntária ministrando oficina de Jogos Cooperativos e Cultura da Paz aos professores da rede municipal e estadual. Este voluntariado proporcionou um esclarecimento vivencial sobre as sutilezas na forma de atuar de um Irmão em Missão em relação a um Irmão que é professor em uma Escola, ou mesmo na Universidade.

Dando continuidade ao processo de aprofundamento, realizou em novembro de 2014 a Peregrinação a L'Hermitage, berço do Instituto Marista, passando pela casa Geral em Roma e os demais lugares na França que são marcos da história de seu fundador Marcelino Champagnat, Montagne, Fourvière e La Valla. Este movimento permitiu dar vida às leituras realizadas de diversos documentos da congregação e reconhecer a fonte inspiradora, sendo um exemplo “A água da Rocha”, que se refere à *Espiritualidade Marista que brota da tradição de Marcelino Champagnat*, ler sobre o tema e estar diante da Rocha inspiradora aproxima a subjetividade presente no texto do concreto inspirador.

Esta trajetória teve como desdobramento o convite para participar da Comissão Organizadora de encontros promovidos pela Província Marista para os Irmãos com mais de 60 anos, inspirados na proposta da Província sobre Cuidar da Vida, o primeiro ocorreu em outubro de 2014, o segundo e o terceiro em junho e outubro de 2015, o quarto em outubro de 2016 e o quinto em março de 2017, respectivamente. A proposta dos dois primeiros Encontros foi abordar a Qualidade de Vida a partir das dimensões propostas pela OMS. O terceiro encontro avançou na discussão da relação da natureza, espiritualidade e a convivência com

estes elementos e o quarto teve como foco principal o autocuidado e o tempo de lazer. O encontro de março de 2017, na Praia Jardim do Éden, RS, onde há uma casa de veraneio, esteve vinculado à Campanha da Fraternidade de 2017, que trata dos Biomas Brasileiros. Nessa ocasião foi possível reencontrar um dos Irmãos que vivem na Amazônia e que veio realizar uma palestra e testemunho de vida sobre o tema.

A escolha de percorrer estes locais e aprofundar os estudos foram fundamentais para compreender a profundidade, a beleza de servir e olhar a complexidade e extrair o vivido e não vivido do processo etnográfico.

Entretanto, a aproximação entre PUCRS e a Província Marista, responsável pelos cuidados dos Irmãos idosos, e a proposição do projeto de pesquisa que originou esta tese, tiveram outros importantes desdobramentos. O papel do Superior Geral da Casa foi redimensionado para Animador pela Província, o atendimento aos Irmãos segue acontecendo em outros formatos, houve a substituição das atividades aquáticas por atividades realizadas na própria Casa São José conduzidas por alunos (as) da Graduação em Educação Física e alunos (as) da Especialização em Psicopedagogia, e a realização de passeios específicos programados.

A área física da Casa São José foi toda reformada pelos princípios da acessibilidade, dando melhores condições, especialmente de deslocamento, com a colocação de um elevador e aquecimento nos corredores para os moradores nos ambientes sociais. A futura implementação da presença de outros profissionais da saúde como um médico, e à medida do possível, de um psicólogo que os acompanhe na própria casa poderá diminuir o impacto da transição de uma vida social mais ativa para uma vida mais contemplativa.

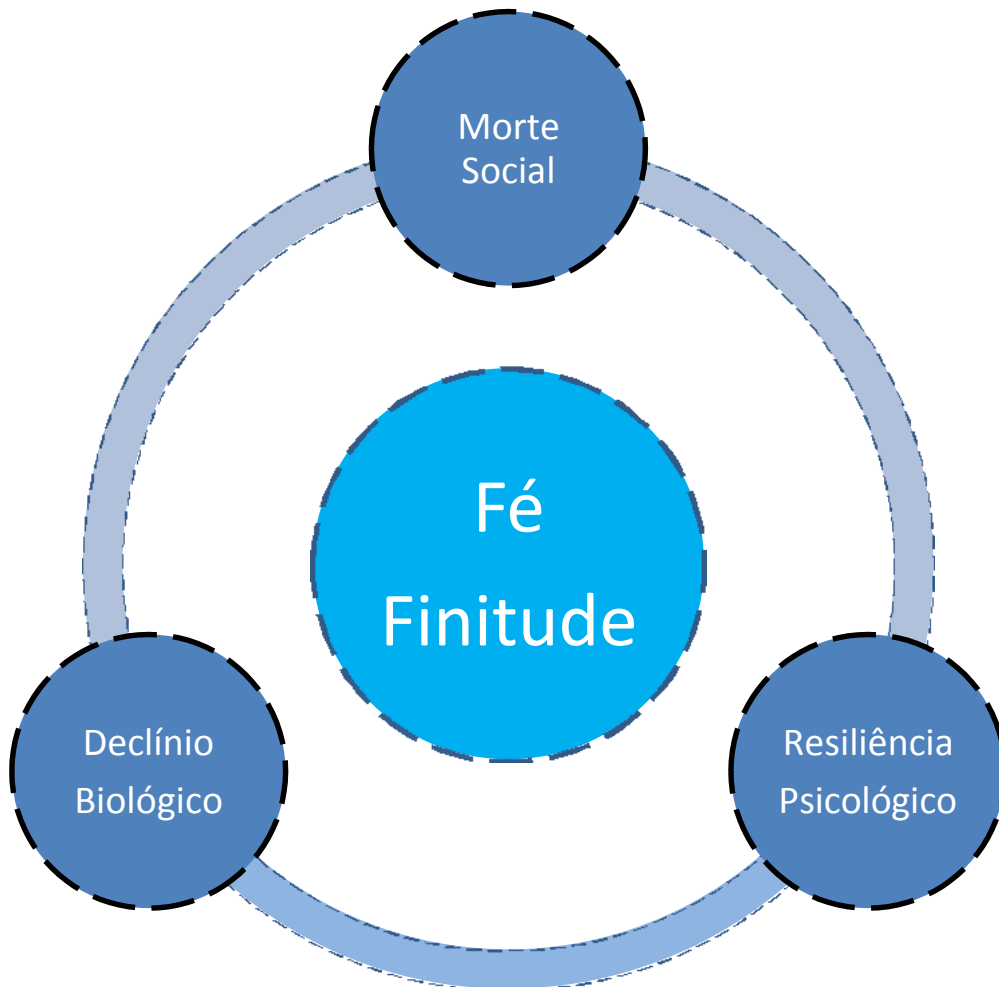
8.1 TRIANGULAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados apresentados no Primeiro e Segundo artigos a partir da Fenomenologia Transcendental de Husserl permitiu a construção da Figura 1, onde observa-se que se estabelece uma dinâmica entre: o processo de declínio biológico, a morte social que ele pode acarretar e a resiliência necessária, e presente desde a formação para vida consagrada, como elementos importantes presentes no período de finitude da vida, porém a constituição da fé permanece como o fio condutor do ciclo vital e base fundamental por toda a vida consagrada.

Considerando que o declínio biológico pode ser amenizado por meio da prática de atividades físicas ativas e passivas, observou-se, em alguma medida, a manutenção da

autonomia na realização das atividades de vida diária por parte dos participantes do estudo, especialmente no período de participação nas atividades aquáticas. A participação nas atividades e a percepção de autoeficácia na realização das atividades e exercícios relacionados ao corpo físico contribuíram para a manutenção de processos cognitivos saudáveis, diminuindo também a possibilidade de isolamento, que pode se desdobrar em processos depressivos.

Figura 1 - Síntese dos resultados



Considerando o valor histórico atribuído ao corpo, especialmente pela Igreja, contexto onde estão inseridos os Irmãos Maristas, podemos celebrar, que mesmo diante destas questões há uma superação de espontaneidade em participar das atividades corporais, o que permite constituir uma determinada corporeidade característica dos religiosos de vida consagrada. Neste sentido, podemos atribuir à resiliência construída ao longo dos anos de vida consagrada, um valor positivo no sentido de manter o equilíbrio da exigência permanente relacionada ao voto de castidade e à necessidade de sublimação.

Cabe ressaltar que a decisão de ir morar na ILPI é articulada entre o Irmão e a Província Marista uma vez que está previsto no Estatuto Marista que a partir dos 60 anos os Irmãos têm mais flexibilidade de escolha para as atividades que desejam realizar. Entretanto, de acordo com as condições, especialmente relacionadas à saúde, é possível permitir que o Irmão permaneça até os 75 anos em atividade, ou em alguns casos até além dos 80 anos de idade. Isto representa um ganho de no mínimo 10 anos de vida ativa em relação à população masculina em geral, que tem perspectiva de aposentar-se aos 65 anos de idade. Desse modo, o significado de Qualidade de vida mantém uma forte relação, tanto com os aspectos subjetivos quanto às dimensões mensuráveis por indicadores objetivos, com a construção social da comunhão consigo mesmo tecida a partir do vivido e não vivido na vida consagrada.

No entanto, em alguns casos a ida para a ILPI está em dissonância com a percepção de autoeficácia que o Irmão tem de si mesmo e o próprio desejo de não abandonar suas atividades, especialmente as que permitem manter contato direto com alunos e colaboradores, o que gera conflitos de ordem interna individual podendo se estabelecer assim o processo depressivo.

A importância da continuidade das relações com os alunos e colaboradores, que foi tão presente durante um longo período da vida mais ativa dos Irmãos, pois na sua grande maioria eles foram professores, coordenadores, diretores ou ocuparam o cargo de provincial durante muitos anos, afeta o que foi constituído a partir do tema de formação relacionado com a Comunhão com os outros. Neste aspecto é que podemos considerar que ocorre uma morte social.

Outro aspecto relevante que deve ser considerado é o simbolismo que remete ao poder presente nos papéis e cargos que foram vivenciados pelos Irmãos, pois no novo cotidiano da moradia na ILPI eles passam a contar com o auxílio de uma equipe de cuidadores para realizar as AVDs, o que exige um esforço constante do exercício de resiliência por parte do Irmãos no que diz respeito a aceitar um novo papel onde dependem do outro. Outrossim, o constante acompanhamento médico e indicações de internações imediatas contribuem para construção de um sentimento de cuidado permanente.

No que a tange à Comunhão com Deus a trajetória da construção social da fé a partir da simplicidade, humildade e modéstia, características das virtudes de Maria, revelam a fé vivenciada não só na oração cotidiana, mas também nas ações diárias de atendimento educacional de jovens e adolescentes, em especial aos mais carentes.

Uma construção da presença diária através dos significados atribuídos à prática da oração, seja nas orações realizadas na comunidade, nas fraternidades ou mesmo em momentos

de adoração demonstra a crença na sua existência articulada com o carisma Marista vivenciado a mais de 50 anos por todos os participantes chegando alguns a terem mais de setenta anos de vida religiosa.

A humildade que norteou a trajetória de cada um se mantém presente neste período de finitude da vida, onde o significado atribuído à morte representa apenas o momento de chegada junto daqueles por quem esperaram a vida toda encontrar, Jesus e Maria. Somente a fé vivida e a construção social desta fé são capazes de sustentar a crença do encontro esperado após a morte.

Como Marcelino Champagnat, não só acreditaram, mas viveram a fé na Boa Mãe, como eles se referem a Maria, com entrega, dedicação, doçura e simplicidade constituindo a face Mariana da Igreja, participando da Eucaristia diária onde Cristo se faz presente pelo corpo e sangue em um mistério incompreensível pela condição humana, o mistério da fé.

O cuidado presente nas escolhas de cada etapa dos temas abordados na formação consagrada Marista é que permite uma tessitura que se mantém no período da finitude de vida, independente do contexto cultural dos locais percorridos pelos Irmãos, os fios que tecem a Comunhão com Deus estão fortalecidos e os mantêm fiéis até o esperado encontro com Jesus e Maria.

9 CONCLUSÕES

Os Irmãos Maristas da Casa São José, ainda na fase de finitude do ciclo vital seguem conectados com o vivido e não vivido no período de formação da Congregação Marista onde, individual e coletivamente, escolheram viver a proposta de tornar-se um ser-de-relação com o mundo.

Conclui-se que a construção social do significado da Fé constituída na trajetória de vida consagrada transcende, e não só ameniza a condição física e social da velhice, mas sim sustenta com leveza e doçura o período de finitude da vida, porque faz parte do vivido e não vivido pelos Irmãos Maristas da Casa São José.

REFERÊNCIAS

- ANELE, R. F. C. **Os desafios do executivo ao inserir-se na cultura marista: um estudo nas organizações educativas da província marista do Rio Grande do Sul.** 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Mestrado profissional em Gestão de Negócios, Porto Alegre.
- ANGROSINO, M. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artemed, 2009b.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: ARTMED, 2009a.
- ARAÚJO, C. C. R. et al. Influência da idade na percepção de finitude e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.18, n. 9, p. 2497-2505, 2013.
- ARBUÉS, Ir. Benito. **Guia de formação Marista.** 1993. Disponível em: <http://www.champagnat.org/shared/documenti_maristi/GuidaFormazione93_PT.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2016.
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARRETO, J. V. Las Bases corporales de la subjetividade em la fenomenologia de Husserl. **Revista de abordagem Gestálgica**, v. 28, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2012.
- BARROS, J. P. et al. O conceito de “Sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Psicologia & Sociedade**. v. 21, n. 2, p. 174-181, 2009.
- BATISTA, Ir. J. **Vida de José Bento Marcelino Champagnat.** São Paulo: Bicentenário, 1989.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BRUSTOLIN, Leomar A.; PASA, Fabiane, M. L. A morte na Fé Cristã: uma leitura interdisciplinar. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 54-72 jan. /jun. 2013.
- CARNEIRO, R. S.; FALCONE, E. M. O. Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 119-126, 2004.
- CAT § 2650 - CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Quarta parte, a oração cristã.** Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p4s1cap2_2650-2696_po.html>. Acesso em: 29 dez. 2016.
- CAT § 2601-2602 - CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Quarta parte, a oração cristã.** Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p4s1cap2_2650-2696_po.html>. Acesso em: 29 dez. 2016.
- CLOSS, V. E.; SCHUWANKE, C. H. A. Indicadores demográficos relacionados ao envelhecimento. In: SCHUWANKE, C. H. A. et al. (Org.). **Atualizações em geriatria e**

gerontologia IV: aspectos demográficos biopsicossociais e clínicos do envelhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Cap. 1 [Ebook].

COELHO, R. A. Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 10, n. 17, p. 84-93, jan./jun, 2016.

DANTAS, J. B. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 10, n. 3, p. 898-910, 3º Quadrimestre de 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a16.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

DUTRA, R. A. F.; PAIM, J. S. Fé e razão: como a razão pode explicar Deus sem levar ao ceticismo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 10, n. 17, p. 287-297 jan./jun. 2016.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ESTAÚN, Ir. A. M. **Água da rocha.** Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, Casa Generalícia, 2007.

FLECK, M. P. A. **A avaliação da qualidade de vida: guia para profissionais de saúde.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, J. L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies**, v. 19, n. 1, p. 97-105, jan./jul. 2013.

FREITAS, M. H. Os sentidos do sentido: uma leitura fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 18, n. 2, p. 144-154, jul./dez. 2012.

GALEFFI, D. A. O que é isto? A fenomenologia de Husserl? **Ideação**, Feira de Santana, n. 5, p. 13-36, jan./jun. 2000.

GOLDSTEIN, L. L. Desenvolvimento do adulto e religiosidade uma questão de fé. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura.** Campinas-SP: Papyrus, 1993. p. 83-108.

GOMES, N. S.; LISBOA, C. S. M. Sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 599-608, 2015.

GONÇALVES, A.; VILARTA, R. **Qualidade de vida e atividade física: explorando teorias e práticas.** Barueri-SP: Manole, 2004.

GUIMARÃES, A. C. A. et al. Percepção da qualidade de vida e da finitude de adultos de meia idade e idoso praticante e não praticante de atividade física. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 661-670, 2012.

GUIMARÃES, E. D. F. **“Desejo que todo mundo seja idoso”**: o processo de envelhecimento na vida religiosa Consagrada Marista. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)-Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

GUIMARÃES, E. D. F.; ALVES, V. P. O sujeito idoso na vida religiosa consagrada. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 1, p. 71-90, 2012.

GUTZ, L.; CAMARGO, B. V. Espiritualidade entre idosos mais velhos: um sonho de representações sociais. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 793-804, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Projeção da população do Brasil. 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/30082004projecaopopulacao.shtm>>. Acesso em: 2 maio 2017.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS OU PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA. **Constituições e Estatutos**. Edição IntraText CTCopyright Èulogos 2007. Disponível em: <http://www.intratext.com/IXT/POR0012/_P9.HTM>. Acesso em: 27 dez. 2016.

IWASHITA, P. K. O culto mariano e o arquétipo do feminino: elementos antropológicos e psicológicos. **A Teo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 51, p. 546-566, set./dez. 2015.

JOLY, M. **Introdução a análise da imagem**. Edição 70: Lisboa, 2007.

JOVILET, R. **Curso de filosofia**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/cursosofilosofia/jolivet23.shtml>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

KERN, F.A. **Redes de apoio no contexto da Aids: um retorno para a vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LOPES, A. L. et al. Motivos de ingresso e permanência de idosos em um programa de atividades aquáticas: Um estudo longitudinal. **Revista Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 23-32, 1º. trim. 2014.

LUCCI, M. A. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. Profesorado. **Revista de currículum y formación del profesorado**, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MÂNICA, Jaqueline. **Relatório da Casa São José**. Porto Alegre- RS: [s.n.], 2012.

MARTINELLI, M. L. **O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social**. Seminário sobre Metodologias Qualitativas de Pesquisa. PUCSP – NEPI- maio, 1994.

MISSÃO EDUCATIVA MARISTA: UM PROJETO PARA NOSSO TEMPO. **Comissão Interprovincial de Educação Marista (1995-1998)**. 2. ed. Tradução Manoel Alves e Ricardo Tescarolo. São Paulo: SIMAR, 2000.

MOLON S. I. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out/dez. 2011.

MYNAIO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**. Londrina: Midiograf, 2003.

NERI, A. L. Qualidade de vida na velhice. In: DELITTI, M. (Ed.). **Sobre comportamento e cognição: a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental**. Campinas, SP: Arbytes, 1997. p. 34-40.

NISHIDA, Kitaro. **Ensaio sobre o bem**. Tradução Joaquim Antônio Bernardes Carneiro Monteiro. Campinas, SP: Phi, 2016.

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 141-148. 2008. Disponível em: <www.scielo.br/epsic>. Acesso em: 1 dez. 2016.

OLIVEIRA, P. P. Percepção dos profissionais que atuam numa instituição de longa permanência para idosos sobre a morte e morrer. **Ciência & Saúde**, v. 18, n. 9, p. 2635-2644, 2013.

PANSINI, W. G. A presença de Cristo na realidade da vida. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**, v. 7, n. 1, p. 145-153, 2016.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum**. Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2016.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

REIS, N. B. **Um sentido sensível do mundo pela filosofia de Merleau-Ponty**. 3º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP, v. 1, n. 1, 2008.

SAMMON, Ir. Seán. Tornar Jesus Cristo conhecido e amado: a vida apostólica Marista hoje. **Circulares**, v. 31, n. 3, p. 29-30; 35, 2006.

SANSON, Jr. J. S.; BARREIRA, M. M. A oração desde o ser: ontologia da vida orante. **Revista PistisPrax**. Teologia Pastoral, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 445-464, maio/ago. 2016.

SCHWANKE, C. H. A. **Atualizações em geriatria e gerontologia IV: aspectos demográficos, biopsicossociais e clínicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

SIVERIS, Ir. Romídio. Irmão Marista. **Vida Religiosa**. Rede Marista do Rio Grande do Sul. 2010-2012 Maristas. Disponível em: <<http://maristas.org.br/irmao-marista>>. Acesso em: 22 out. 2012.

TEIXEIRA, L. G. S. O corpo e sua relação com o sagrado. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 10, n. 17, p. 213-221, jan./jun. 2016.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-14, 2005.

VIOLANTE, M. L. V. A indissociabilidade entre as dimensões psíquica e social na constituição psíquica do sujeito. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-77, 2010.

YUNES, M. A. M. **A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda**. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. esp., p. 75-84, 2003.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

APÊNDICE A

Termo de consentimento livre e esclarecido

Título da pesquisa: A construção social da finitude de vida através dos significados do mundo vivido e não vivido.

Pesquisadores responsáveis: Jociane de Carvalho Myskiw, Francisco ArseliKern e Sônia Beatriz da Silva Gomes

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar desta pesquisa, por ter o perfil da população necessária para que a mesma se realize. O objetivo deste trabalho é identificar a construção social do mundo vivido e não vivido dos Irmãos Maristas da Casa São José.

O procedimento de geração de informações e coleta de dados consiste em participar do Programa proposto pela Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários PROEX-Diretoria de Assuntos Comunitários – DAC, seja participando das práticas de atividades aquáticas, realizadas na Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto - PUCRS e/ou convivendo e participando das reuniões semanais realizadas na Casa São José no período de setembro de 2012 a dezembro de 2013. Durante estas atividades serão feitos registros visuais através da realização de fotos e filmagens. Será realizada uma entrevista etnográfica com duração de 60 minutos, previamente agendada.

Os pesquisadores envolvidos neste estudo tratarão sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seus dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não será liberado sem permissão por escrito, exceto se exigidos por lei.

Você é livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Durante o decorrer deste estudo, novos achados, positivos ou negativos, poderão surgir. Neste caso você será informado. Se novos achados tornarem necessário reavaliar a sua situação individual ou interromper a sua participação no estudo, o pesquisador responsável pelo projeto irá discutir isto exaustivamente.

Caso tiver novas perguntas sobre estes procedimentos, posso chamar a doutoranda responsável pelo projeto ou ainda a Professora Orientadora da pesquisa e seu co-orientador, nos telefones 51 33203683 R.4900 Sônia Beatriz da Silva Gomes e 51 3203000 R. 2532 Jociane de Carvalho Myskiw e 51 3203000 R. 2532 Francisco ArseliKern .

Prof^a Dr.^a Jociane de Carvalho Myskiw Prof. Dr. Francisco ArseliKern Prof^a Me. Sônia Beatriz da Silva Gomes

APÊNDICE B**DECLARAÇÃO DO RESPONSÁVEL:**

Eu, _____, fui informado dos objetivos da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ouvir e pensar sobre a informação contida no termo de consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que novas informações, obtidas durante o estudo, serão a mim fornecidas e terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa, em face destas informações. A doutoranda Sônia Beatriz da Silva Gomes se certificará também de que meus dados pessoais serão confidenciais.

Caso tiver novas perguntas sobre estes procedimentos, posso chamar a doutoranda responsável pelo projeto ou ainda a Professora Orientadora da pesquisa e seu co-orientador, nos telefones 51 33203683 R.4900 Sônia Beatriz da Silva Gomes e 51 3203000 R. 2532 Jociane de Carvalho Myskiw e 51 3203000 R. 2532 Francisco ArseliKern.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do participante

Nome

Data

APÊNDICE C

Diário de Campo			
Data:	Local:	Nº participante	Duração:
Fatos observados		Impressões do observador	

APÊNDICE D

Entrevista Aberta

Data:	Local:	Nº participante	Duração:
<p>Tema: O que representa para o Irmão, ser morador da Casa São José neste momento de sua vida?</p>			

ANEXO A



Porto Alegre, 16 de dezembro de 2013.

Prezados Senhores

Eu, Ir. Inacio Nestor Etges, responsável pelos Irmãos Maristas da Província do Rio Grande do Sul, conheço o protocolo de pesquisa "A construção social do mundo vivido e não vivido dos Irmãos Maristas da Casa São José", desenvolvida por Sônia Beatriz da Silva Gomes, sendo pesquisador responsável a Profª Dra. Jociane de Carvalho Myskiw, e coorientador o Prof. Dr. Francisco Arseli Kern.

O início dessa pesquisa, na Casa São José, só poderá ocorrer a partir de apresentação da carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.

Atenciosamente,



Ir. Inacio Nestor Etges
Provincial

Ao Comitê de Ética em Pesquisa
Hospital São Lucas da PUCRS
Nesta Universidade

Província Marista do Rio Grande do Sul
Rua Irmão José, 11
Bairro Fm - Porto Alegre - RS
Cep: 91226-000
Tel: (51) 3014-0000
maristas.org.br

ANEXO B

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FINITUDE DA VIDA ATRAVÉS DOS SIGNIFICADOS DO MUNDO VIVIDO E NÃO VIVIDO

Pesquisador: Jociane de Carvalho Myskiw

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63878717.0.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.899.200

Apresentação do Projeto:

O pesquisador principal do estudo encaminhou ao CEP-PUCRS resposta as pendências emitidas por esse CEP em 23/01/2017.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador principal do estudo encaminhou ao CEP-PUCRS resposta as pendências emitidas por esse CEP em 23/01/2017.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador principal do estudo encaminhou ao CEP-PUCRS resposta as pendências emitidas por esse CEP em 23/01/2017.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O pesquisador principal do estudo encaminhou ao CEP-PUCRS resposta as pendências emitidas por esse CEP em 23/01/2017.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucls.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.899.200

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas na Resolução CNS n° 466 de 2012 e da Norma Operacional n° 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_846037.pdf	24/01/2017 15:21:58		Aceito
Outros	cartarespostaCEP.pdf	24/01/2017 15:21:42	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	11/01/2017 12:57:35	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito
Orçamento	OrcamentoIGG.pdf	11/01/2017 12:02:03	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	11/01/2017 12:00:18	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	11/01/2017 11:56:00	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito
Outros	DocumentoUnificadoSIPESQ.pdf	10/01/2017 13:42:11	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa.docx	10/01/2017 13:40:57	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermodeCompromisso.pdf	10/01/2017 13:31:39	Jociane de Carvalho Myskiw	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 26 de Janeiro de 2017

Assinado por:
Denise Cantarelli Machado
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucls.br

ANEXO C



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
 FACHS-Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
 Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia
 Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento/NEPE

KAIROS
 GERONTOLOGIA
 Revista

PUC-SP

DECLARAÇÃO

A Editoria da Revista Kairós Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na cidade de São Paulo (SP), Brasil, declara, para os devidos fins e efeitos legais, que a Profa. Ms. **SÔNIA BEATRIZ DA SILVA GOMES**, Professora Adjunta da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, submeteu para publicação neste periódico o manuscrito **“ENVELHECER E MORRER, OS PROCESSOS DE FINITUDE E AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS NA VIDA DE RELIGIOSOS MARISTAS”**, em parceria com os articulistas Jociane de Carvalho Myskiw e Francisco Arseli Kern. Artigo que foi **ACOLHIDO E ACEITO** por esta Editoria e tem espaço reservado para publicação no volume 20(1), de 2017, de nossa revista Kairós Gerontologia, após processo de avaliação pelo Conselho Científico de Pareceristas desta revista, a devida revisão, e posterior aprovação final para publicação.

Sobre este periódico, informa-se que este é interdisciplinar, de periodicidade trimestral, oferecendo espaço de veiculação *on line* a trabalhos, a partir de 2016 em formato preferencialmente trilingue (português, inglês, espanhol), não deixando, porém, de veiculá-los em formato bilíngue e monolíngue. São aceitos trabalhos com concentração em Gerontologia Social, ou que façam interface com as questões da área do envelhecimento e da velhice, e que são avaliados e recebem avaliação de especialistas brasileiros ou estrangeiros, membros do Conselho Científico de Pareceristas, sob o processo de “avaliação cega por pares”. É revista com indexação nacional e internacional, sendo quatro volumes regulares, efetivos (em um total de 100 trabalhos), e mais dois volumes especiais, temáticos, eventuais, ao ano, em um total aproximado de 30 trabalhos. A revista veicula *on line*, portanto, cerca de 130 trabalhos a cada ano, de múltiplas temáticas e de diversidade regional e internacional. O acesso livre se dá por meio do endereço: <http://revistas.pucsp.br/kairos>.

São Paulo, 27 de janeiro de 2017.

Prof.ª Dr.ª Flaminia M.M. Lodovici
 (Editora Científica)
 flalodo@terra.com.br
 kairos@pucsp.br
 flodovici@pucsp.br
 55.11.3258-1568; 55.11.99114-7605

ANEXO D

[PsicolEstud] Agradecimento pela Submissão

M

Marilda Gonçalves Dias Facci <revpsi@uem.br>

Responder a todos

qui 22/06, 18:41

Sonia Beatriz da Silva Gomes

Profa. Me. Sônia Beatriz da Silva Gomes,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "Religiosos e a Fé constituída e preservada na finitude do ciclo vital" para Psicologia em Estudo. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

Endereço do Manuscrito:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/author/submission/38200>

Login: soniabeatriz

Siga o TUTORIAL com os passos para utilizar o sistema e acompanhar seu artigo.

<http://vivawebinternet.com.br/projetos/eduem.uem.br/downloads/AUTOR.pdf>

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos por considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Marilda Gonçalves Dias Facci
Psicologia em Estudo

Psicologia em Estudo

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud>

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud>